

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

GUSTAVO AMARAL BARBOSA

**PERCEPÇÃO SOBRE A CIDADE DE JUIZ DE FORA (MG) E SUAS
REPRESENTAÇÕES POR MEIO DE MAPAS MENTAIS.**

Juiz de Fora
2023

GUSTAVO AMARAL BARBOSA

**PERCEPÇÃO SOBRE A CIDADE DE JUIZ DE FORA (MG) E SUAS
REPRESENTAÇÕES POR MEIO DE MAPAS MENTAIS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Dinâmicas Socioespaciais.

Orientador: Prof. Dr. Wagner Barbosa Batella

Juiz de Fora
2023

Ficha catalográfica elaborada através do
programa de geração automática da
Biblioteca Universitária da UFJF, com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Amaral Barbosa, Gustavo .

Percepção sobre a cidade de Juiz de Fora (MG) e suas
representações por meio de mapas mentais / Gustavo
Amaral Barbosa. -- 2023.

143 p. : il.

Orientador: Wagner Barbosa Batella

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade
Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas.

Programa de

Pós-Graduação em Geografia, 2023.

1. Mapas Mentais. 2. Percepção urbana. 3. Juiz de
Fora. I. Barbosa Batella, Wagner, orient. II. Título.

GUSTAVO AMARAL BAROSA

**PERCEPÇÃO SOBRE A CIDADE DE JUIZ DE FORA (MG) E SUAS
REPRESENTAÇÕES POR MEIO DE MAPAS MENTAIS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Dinâmicas Socioespaciais.

Aprovado em 4 de outubro de 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wagner Barbosa Batella
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Bruno Muniz Figueiredo Costa
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Denis Richter
Universidade Federal de Goiás

A todos e todas que, de alguma forma,
fizeram parte dessa aventura.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço às pessoas de casa, minha mãe Andrea, meu pai Moacir e meus irmãos Vinicius e Júlia, pelo amor e apoio incondicional na caminhada. Com carinho, amplio meus agradecimentos à vó Emília e a minhas tias e tios, além de todos os primos. Por último, agradeço à Carol, minha companheira e parceira de vida. A toda minha família, muito obrigado e muito amor!

Aos amigos, deixo um agradecimento sincero. Um abraço especial aos parceiros de pesquisa, que entendiam e compartilhavam os mesmos sentimentos. Obrigado pela amizade, pela sinergia e pela preocupação. Sorte na vida, amigos!

Aos professores, todos eles, agradeço a educação. Em especial, deixo um agradecimento genuíno aos educadores que participaram da pesquisa, das aulas, conversas até as bancas, principalmente, ao grande professor e orientador Wagner Batella, que caminhou junto e sempre esteve presente nos estudos. Aos professores, meu mais profundo obrigado. Sigamos!

Às instituições, agradeço à Universidade Federal de Juiz de Fora, ao Colégio de Aplicação João XXIII e à CAPES por todo suporte, pela estrutura e pelas oportunidades. Lutemos pela preservação do ensino público!

Agradeço a vida e dedico essa pesquisa àqueles que não estão fisicamente entre nós, devido a pandemia de Covid-19.

Andando devagar eu atraso o final do dia.

Manoel de Barros

RESUMO

A presente pesquisa busca analisar as percepções que os jovens escolares têm sobre a cidade de Juiz de Fora, utilizando os mapas mentais como forma de representação desse espaço urbano. A cidade de Juiz de Fora pode ser apreendida de várias maneiras, principalmente por meio da experiência cotidiana de seus habitantes. A experiência é uma prática que se desenrola num espaço geográfico, que é vivido, ocupado e habitado. Uma das formas de experienciar o espaço geográfico da cidade se dá através da percepção, que pode ser considerada a primeira forma de conhecimento de mundo. Este tipo de conhecimento é carregado de subjetividade, pois é reflexo daquilo que cada um vive. Na Cartografia, a subjetividade se encontra nas formas alternativas de representação do espaço, em que são levados em conta o mundo vivido e percebido através das experiências espaciais dos sujeitos, assim, como formas alternativas de representação, tem-se os mapas mentais. Com orientações na metodologia qualitativa, fez-se um estudo de caso com os alunos do terceiro ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação João XXIII. Dito isso, esta pesquisa tem por objetivo conhecer e analisar as percepções que os jovens escolares têm sobre Juiz de Fora e como eles a representariam por meio de mapas mentais. Os mapas representam espaços comuns da cidade, mostrando um pouco da rotina dos jovens, além de apresentarem certas individualidades e percepções sobre Juiz de Fora. Com isso, foi notado que a percepção urbana dos jovens está associada à sua rotina escolar e a seus espaços de lazer na cidade, seja ele público ou privado.

Palavras-chave: Mapas mentais; Jovens escolares; Juiz de Fora; Percepção urbana.

ABSTRACT

This research seeks to analyze the perceptions that young students have about Juiz de Fora city, using the mental maps as a way of representing this urban space. Juiz de Fora city can be apprehended in many ways, mainly, through the everyday experience of its inhabitants. The experience is a practice that unfolds in a geographic space, which is lived, occupied and inhabited. One of the ways to experience the geographic space of the city is through perception, which can be considered the first form of world knowledge. This kind of knowledge is loaded with subjectivity, because it is a reflection of what each one lives. In Cartography, subjectivity is found in alternative forms of representation of space, which the lived and perceived world is taken into account through the spatial experiences of the subjects, thus, as alternative forms of representation, there are mental maps. With guidelines on qualitative methodology, case study 3rd year of High School students of Colégio de Aplicação João XXIII. Having said that, this research aims to know and analyze the perception that young students have about Juiz de Fora and how they would represent it through mental maps. The maps represent common spaces in the city, showing a little of young students routine, besides to presenting certain individualities and perceptions about Juiz de Fora. Thereby, it was noted that their urban perception of young students is associated with their school routine and its leisure spaces in the city, whether public or private.

Keywords: Mental Maps; Young students; Juiz de Fora; Urban Perception.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização de Juiz de Fora (MG).....	16
Figura 2: O homem é a maior alegria do homem.....	33
Figura 3: Centro.....	36
Figura 4: Parque Halfeld.....	37
Figura 5: Calçadão.....	38
Figura 6: Margens acolhedoras.....	38
Figura 7: Avenida Rio Branco.....	39
Figura 8: Avenida Rio Branco.....	40
Figura 9: Imagens de Juiz de Fora.....	42
Figura 10: Quadro da Estação Ferroviária Central exposto na feira livre da Av. Brasil.....	43
Figura 11: Cartão postal colorizado.....	43
Figura 12: Edifício Clube Juiz de Fora.....	44
Figura 13: Cine-Theatro Central pelas mãos de Carlos Bracher, pintor e escultor brasileiro, 02/09/2022.....	45
Figura 14: Mapa do calçadão da rua Halfeld.....	46
Figura 15: O movimento da cidade observado do início do calçadão da rua Halfeld.....	48
Figura 16: Artes pela cidade que dizem respeito à pandemia do novo corona vírus.....	50
Figura 17: Juiz de Fora.....	52
Figura 18: Colégio de Aplicação João XXIII.....	87
Figura 19: Mapa Mental 1, com destaque o bairro Centro.....	99
Figura 20: Mapa Mental 1, destacando os bairros e suas zonas.....	100
Figura 21: Mapas Mentais 1 com ênfase em algumas funcionalidades do Centro.....	101
Figura 22: Ruas percorridas pelo ônibus da linha 222.....	104
Figura 23: Mapas Mentais 1 e 2 ilustrando os bairros Centro, Santa Helena e Manoel Honório, além de algumas ruas do bairro.....	105
Figura 24: Mapas Mentais 1 e 2 destacando os trajetos mais frequentados da autora.....	106
Figura 25: Mapa Mental 1 com representações dos lugares frequentados.....	107

Figura 26: Mapa Mental 1 com os bairros mais frequentados.....	107
Figura 27: Mapa Mental 2 identificando alguns trajetos e pontos da cidade.....	111
Figura 28: Mapa Mental 1 com representação de duas importantes praças de JF.....	114
Figura 29: Mapa mental 2 destacando o transporte público.....	116
Figura 30: Mapas mentais 2 também destacando o transporte público.....	116
Figura 31: Mapa mental 2 destacando o carro como forma de deslocamento durante a semana.....	117
Figura 32: Mapa mental 1 destacando o ônibus e o deslocamento a pé.....	117
Figura 33: Mapa mental 1 destacando o Rio Paraibuna.....	118
Figura 34: Mapa Mental 2 ilustrando o trajeto casa-escola.....	120
Figura 35: Mapas Mentais 2 representando partes da cidade.....	121
Figura 36: Mapas Mentais 2 destacando alguns trajetos.....	121
Figura 37: Mapas Mentais 2.....	122
Figura 38: Mapas Mentais 2 com destaques para ruas e avenidas.....	122
Figura 39: Mapa Mental 1 representando dois lugares importantes para a história da cidade.....	125
Figura 40: Mapa Mental 1 e Mapa Mental 2 com representações do Rio Paraibuna.....	127
Figura 41: Mapas Mentais 2 com representações do Rio Paraibuna.....	127

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Apuração das atividades realizadas no campo.....	90
Tabela 2: Cidade de origem dos participantes que não nasceram em Juiz de Fora e o tempo em que eles moram na nova cidade.....	96
Tabela 3: Bairros mais citados no endereço residencial de cada participante....	97
Tabela 4: Bairros mais frequentados pelos participantes.....	105
Tabela 5: Lista dos lugares mais frequentados pelos participantes na cidade de Juiz de Fora.....	120
Tabela 6: Pontos positivos e negativos mais citados pelos participantes e a quantidade de vezes citados.....	123
Tabela 7: Lugares que os participantes levariam turistas.....	123

Tabela 8: Imagem que vem à cabeça dos participantes quando se pensa na cidade de Juiz de Fora.....	126
--	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Mapa conceitual das categorias de análise.....	92
Quadro 2: Participantes que mudariam de bairro e os bairros escolhidos.....	98
Quadro 3: Informações sobre os bairros dos participantes.....	102
Quadro 4: Informações sobre as ruas citadas do Centro da cidade.....	110
Quadro 5: Informações sobre os espaços públicos do Centro da cidade.....	112

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Sexo e idade dos participantes da pesquisa.....	95
Gráfico 2: Participantes nascidos em Juiz de Fora (MG).....	96
Gráfico 3: Frequência com que os participantes vão ao Centro da Cidade.....	108
Gráfico 4: Meios de deslocamentos pela cidade.....	115
Gráfico 5: Frequência com a qual os participantes se deslocam a pé pela cidade.....	119
Gráfico 6: Número de participantes que conhecem a história da cidade.....	124

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 APREENDENDO A CIDADE	18
2.1 A experiência com a cidade e as formas de apreendê-la	19
2.2 A cidade de Juiz de Fora: experiências, trajetos e imagens	34
2.3 A pandemia e a (falta de) experiência urbana: uma discussão necessária ..	49
3 PERCEPÇÕES, REPRESENTAÇÕES E MAPAS MENTAIS	54
3.1 Percepção e o mundo vivido: “existir é ser no mundo”	55
3.2 Percepções e os mapas mentais	65
3.3 Mapa mental como representação cartográfica na Geografia	76
4 PERCEPÇÕES SOBRE A CIDADE E SEUS MAPAS	80
4.1 Caminhos metodológicos: da elaboração à aplicação	80
4.2 A cidade percebida e representada pelos jovens	94
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	133
APÊNDICES	137
Apêndice A	137
Apêndice B	142
Apêndice C	143

1. INTRODUÇÃO

“Percepção sobre a cidade de Juiz de Fora (MG) e suas representações através de mapas mentais” é um trabalho que foi se construindo desde a metade e final da graduação em Geografia, como uma ideia, e teve seu amadurecimento durante os anos de mestrado. A ideia foi surgindo com a necessidade de conectar os estudos que obtive nos projetos de iniciação científica, com minha formação em licenciatura. Durante a parte final da graduação, via-me com um dever de aproveitar os anos estudando a geografia-histórica da cidade de Juiz de Fora, com os estudos voltados para a educação escolar de jovens. Por esse motivo, nascia uma ideia de projeto de pesquisa.

A ligação entre esses dois campos citados acima se deu através da Cartografia. Vale destacar, logo no início, que tipo de Cartografia seria capaz de ligar esses pontos. E a resposta, além de outros tantos pesquisadores, está em Harley (1991), com uma Cartografia das representações subjetivas ou em Seemann (2003), com as Cartografias alternativas. Assim, a Cartografia se desligava da sua tradicionalidade, por meio das análises e representações espaciais das Cartas e Plantas Cadastrais da cidade, dando espaço para outras formas de cartografar o espaço.

Essas outras formas são colocadas como maneiras alternativas de construção e representação, buscando as análises cartográficas objetivas e, essencialmente, subjetivas. Assim, este trabalho se dedicará a uma Cartografia que se relaciona com o comportamento e ação humano, uma Cartografia que está ligada às experiências temporais, espaciais e sociais. Esta Cartografia se insere no campo da Geografia das Representações, na qual encontramos os mapeamentos pessoais, cognitivos e, posteriormente, os mentais (KOZEL, 2013).

Ao pensar na Educação, os jovens escolares aparecem como sujeitos que vivem a cidade e nela fazem suas rotinas. Mas qual a compreensão que eles têm da cidade que moram? Quais suas percepções desse espaço? Como eles representariam, sem qualquer rigor ou técnica cartográfica? Eles conhecem a cidade em que vivem?

Essas e outras perguntas foram fundamentais para construir um projeto de pesquisa, que conseguisse responder, não todas, mas algumas dessas

dúvidas que surgiam na cabeça de um jovem professor e pesquisador. A cidade de Juiz de Fora se tornou espaço de estudo, os jovens escolares foram os sujeitos da pesquisa, a experiência e percepção urbana orientavam o campo teórico e as cartografias alternativas serviram como metodologia para chegar aos desfechos.

Assim, a pesquisa procurou compreender a cidade que é percebida pelos jovens, os quais têm suas maneiras de viver, de pensar e de sentir. A rotina na cidade é moldada pelas práticas urbanas de seus habitantes, e aqui se coloca a importância de conhecer e analisar o cotidiano dos jovens nesses espaços, pois eles fazem parte dessa paisagem. Afinal, esta paisagem a que nos referimos é, antes de tudo, uma experiência (BESSE, 2014).

Se a experiência é a habilidade de aprender a partir da própria vivência (TUAN, 1983), a cidade é apreendida diariamente pelos seus habitantes, mesmo que a rotina faça com que as pessoas não percebam todos os elementos oferecidos por ela. Desta forma, buscaremos conhecer e analisar as percepções que os jovens escolares têm sobre Juiz de Fora e como eles a representariam por meio de mapeamentos mentais. Além disso, discutiremos as relações cotidianas desses jovens com a cidade e tentaremos entender esta cidade através das percepções desses que a frequentam.

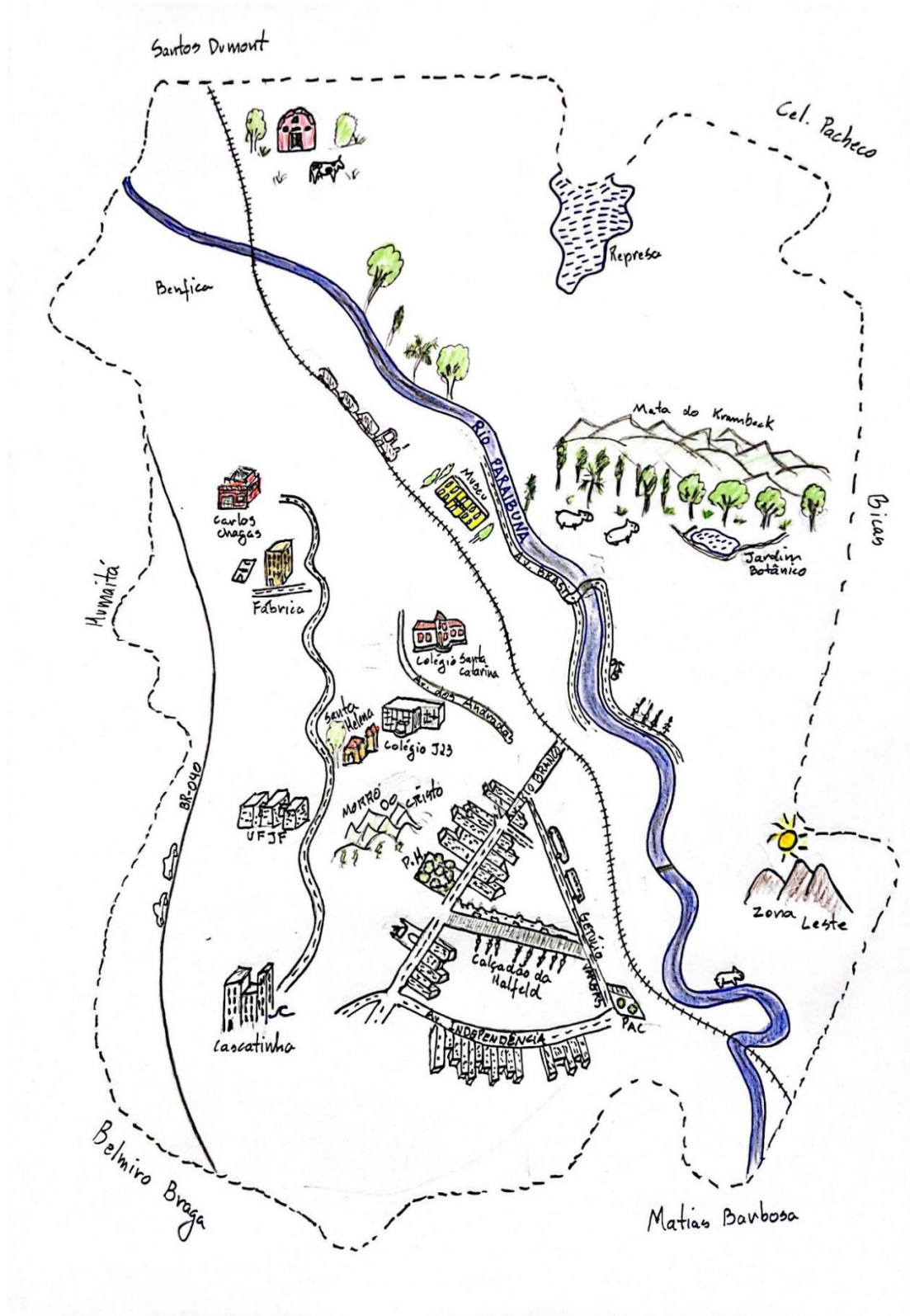
O título da pesquisa anuncia alguns pontos que serão discutidos posteriormente. Dessa maneira, o texto se estruturará da seguinte forma:

No primeiro capítulo, falaremos sobre a cidade, mas sem a preocupação de conceituá-la, e sim trazendo uma discussão sobre as formas de apreendê-la, através da experiência que cada pessoa cria dia após dia com sua vivência no espaço urbano. Ainda nesse capítulo, trataremos Juiz de Fora como lugar de estudo, suas imagens, suas histórias e seus trajetos como possíveis formas de experienciar a cidade. Por fim, abriremos uma discussão breve, mas necessária, sobre a pandemia do coronavírus e seus impactos na cidade.

Sobre a cidade estudada, temos em Juiz de Fora uma rica história de formação. De picadas, caminhos, estradas e ferrovias, dos Sertões Proibidos do Leste, do Caminho Novo, das sesmarias nas primeiras décadas do século XVIII, do povoamento nas margens do rio Paraibuna, todas essas características estão associadas a formação histórico-geográfica da cidade, que durante muito tempo

foi um importante centro comercial, industrial e cultural, uma cidade que já foi capital intelectual de Minas (FAZOLATTO, 2001) (Figura 1).

Figura 1 - Mapa da cidade de Juiz de Fora



Fonte: Produzido pelo próprio autor (2023).

No segundo capítulo, haverá uma explanação acerca dos conceitos de percepção, mundo vivido e mapas mentais. Num primeiro momento, nos preocuparemos em fazer um diálogo entre percepção e mundo vivido, colocando a percepção como primeira forma de conhecimento de mundo. Posteriormente, estenderemos este diálogo com outros conceitos importantes para a pesquisa: representação e mapas mentais. Por fim, abordaremos e justificaremos o mapa mental como uma forma de representação cartográfica no campo da Geografia.

Com esses dois capítulos, reuniremos discussões importantes para conseguir dar sequência à pesquisa. Tanto no primeiro, quanto no segundo capítulo serão feitas apresentações e conceitualizações das temáticas trabalhadas, além da revelação do método de pesquisa e de todo aporte para iniciar as próximas discussões.

Com isso, chegaremos ao terceiro capítulo, parte fundamental e mais extensa do texto, que apontará os caminhos metodológicos da pesquisa e apresentará os resultados do trabalho de campo — com ricas e belas produções cartográficas. Através de abordagens de cunho qualitativas e trabalhando com uma realidade específica, optamos por uma orientação de estudo de caso com os participantes da pesquisa, que são formados por 65 alunos do terceiro ano do Ensino Médio, do Colégio de Aplicação João XXIII. Da elaboração à aplicação, falaremos dos trajetos da pesquisa, da revisão bibliográfica, dos espaços e sujeitos selecionados, dos instrumentos de estudo e das análises prévias do trabalho. Em sequência, com o levantamento, digitalização e interpretação de todos os dados adquiridos em campo, 65 questionários de investigação e 110 mapas mentais, conheceremos e analisaremos a percepção dos jovens sobre a cidade.

Por fim, apresentaremos as últimas considerações da pesquisa e apontaremos alguns caminhos futuros. Após toda análise, voltaremos com algumas ideias levantadas no decorrer do texto para que sejam feitos fechamentos de ideias.

2. APREENDENDO A CIDADE

O conhecimento de uma cidade varia muito de uma pessoa para outra. A maioria das pessoas são capazes de indicar pelo nome os dois extremos da escala urbana, a cidade como um todo e a rua onde moram. (Tuan, 1980, p.222)

Nesse capítulo, buscamos um diálogo entre a cidade e a experiência das pessoas que nela vivem. Tais palavras — ou conceitos — serão explorados no decorrer do texto, que se preocupou em analisar como as experiências com o espaço urbano auxiliam numa maior apreensão da cidade.

Acreditamos que há formas de compreender a cidade, e que muitas dessas se dão pelas práticas e experiências cotidianas das pessoas com seus espaços de vivências. Logo, compartilha-se da ideia de que a cidade é lugar do dia a dia das pessoas que a usam.

Trajetos, imagens, histórias e memórias nos ajudam a entender melhor os espaços dos cidadãos. Nesse capítulo, abordaremos discussões a esse respeito, de uma cidade que é habitada por milhares de pessoas, mas que seu conhecimento vai variar de uma pessoa para a outra, como disse Tuan (1980).

Aqui, falaremos da cidade, mas ela muito tem a dizer sobre nós:

A cidade se inventa
 Eu mesmo me invento
 Sinto que fui inventado junto dela
 Crescemos juntos
 Nos inventamos
 [...]
 A cidade começava
 As ruas inventando casas
 Bairros
 Pessoas
 Classes
 Gangues
 Outras ruas
 [...]
 E a cidade anda
 As pessoas andam
 A rotina anda
 E roteiriza o tempo
 Que a cada dia se inventa
 A cidade muda
 As pessoas mudam
 A rotina não

Não muda
Muda o não
Muda
A cidade
As pessoas
Mudam
A rotina
Eu não
Eu sempre fui o mesmo
Sempre fui da cidade
Nem eu sabia
Que sempre fui
Descobri ontem (VIANA, 2017, p.41 - 44).

2.1 A EXPERIÊNCIA COM A CIDADE E AS FORMAS DE APREENDE-LA

Antes da cidade, era o bairro. Nele se conseguia fazer quase tudo. Comprava-se biscoitos, balas, lanches, ia-se ao mercadinho para a família, brincava-se na rua, ficava-se na praça conversando com os amigos, assistia-se o movimento dos carros e ônibus que circulavam pelas ruas — quase todas asfaltadas. Assistia-se, também, as pessoas que trabalhavam no comércio, na estampanaria, nas mecânicas e nas escolas, compondo o lugar onde grande parte das pessoas nascem e moram por um determinado tempo.

A vida se dava nesse espaço, que, quando jovem, é pequeno e, com o passar do tempo, fica grande, no que diz respeito às experiências espaciais. Para uma criança, sua experiência se resume ao bairro e algumas outras localidades, como o caminho da escola, um clube, a casa de algum parente, entre outros espaços que fazem parte da locomoção dela. O bairro faz parte de sua socialização com outros espaços e pessoas, inclusive se for em bairros mais afastados da área central, onde as dinâmicas são diferentes. Há de se constatar que algumas crianças nascem em regiões centrais, condomínios fechados, ou em áreas isoladas de um núcleo urbano, o que altera essa dinâmica mencionada acima. Não há parâmetro, mas o que vale pensar é que, quando jovem, o ser social não tem tanta independência espacial.

Com o decorrer do tempo, ganha-se autonomia. A criança, que ia com os pais para a escola, passa a usar algum transporte público ou a percorrer sozinho o caminho até o colégio. Ela vai ao mercado, à feira, ao comércio, às festas, eventos, às brincadeiras em outros locais, entre outras coisas, levando consigo

sua autonomia e portando uma segurança que lhe é garantida pelo seu maior conhecimento espacial.

Hoje, uma criança conseguiria com pouca dificuldade identificar uma cidade. O antropólogo, ensaísta e poeta Antonio Risério, na série “A cidade”, sob direção de Isa Grinspum Ferraz, narra um menino viajando de avião, que ao apontar pela janela disse: “mamãe, uma cidade ali, tem uma cidade”, mostrando a facilidade de indicação quando aquele a viu pelo alto. Muitas pessoas sabem reconhecer uma cidade, talvez, a complicação estaria na pergunta de definição: “o que é uma cidade?”. O embaraço estaria aqui, pois as respostas podem variar de acordo com a educação, a cultura, a situação social, os interesses de cada um, além de variar de acordo com a natureza dos saberes instituídos, podendo obter explicações econômicas, sociológicas, filosóficas, urbanísticas, ecológicas, entre outras. (FERRAZ, 2019).

As crianças, e qualquer outra pessoa que habite uma cidade, sabem o que esta é, pois elas vivem na/a cidade e constroem seu cotidiano e o cotidiano da cidade. Renato Cymbalista, arquiteto e urbanista, contribui com a série mencionando um exercício de indagação à cidade, na qual ela é aquilo que perguntamos a ela. Pode-se perguntar sobre sua materialidade; sobre que cara a cidade tem; perguntar também sobre as redes de sociabilidade, que os cidadãos fazem na cidade; indagá-la a partir das injustiças que ela produz e reproduz; sobre os novos horizontes, possibilidades de vida; ele propõe tratar a cidade como uma esfinge, na qual se faria perguntas para ela e ela responderia — ou não (FERRAZ, 2019).

Ana Fani Alessandri Carlos nos propõe um exercício de pensar a cidade, seja pelo trajeto do ônibus que corta a cidade do centro à periferia, pelo amontoado de prédios, pela paisagem cinza, pela falta de verde, pelo congestionamento nos horários de pico, pela multidão de gente, pelas nuvens de poluição, pelas buzinas, barulhos de carro e moto, seja pelas sirenes que ecoam nos corredores urbanos. A cidade surge aos nossos olhos, no plano diretamente perceptível, como concreto propriamente visível e percebido (CARLOS, 2019).

O exercício de pensar a cidade pode funcionar como um quebra-cabeça. Imagine: a falta de áreas verdes encaixaria com a paisagem cinza, que é marcada pelo amontoado de prédios, nos quais formam corredores que

intensificam barulhos e que são percorridos por uma multidão de pessoas que andam, enquanto muitos carros ficam parados devido ao congestionamento nos trajetos que se diversificam e ligam a cidade. Tal cidade estaria encoberta pela nuvem de poluição.

Esse exercício de imaginar a cidade pelas aparências que temos se torna importante devido a composição da paisagem urbana, que é marcada por heterogeneidades. O que vem aos olhos são espaços construídos, como o quebra cabeça montado acima, mas, entre as peças, há o que a autora chamou de “movimento da vida”. Esta argumentação anda junto como uma das definições de cidade, que, antes de mais nada, é “uma concentração de pessoas exercendo, em função da divisão social do trabalho, uma série de atividades concorrentes ou complementares, desencadeando uma disputa de usos” (CARLOS, 2019, p.40).

A cidade tem sido analisada como concentração de população, instrumento de produção, atividades de serviço, infraestrutura, reserva de mão de obra, trabalhadores e sobretudo, mercadorias. No limite último: ruas, prédios, carros, gente, etc [...]. Pensar a cidade significa refletir sobre o espaço urbano. A paisagem urbana é a forma pela qual o fenômeno urbano se manifesta, **o espaço urbano pode ser apreendido**” (CARLOS, 2019, p.70) [grifo nosso].

A apreensão do espaço urbano não é uma tarefa fácil, constrói-se sua compreensão levando em conta alguns aspectos. De maneira ampla, para além das aparências, a cidade precisa ser olhada pela essência. Segundo o Dicionário Online (2021), essência está ligado à própria existência, aquilo que constitui a natureza de um ser ou de uma coisa; no âmbito filosófico, a essência de algo são seus elementos característicos, a essência vai ser uma representação do que é universal e que se depara no âmago de alguém ou de alguma coisa. Diante disso, para além das formas, composições e funcionalidades, é importante analisar a cidade através de suas características intrínsecas, que fazem parte da sua composição.

Portanto, assumiremos que as relações cotidianas, as possibilidades de encontro, o andar a pé pela cidade, a rua, a memória e a história são imprescindíveis para apreensão da cidade. Nesse contexto, destaca-se a importância da experiência.

Para Yi-Fu Tuan (1983), a experiência engloba as diferentes maneiras por meio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade; a experiência implica a habilidade de aprender a partir da própria vivência; experienciar é superar os perigos. Logo, a experiência é necessária.

A experiência tem uma conotação de passividade; a palavra sugere o que uma pessoa tem suportado ou sofrido. Um homem ou mulher experiente é a quem tem acontecido muitas coisas [...]. Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento [...] A experiência é constituída de sentimento e pensamento (TUAN, 1983, p.10-11).

Experienciar a cidade torna-se um ato fundamental para apreendê-la. Esse ato está ligado a tudo que vivenciamos no ambiente urbano, como as idas ao banco, ao teatro, cinema, a uma exposição, às compras nas feiras, a espera nos pontos de ônibus, a procura de vaga nos estacionamentos, as delongas filas para se vacinar — o que muitas pessoas passaram recentemente —, ao reparar na construção de um prédio em detrimento à queda de outro, aos protestos nas ruas tomadas por manifestações, a análise dos símbolos urbanos, a observação dos movimentos dos pedestres e carros. No ambiente urbano também é possível vivenciar o encontro com algo novo — ou alguém —; descobrir algo inédito ao esperar os minutos do sinal vermelho; perde-se entre as ruas e pedir informação — e na próxima situação saber exatamente onde está —; dar atenção a alguém que lhe pede uns minutos dela; perguntar onde fica um lugar que você não conhece; responder questionário de quem lhe para na rua; passar por lugares que despertam a memória; entre outras coisas, que cada pessoa listaria de forma diferente desta.

Além de concreta, no campo real, a experiência pode ser subjetiva, no campo imaginário. A música Sampa (1978), considerada um hino de amor à São Paulo, composta pelo jovem Caetano Veloso, recém-chegado à cidade, mostra suas impressões ao chegar à capital paulista (SÃO PAULO SECRETO, 2021); e seus versos despertam nos ouvintes algo misterioso, que acontece no cruzamento das ruas. Talvez, a pessoa que chega à São Paulo não queira visitar a tão famosa avenida Paulista, ou ir às compras na rua 25 de março, nem mesmo

os grafites que desenham as paredes do Beco do Batman, sua maior expectativa estaria no encontro das avenidas Ipiranga e São João, presente na canção,

Alguma coisa acontece no meu coração/
Que só quando cruza a Ipiranga e Av. São João/
É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi/
Da dura poesia concreta de tuas esquinas/
Da deselegância discreta de tuas meninas/
Ainda não havia para mim Rita Lee/
A tua mais completa tradução/
Alguma coisa acontece no meu coração/
Que só quando cruza a Ipiranga e avenida São João (VELOSO, 1978).

Empire State of mind, música de Jay Z com Alicia Keys (2009), aborda Nova York como uma selva de pedra, onde os sonhos acontecem, onde as coisas se realizam. André Delacerda e Diogo Fagundes, em *Cidade do Rio* (2014), narram o Rio de Janeiro como uma poesia viva, uma obra de arte ao ar livre: “Rio, tu es a esquina, a mesa de bar, a porta que nos leva do presente ao passado, que nos faz viajar por gente nobre e simples, mas gente que se resume na essência do ser Carioca”.

O romance/fantasia *Meia-noite em Paris*, de Woody Allen (2011), apresenta um bom exemplo do que seria a experiência no campo do imaginário. O filme não se prende aos romances tradicionais e busca exaltar uma experiência histórica e literária pela Cidade Luz. Quando os sinos da meia noite tocam, o personagem é convidado a fazer uma viagem por Paris da *Belle Époque* e dos anos 20. Nessas viagens, o personagem principal, Gil, conhece artistas importantes, como Scott e Zelda Fitzgerald, Ernest Hemingway, Cole Porter, Picasso etc. Gil é um escritor curioso e sonhador, além de uma pessoa que vê em Paris uma fonte de inspiração para sua carreira.

Cabe enfatizar que as formas de experiências são suporte para a apreensão da cidade, e, para apreendê-la, tem de se analisar alguns aspectos. Para essa pesquisa, tornou-se necessário a abordagem dos seguintes aspectos: as relações cotidianas; a caminhabilidade na cidade, que ocasiona encontros; a cidade como lugar — e oportunidade — de encontros; e as histórias e memórias.

Como ação rotineira e habitual, o cotidiano, em sua trivialidade se compõe de repetições, através de gestos no trabalho ou fora do trabalho, de movimentos mecânicos, de minutos, horas, dias, meses, anos; o cotidiano é composto por repetições lineares e cíclicas, tempo da natureza e tempo da racionalidade; são as partes e fragmentos que se encadeiam num emprego do tempo; cotidiano

seria a soma das insignificâncias (LEFEBVRE, 1991). Michel de Certeau (2008) fala do cotidiano como aquilo que é dado — a nós, às pessoas — a cada dia; “todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver” (CERTEAU, 2008, p.31).

Trabalhar com o conceito de cotidiano nos auxilia a revelar a vida cotidiana, que é reflexo de um estilo de vida urbano. A palavra cotidiano passa a caracterizar o substantivo vida, que age como um adjetivo, qualificando-o. Isto é: o conjunto dos hábitos, a maneira de viver, o tempo em que um ser vive, o intervalo entre o nascimento e a morte, a própria existência é definida pela cotidianidade — cotidiano + i + dade —, pelo movimento. Esse conceito já foi e ainda é muito abordado, vale lembrar da canção homônima de Chico Buarque, da música “sinal fechado”, de Paulinho da Viola; do texto “Cadê meu tempo que estava aqui?”, de Atila de Menezes Lima; dos filmes “Medianeras” e “Viajo porque preciso, volto porque te amo”; entre outros.

O cotidiano como reflexo do estilo de vida urbano, torna-se um elemento capaz de explicar esse estilo. E, também, de explicar a cidade, para aqueles que querem aprendê-la e apreendê-la.

Tadeu Alencar Arrais (2017) apresenta seis modos de ver a cidade, e um desses é o cotidiano¹. Para ele, o cotidiano pode ser entendido como uma síntese particular e geral da cidade,

Particular porque cada indivíduo constrói uma relação com os fragmentos da cidade — praças, parques, ruas, cruzamentos, monumentos etc. Geral porque é no cotidiano que construímos, ao mesmo tempo, uma imagem geral dessa mesma cidade e, a partir dela, reproduzimos nossa vida [...] O cotidiano revela-se nas formas de morar e trabalhar e, por consequência, nas maneiras de apropriação dos espaços públicos e privados. É a dimensão completa da reprodução da vida, traduzida na relação dos indivíduos com o tempo e espaço (ARRAIS, 2017, p.105).

As experiências particulares com a cidade acontecem desde cedo quando os lugares começam a ser experimentados, vivenciados e frequentados. O indivíduo, que experimenta a cidade, cria memórias e percepções: quando passa perto da antiga escola e lembra da infância, ou quando se depara com uma nova construção, derrubando uma antiga; cria hábitos: quando se frequenta lojas do

¹ Os seis modos de ver a cidade, de acordo com Arrais (2017), são através: do mapa; da ecologia; da técnica; da paisagem; e do cotidiano.

gosto, os espaços que pratica atividade, os momentos em que prefere sair de casa; cria horários: quando tem preferências ou obrigações para realizar tarefas; cria gostos: quando habita alguns espaços e outros não; e medos: nas ocasiões em que a segurança é posta em risco.

Podemos pensar que a soma das experiências particulares proporciona uma visão do que é cidade. Ao somar as experiências individuais, chegamos às experiências coletivas — gerais —, que podem explicar ações cotidianas. Essas ações criam uma imagem geral da cidade, como Arrais mencionou acima. Quais seriam as experiências coletivas?

Um ônibus cheio, com todos os assentos ocupados e algumas pessoas em pé, que sai de uma área periférica em direção ao centro, carregam passageiros, que moram em lugares diferentes, tem trabalhos diferentes, altura, peso, cor, salário, mas que vão cumprir um horário que pode ser parecido, vão desembarcar em pontos comuns, percorrer as mesmas ruas, entrar nos mesmos prédios comerciais, vão se atrasar por conta do mesmo trânsito, tanto na ida quanto na volta. Vale para as pessoas que fazem esse trajeto de carro, que mesmo com rotinas diferentes, encontram-se engarrafadas nas mesmas vias.

Uma pessoa que trabalhou durante o dia, ao chegar em casa, após o banho e a refeição, sente-se pronta para realizar sua fé. O mesmo para um senhor, que passou o dia em casa, ansioso para o final da tarde e início da noite; ou para as crianças que acabaram de voltar da aula; para a família que se reúne. Todos se deslocaram e se encontraram no mesmo espaço, dentro de uma igreja num horário determinado, ou de algum culto, templo etc. Rotinas diferentes para experiências coletivas

O mesmo para as cidades que possuem espaços públicos que são habitados por inúmeras pessoas, seja no horário de almoço, em algum intervalo entre suas funções, para esperar alguém, seja para simplesmente passar o tempo e apreciar o que o espaço lhe proporciona. Para cada indivíduo, haverá os parques, praças e ruas favoritos, e cada espaço será frequentado pelas pessoas que gostam de ali ficar.

Observar as ruas, os cruzamentos, as praças, os transportes públicos e todos os movimentos da cidade, possibilita seu entendimento. O cotidiano é um aspecto capaz de se fazer compreender a cidade, seja pelas particularidades, seja pela coletividade. De forma geral, a cidade é concebida por uma

característica que é comum entre as pessoas, mas só se define por suas particularidades.

Percebe-se que as experiências com a cidade estão associadas com as práticas espaciais e as dinâmicas das pessoas com diferentes lugares. Na dialética entre a cidade e as pessoas, essas transformam-na e se transformam frequentemente, “produzem espacialidades ao se produzirem, produzem e consomem culturas, produzem e consomem a cidade, constroem suas identidades e sua subjetividade” (CAVALCANTI, 2013, p. 80).

A mesma autora, Lana de Souza Cavalcanti (1999), traz a cidade como uma conquista, onde sua produção se relaciona à produção da vida cotidiana das pessoas que nela vivem e atuam suas atividades, podendo ser atividades de lazer, de educação, de trabalho e de descanso; “todas essas atividades compõem a dinâmica de vida das pessoas que vivem na cidade e, conseqüentemente, a dinâmica da própria cidade” (CAVALCANTI, 1999, p.45). Neste mesmo trabalho, a autora discute ações de cidadania — relacionadas às concepções, experiências e práticas na cidade —; e fala sobre o direito de habitar, que vai além de morar, é sobre morar bem, frequentar a cidade, acessar seus bens e produzir relações.

Cotidiano e cidade são temas que dialogam com o lugar. Ana Fani, ao tratar sobre este conceito, diz,

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante - identidade - lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo (CARLOS, 2007, p. 17).

E complementa,

O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida — apropriada através do corpo — dos sentidos — dos passos de seus moradores, é o bairro é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade *latu sensu* a menos que seja a pequena vila ou cidade — vivida/ conhecida/ reconhecida em todos os cantos. Motorista de ônibus, bilheteiros, são conhecidos-reconhecidos como parte da comunidade, cumprimentados como tal, não simples prestadores de serviço. As casas comerciais são mais do que pontos de troca de mercadorias, são também pontos de encontro. É evidente que é possível encontrar isso na metrópole,

no nível do bairro, que é o plano do vivido, mas definitivamente, não é o que caracteriza a metrópole (CARLOS, 2007, p.17-18).

Se nas grandes cidades, a apreensão da cidade como um lugar — enquanto espaço transformado familiar, que se tem identidade — seja algo difícil, deve-se então buscar a relação das pessoas com os diferentes lugares da cidade, como no diálogo entre Lana de Souza Cavalcanti (1999) e Ana Fani (2007). Para aquela, viver em uma cidade, faz com que o cidadão circule por seus lugares e construa uma conexão com eles, uma relação cotidiana ativa e interativa.

Por fim, analisando o cotidiano subordinado às relações e velocidade do mundo moderno, às homogeneizações dos hábitos, das práticas e dos comportamentos, que levam a uma cidade intimistas, sem trocas, devemos ser esperançosos como é Tadeu Alencar Arrais ao enxergar a cidade. Ele a vê de forma otimista, pois, para ele, o cotidiano, “antes de ser algo programado, sempre reserva aquele quinhão de imprevisibilidade capaz de aborrecer os analistas mais perspicazes” (ARRAIS, 2017, p.150).

Podemos perceber que as relações cotidianas nos ajudam a conhecer a cidade, sendo elas programadas ou carregadas de imprevisibilidade. Para que essas relações se construam no dia a dia, devemos pensar nas pessoas e refletir sobre a cultura do pedestre, que só pode vir através da caminhabilidade.

Jeff Speck (2017) fala que caminhar é uma vantagem da cidade, e traz também a Teoria Geral da Caminhabilidade. Esta explica que uma caminhada precisa atender a quatro condições: ser proveitosa, ser segura, ser confortável e interessante:

Cada uma delas é essencial, mas não é suficiente quando isolada. *Proveitosa* significa que **a maior parte dos aspectos da vida cotidiana está por perto e são organizados de tal modo que uma caminhada atenda às necessidades do morador**. *Segura* significa que a rua foi projetada para dar aos pedestres uma chance contra acidentes com automóveis; os pedestres não têm apenas que estar seguros; precisam se sentir seguros, condição ainda mais difícil de atender. *Confortável* significa que **edifícios e paisagem conformam as ruas como “salas de estar ao ar livre”**, em contraste com os imensos espaços abertos que, geralmente, não conseguem atrair pedestres. *Interessante* significa que as calçadas são ladeadas por edifícios singulares agradáveis e com **fartura de sinais de humanidade** (SPECK, 2017, p.20-21) [grifo nosso].

Uma caminhada proveitosa, segura, confortável e interessante conecta a pessoa com outras pessoas, além de conectá-las com a cidade. Esse contato se dá através das possibilidades de observação do espaço experimentado.

As pessoas se tornam a maior atração da cidade, assim, a cidade se manifesta como lugar de encontro. Fato que é histórico:

Ao longo da história, o espaço da cidade funcionou como ponto de encontro para os moradores, em vários níveis. As pessoas se encontravam, trocavam novidades, fechavam acordos, arranhavam casamentos — artistas de rua as entretinham, havia compra e venda de mercadoria. As pessoas compareciam aos grandes e pequenos eventos da cidade. Realizavam-se procissões, o poder se manifestava, festas e castigos eram publicamente realizados. A cidade era o ponto de encontro (GEHL, 2015, p. 25).

Na primeira parte de seu livro, quando lança a pergunta retórica “Por que caminhabilidade?”, Speck (2017) usa o exemplo de Portland, a maior cidade do Óregon: “o que Portland ganha por ser caminhável? Ganha muito” (p.36). O arquiteto descreve o que diferencia Portland das outras. Essa cidade, recentemente, atraiu muitas indústrias, mas não apresentava propensão histórica para isso; a cidade recebe muita chuva e, curiosamente, os moradores têm orgulho de não usar guarda-chuva; os habitantes se negam a não obedecer aos sinais fechados — Não atravesse — mesmo quando tarde na madrugada, em ruas pequenas e silenciosas. Portland se diferencia pela maneira como escolheu crescer, enquanto a maioria das cidades americanas construía vias expressas, aquela investiu em transporte coletivo e ciclismo; enquanto as cidades alargavam suas vias, Portland implantava ruas magras; enquanto outras acumulavam terras para futura expansão urbana, Portland instituíu um limite para o crescimento urbano.

Atualmente, em Portland os moradores dirigem em média 20% a menos e o dinheiro que se gastaria com automóveis, combustíveis, mecânica etc., destina-se ao comércio local, às moradias. Portland é afamada por ter muitas livrarias e bagageiros per capita; tem um grande número de clubes de *strip-tease* per capita; tem mais restaurantes per capita do que outras grandes cidades. Um dos dados mais interessantes da cidade é que Portland tem atraído muitos jovens, o número de pessoas com curso universitário entre 25 e 34 anos aumentou 50% na área metropolitana (SPECK, 2017).

Estes são exemplos do ganho da caminhabilidade, como se fosse “recursos atraídos por ser um lugar onde as pessoas querem viver” (SPECK, 2017, p. 40)². Há evidências, segundo Speck, que cidades mais adensadas e caminháveis geram riqueza; fato óbvio, pois as cidades existem, porque as pessoas se beneficiam de estarem juntas.

Francesco Careri (2013), em *Walkscapes*, fala que antes de erguer o menir — monumento pré-histórico de pedra, que se cravava verticalmente no solo — o homem já possuía uma fórmula simbólica de transformar a paisagem, e essa fórmula era o ato de caminhar; ato que se aprendia com fadiga nos primeiros dias, mas depois deixava de ser uma ação consciente, tornando-se ação natural. Ao caminhar, o homem começou a construir a paisagem que o cercava e assim desenvolveu importantes relações com o território.

“Há muito mais em caminhar do que em andar!” (GEHL, 2015, p.19), a existência da vida urbana se passa nas oportunidades de encontro, a cidade é um lugar de encontro. Quando Jan Gehl (2015) afirma que há mais em caminhar do que exclusivamente andar, leva-se em conta o contato direto entre as pessoas e a comunidade do entorno, o ar fresco, a permanência num ambiente de ar livre, os prazeres da vida, as informações e as experiências;

Caminhar é o início, o ponto de partida. O homem foi criado para caminhar e todos os eventos da vida — grandes e pequenos — ocorrem quando caminhamos entre outras pessoas. **A vida em toda a sua diversidade se desdobra diante de nós quando estamos a pé [...]. Em essência, caminhar é uma forma especial de comunhão entre pessoas que compartilham o espaço público** como uma plataforma e estrutura (GEHL, 2015, p. 19) **[grifo nosso]**.

Do ato de caminhar como fórmula simbólica de transformar a paisagem, aos nômades com suas errâncias de caça, às pessoas que frequentavam as ruas atrás dos bazares e feiras, àquelas que andavam até os fóruns e ágoras, podemos mencionar aqui a figura do *flâneur*, considerado uma espécie de botânico do asfalto. O *flâneur*, que surgiu nas poesias de Charles Baudelaire, é aquele que sente-se em casa no mundo, em que este é um remédio infalível

² Jeff Speck (2017), em sua obra, fala dos dez passos da caminhabilidade. Passo 1: Pôr o automóvel em seu lugar; Passo 2: Mesclar os usos; Passo 3: Adequar o estacionamento; Passo 4: Deixar o sistema de transporte fluir; Passo 5: Proteger o pedestre; Passo 6: Acolher as bicicletas; Passo 7: Criar bons espaços; Passo 8: Plantar árvores; Passo 9: Criar faces de rua agradáveis e singulares; e Passo 10: Eleger suas prioridades.

contra o tédio; é um transeunte modesto, um caminhante, observador, provido da dignidade do sacerdote e da perspicácia do detetive; “a rua transforma-se na casa do *flâneur*, que se sente em casa entre as fachadas dos prédios, como burguês entre as suas quatro paredes” (BENJAMIN, 2020, p. 39).

O *flâneur* apreende a cidade pelo simples ato de flunar, e, em diálogo com Jan Gehl, podemos falar que o *flâneur* não anda, ele caminha. Ao caminhar pelas ruas, observa e absorve cada detalhe, procura novas percepções da paisagem, como se possuísse a arte de andar pelas ruas, ou melhor, caminhar por elas.

Com essa discussão, chegamos a uma forma urbana fundamental no estudo sobre a cidade e suas formas de apreensão. Essa forma urbana, se não o principal, é um dos mais importantes espaços públicos de uma cidade: a rua.

Jane Jacobs (2011) aborda a rua como um órgão vital das cidades. As ruas das cidades servem à vários fins, além de conter veículos, além de abrigar pedestres — no caso das calçadas, que é a parte das ruas que cabe a eles —; seus usos estão relacionados à circulação e ao funcionamento adequado das cidades. Para a autora, as ruas são reflexos das cidades, “se as ruas de uma cidade parecem interessantes, a cidade parecerá interessante; se elas parecerem monótonas, a cidade parecerá monótona” (JACOBS, 2011, p. 29). Em Lefebvre (1978), a rua — *la calle* — “o local do passo, de interferências, de circulação e de comunicação” (p.94, tradução nossa)³, ela se repete e muda como a cotidianidade, se conserva na troca das pessoas, dos objetos, das horas e dos aspectos, *la calle* é um teatro quase espontâneo.

Em “A alma encantadora das ruas”, João do Rio (2013) inicia seu livro com a frase: “eu amo a rua”, pois para ele, a rua é um fator da vida das cidades, ela possui alma, “a rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo” (p.20). A forma poética como ele trata esse espaço público, atrai-nos a pisá-la, a frequentá-la, a experimentá-la e por que não flaná-la?

A rua como quem anuncia o movimento, acaba por proporcionar o encontro, ela é o acontecimento dessa reunião. Nela se aplica a Teoria geral da Caminhabilidade, por ela fica mais fácil compreender as relações cotidianas, na rua se constroem as histórias e memórias — que veremos a seguir como um último aspecto fundamental para apreender a cidade. Por assim ser,

³ El lugar de paso, de interferências, de circulación y de comunicación

concordando com João do Rio (2013), a rua se faz e está repleta de generosidade.

Quando se pensa em apreender a cidade através de sua história e memória, deve-se assumir a cidade como um museu. Esta ideia é defendida por Cristina Freire (1997), reconhecendo que, assim como um museu, a cidade não conta a história, mas a contém, por meio de monumentos e obras que nem sempre serão tangíveis, mas que possibilita um olhar evocativo, sonhador e, em algumas situações, pedagógico. Assim, nessa perspectiva:

A cidade inteira se transforma num museu e o trânsito entre os lugares interiores e os exteriores (das construções e das subjetividades) é o ponto de partida [...]. A cidade, através de seus monumentos e obras, possibilitaria ainda um encontro desinteressado, um olhar evocativo e sonhador? [...] Através dos monumentos, entendemos o lugar, sob vários aspectos, imaginário do museu na cidade. Museus, identificados com monumentos, enlaçam a morte, o esquecimento, à sua superação (possível, mas não provável), através das elaborações da memória e do maravilhamento, possível pela contemplação [...] **Os monumentos oferecem a possibilidade da referência espacial, através da percepção, e temporal, pela via da memória** (FREIRE, 1997, p.41) **[grifo nosso]**.

A história de uma cidade, que ocorre no espaço e no tempo dela, fica arquivada em seus prédios, em suas fachadas, em textos, em fotografias, nos mapas e nos boatos. Ela não se esvai, mas pode ficar escondida, e quem procura tem inúmeras possibilidades de achá-la. Aqui, vale pensar fazendo uma analogia ao museu, cada objeto histórico da cidade assumiria o papel do guia turístico de um grupo, no qual nós não fazemos parte, e esse guia não chegará até nós para conversar, caber-nos-ia aproximar dele para tentar captar alguma informação, assumindo um papel de curioso. Assim se deve agir com a cidade.

Ainda em Freire (1997), pensar a relação dos habitantes de uma cidade com seus monumentos é enxergar além de sua funcionalidade imediata, é optar, primeiramente, pelo seu componente histórico e estético. Os monumentos aqui tratados são referências no espaço e no tempo, são lugares de memória.

Isso expressa a necessidade da valorização do passado, que pode estar no campo visual, como o que sobrou na paisagem, ou no campo imaginário, através da memória, por exemplo. Renato Cordeiro Gomes (1994) dialoga, “é, portanto, a memória que condiciona a leitura da cidade, uma busca de sentido explícito e reconhecível, que a sociedade moderna já não permite” (p.44).

Mauricio de Almeida Abreu (1998) traz uma discussão muito importante sobre a diferença entre memória e história. A memória, seja coletiva ou individual, é seletiva, pois só lembramos daquilo que queremos lembrar; ela é parcial e descontínua. A história já busca a objetividade. Mas a história é quem ilumina a memória, a história sempre se reavalia para poder relativizar as memórias.

Este mesmo autor trabalha com a memória das cidades e esclarece algo fundamental para essa parte do texto. Quando falamos em memória da cidade, não devemos nos enganar, pois a cidade não pode lembrar-se de nada, quem realmente lembra são as pessoas que nela vivem ou viveram (ABREU, 1998).

Apesar dessas imprecisões, a verdade é que os termos "memória urbana" e "memória da cidade" vingaram, e dizem respeito, não à capacidade de lembrar de indivíduos ou grupos, mas ao estoque de lembranças que estão eternizadas na paisagem ou nos registros de um determinado lugar, lembranças essas que são agora objeto de reapropriação por parte da sociedade (p.17-18).

O termo estoque de lembrança chega a ser um uso fantástico quando se aborda essa temática, pois nos excita a recuperar qualquer tipo de memória dos espaços que já vivemos. Posto isso, os atos de conhecer, estudar, observar, ouvir e/ou rememorar, que aqui são colocados como atos dentro do aspecto discutido, são essenciais para apreensão do lugar.

Por fim, para encerramos esse tópico de diálogo, redizemos sobre a seriedade que é olhar para a cidade através das experiências pessoais. Pois, como já fora mencionado, o que a cidade tem como maior atração são as pessoas (Figura 2).

Figura 2 - O homem é a maior alegria do homem



Fonte: Jan Gehl em Cidades para pessoas (2015).

Para tentar entender a cidade, torna-se fundamental analisar as práticas sociais que ocorrem nelas. Aprender a cidade é prática, é imaginação, é vivenciar os espaços, é ser entusiasta, é esbarrar em pessoas.

A seguir, falaremos de uma cidade em especial, que muito tem a dizer sobre as experiências e práticas sociais. Uma cidade rica em história, em trajetos, em memórias e imagens. Cidade que é contada através da arte e que será estudada por nós.

2.2 A CIDADE DE JUIZ DE FORA: EXPERIÊNCIAS, TRAJETOS E IMAGENS

De tantas histórias sobre a cidade, uma merece ser contada inicialmente, pois fala da relação do grandioso poeta Manuel Bandeira com Juiz de Fora. Após um período de tratamento de saúde numa cidade do sul de Minas, Bandeira visita Juiz de Fora, em 1917 — mesmo ano de lançamento de seu primeiro livro —, e essa passagem pela cidade se torna importante, porque ocorre logo após sua estadia forçada na cidade na qual tratava de sua saúde. Maximiano de Carvalho Silva (1989) conta que, depois de estar em Juiz de Fora, Manuel Bandeira resgata sua simpatia e coloca a cidade em um lugar especial dentro de seu coração. Tal fato se reafirma, quando no poema “Mangue”, Bandeira rima “Cidade Nova” com “Linda como Juiz de Fora” (SAHB, 2013).

Para sustentar esse afeto, Manuel Bandeira escreve “Declaração de amor”, poema que faz parte do livro Estrela da manhã, publicado em 1936, no qual aborda Juiz de Fora de forma amorosa. Ele confessa seu carinho pela cidade, que marcou em sua vida “momentos de angústias transformados em alegria de viver, mas de maneira aberta, declarada, coisa que não fez nem por Recife, sua terra natal” (SAHB, 2013, p.43):

“Declaração de amor”

Juiz de Fora! Juiz de Fora!
Guardo entre as minhas recordações
Mais amoráveis, mais repousantes
Tuas manhãs!

Um fundo de chácara na Rua Direita
Coberto de trapuerabas.
Uma velha jabuticabeira cansada de doçura.
Tuas três horas da tarde...
Tuas noites de cineminha namorisqueiro...
Teu lindo parque senhorial mais segundo-reinado do que a
própria Quinta da Boa vista...
Teus bondes sem pressa dando voltas vadias...

Juiz de Fora! Juiz de Fora!
Tu tão de dentro deste Brasil!
Tão docemente provinciana...
Primeiro sorriso de Minas Gerais! (BANDEIRA, 1986I, p.137-138
apud SAHB, 2013, p.43-44)

Seria injustiça contar apenas esta história e deixar de fora o poema, que uma professora aposentada, chamada Diva Maria de Mattos Rezende, escreveu

para a cidade através do jornal Tribuna de Minas (2019). Ela escreve como se lembrasse de cada momento de sua vida na cidade, quando pulava corda, jogava bola, quando via a lua ou quando falava da saudade da cidade onde “ela era feliz e não sabia”,

“Um poema para Juiz de Fora”

[...]

Bem perto do Mergulhão
Há uma espécie de coração
Que pulsa bem colorido.
Na primavera misturar
Um céu de azul sem par
Com tanto ipê florido

Você poderá ver quão belo
Os ipês rosa e amarelo
Numa mistura de cores
É uma praça bem pequena
Mas, certamente vale a pena
Apreciar o céu de flores

É algo simples, sutil
A árvore bem do Brasil
Aprecie também você
É uma praça tão singela
Mas verá com é tão bela
Como “sub céu de ipê”

[...]

Juntei uma mistura de cores
Um doce aroma de flores
Irisando o ambiente o ambiente
Zunzum doce das abelhas
Dançando entre rosas vermelhas
E a luz do sol nascente
Fiz uma corrente de abraço
O amigo em cada espaço
Revelando docemente
Amor puro de sua gente (TRIBUNA DE MINAS, 2019)

O artista juiz-forano Gerson Guedes (2012), que conheceu o desenho riscando o barro, terra molhada, terreno infinito, brancura de pós-chuva; que enxerga sua pintura como uma colcha de retalhos, pequenas porções de cores e fatos que garimpa diuturnamente em seu malão do inconsciente; que vem das Minas Gerais, da Zona da Mata, retrata Juiz de Fora com toda sua mineiridade e carinho pela cidade. De desenhos às pinturas, de referências quase invisíveis às poesias, o artista explana Juiz de Fora de uma forma que talvez vá além do

que somos capazes de enxergar. Sua experiência é fonte inesgotável de inspiração e sua obra faz-nos querer ser juiz-forano.

Sobre Juiz de Fora (Figura 3),

Alguém de algum lugar

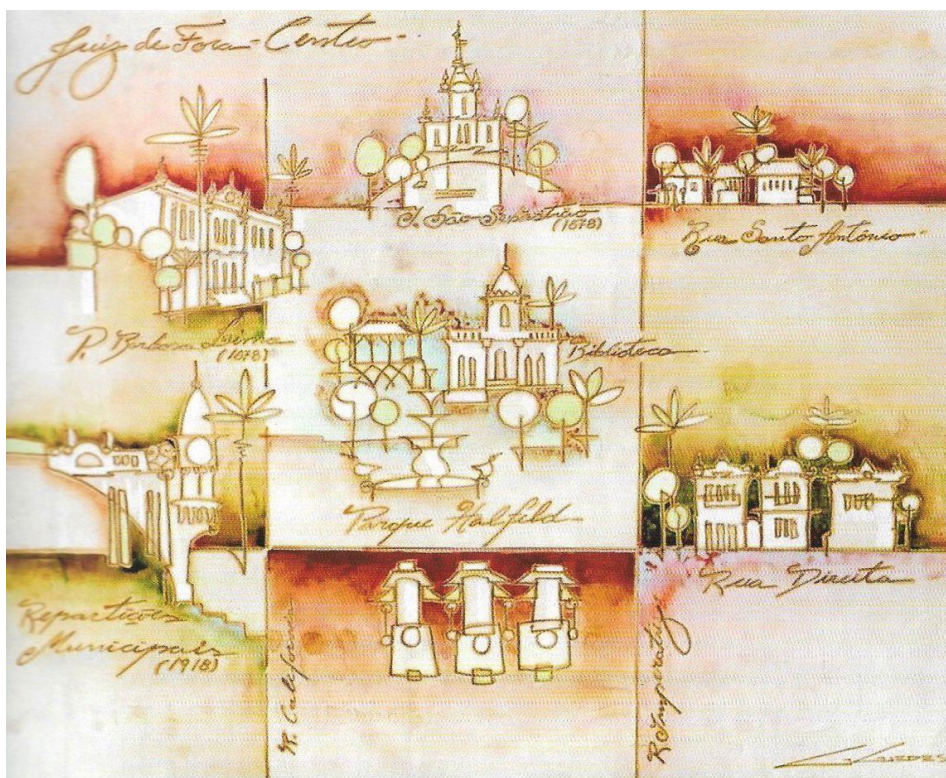
Caminho novo,
Pedaço de bom caminho,
Que se fez vila,
Que se fez cidade.

Urbe — ébria
Produtiva e sonhadora.
Sonhando em alçar novos voos,
Sonhando em lavar seu rio...

Coroa que já foi princesa,
Manchester de chaminés preservadas,
De paredes tombadas.

Cidade que desafia e acolhe
Todo e qualquer viajante
E que a ela se entrega.
E se faz algoz...
Ou eterna amante (GUEDES, 2012, p.120)

Figura 3 - Centro | 120x100 cm



Fonte: Gerson Guedes (2012)

Sobre a rua Halfeld⁴ (Figura 4 e 5),

[...]

Apesar da velocidade
e de tantas mudanças,
a Rua Halfeld, antiga Rua da Califórnia,
assim como o Parque,
ainda são o “coração” e o “pulmão”
da parte central da cidade

Caminhando pelo calçadão,
É possível, com algum esforço,
identificar pontos arquitetônicos isolados
que nos arremessam a outros tempos,
outros carnavais [...]

Halfeld,
Onde todos se veem, onde tudo se vê,
compra-se ouro, vende-se qualquer coisa.
Estátuas humanas, ambulantes, violeiros, D. Marias...
Tipos folclóricos renováveis [...] (GUEDES, 2012, p. 96-97)

Figura 4 - Parque Halfeld | 120x70 cm.



Fonte: Gerson Guedes (2012)

⁴ Uma das ruas mais importantes de Juiz de Fora, fundada em 1853, considerada o coração da cidade. A rua corta, em linha reta, uma parte da área central da cidade, ligando o Morro do Imperador à avenida Sete de Setembro, passando por importantes avenidas e pelo Rio Paraibuna; a rua conta com uma extensão de aproximadamente 1500 metros (ALBERTO et al., 2016).

Figura 5 - Calçadão | 140x70 cm



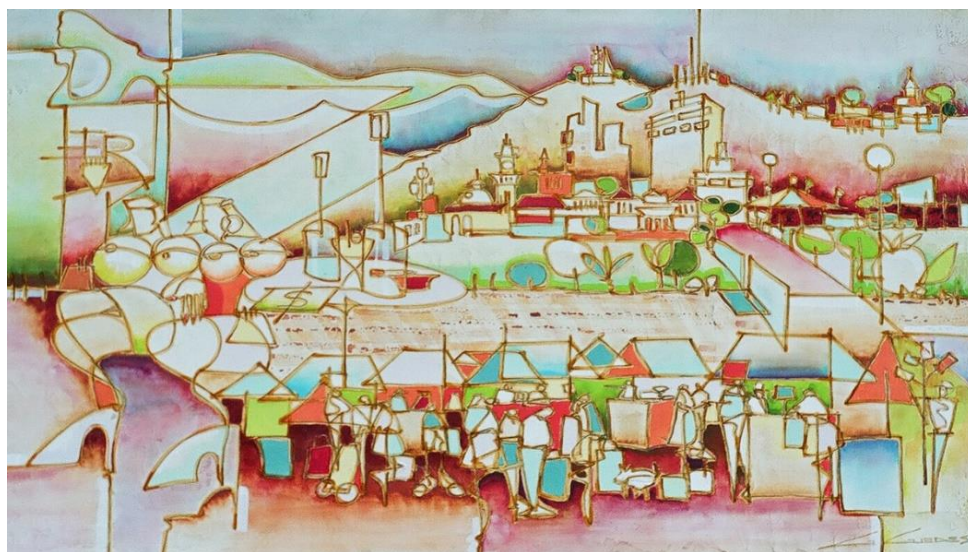
Fonte: Gerson Guedes (2012)

Sobre o Rio Paraibuna (Figura 6),

[...]
 Parahybuna,
 serpente barrenta e silenciosa
 engolindo cidades,
 cachoeiras, hidrelétricas...
 Teares progresso...Condenação

Paraibuna,
 se margens acolhedoras
 onde, aos sábados, prostitutas se esmeram
 e aos domingos uma feira etílica se acotovela
 vendendo cacoc e almas [...] (GUEDES, 2012, p. 110)

Figura 6 - Margens acolhedoras | 120x60 cm



Fonte: Gerson Guedes (2012)

Sobre a Rio Branco (Figura 7),

Casarões, torres, frontões, jardins, jalões, escolas, bares, farmácias, bondes, lotações... Pouco restou da variedade arquitetônica e dos hábitos bucólicos que diferenciavam a antiga Rua Direita de outros lugares. Contudo, a Barão da Rio Branco ainda pulsa e encanta, com seu traçado, suas cores, sua gente (GUEDES, 2012, p.70)

Figura 7 - Avenida Rio Branco | 120x80 cm



Fonte: Gerson Guedes (2012).

Gerson Guedes se expressa, seja pela escrita ou pintura, sobre importantes lugares da cidade, mostrando seu conhecimento e carinho por Juiz de Fora. No primeiro poema, traz fatos ligados a formação da cidade, como o caminho novo, a elevação do povoado à condição de vila, em 1850 (OLIVEIRA, 1975), e até escreve sobre seu caráter acolhedor. Quando escreve sobre a Halfeld, há uma pegada descritiva tanto na escrita quanto na pintura; sobre o rio que corta a cidade, o artista fala de sua característica meândrica, fala de sua cor, de sua capacidade energética, e diz sobre as ocupações em suas margens. Ele escreve sobre a Avenida Barão do Rio Branco, com suas características “normais” — casarões, jardins, torres, escolas, bares etc. — e aquilo que se assume em horários específicos.

Sobre a Rio Branco às 18:30 (Figura 8),

18:30:00

Um motoboy tangencia

o que restou de um retrovisor.
 A agulha da Glória
 faz seu epílogo visual
 entre os blocos de sical
 Um menino com a paçoca entre os dedos
 suplica ao menos por um olhar
 enquanto o malabarista se exhibe na pista
 bebendo seu querosene diário
 Guardas invisíveis me observam
 Signos, símbolos, setas
 pontos, curvas e retas
 Ponto de partida
 Ponto de chegada
 Ponto de etnias e itinerâncias
 Ponto coletivo
 Aglomerado humano silencioso e solitário
 Semblantes aflitos em busca de seus destinos.
 No antigo retão
 a cidade se verticaliza
 em progressão geométrica.
 O pancadão atravessa tímpanos e ventres
 A garrafa pet boiando no Paraibuna suavemente.
 18:30:30
 Atravesso a avenida apressado
 Já quase que indiferente (GUEDES, 2012, p.154)

Figura 8 - Avenida Rio Branco | 120x80 cm



Fonte: Gerson Guedes (2012)

O artista também narra o Cine-Theatro Central, a Hidrelétrica de Marmelos, a Igreja da Glória, a Estação Central, o Clube Juiz de Fora entre outros pontos que são encontrados nas suas incríveis obras. Em seus trabalhos,

há experiências, caminhos, imagens, lembranças e memórias dos lugares; há várias possibilidades de apreensão da cidade.

Essas histórias, ou estórias, nos convidam à Juiz de Fora, seja através do poeta e crítico literário, Manuel Bandeira, seja pela professora aposentada, Diva Maria, ou pelo artista que “*vide urbe*” — ver a cidade. O que teria nessa cidade que resgatou a alegria e simpatia do poeta que escrevia sobre melancolia? O quão bonito seria ver os ipês coloridos num céu azul? Os traços do artista correspondem à cidade que imaginamos?

São perguntas de difíceis respostas. Não chega a ser o caso de ver para crer, mas diríamos que seria viver para crer, pois a experiência com a cidade poderia proporcionar maior clareza na busca por essas repostas.

Se fosse para convidar alguém a conhecer a cidade, essas histórias, esses poemas e imagens supracitadas poderiam compor o convite, numa espécie de cartão postal. Para além dessas, haveria incontáveis lugares para mostrar e tentar convencer uma pessoa, através do convite para se destinar a cidade. Um indivíduo teria suas justificativas para falar de uma rua, de um parque, de um bar, restaurante ou de um bairro; outro usaria pontos, trajetos, imagens diferentes; mas ambos com mesmo intuito, o de mostrar a cidade a um terceiro.

Portanto, não seria possível trazer todas as histórias, todos os trajetos, todas imagens da cidade. Mas há histórias mais famosas, como a da primeira hidrelétrica da América do Sul, os relatos dos viajantes que passavam pela cidade, as histórias dos casarões, da visita de D. Pedro à Juiz de Fora, as enchentes do rio etc. Há trajetos mais famosos, como o triângulo central, formado pelas avenidas Getúlio Vargas, Itamar Franco e Barão do Rio Branco, os “labirintos” compostos pelas galerias, a avenida Brasil e Garcia Rodrigues Paes — Acesso Norte — que ladeiam o rio Paraibuna, entre outros. Há imagens mais marcantes como o mirante do Morro do Cristo, a torre da Estação Central, o Cine-Theatro, o Paço Municipal, o painel restaurado de Cândido Portinari, na avenida Rio Branco etc. (Figura 9).

Figura 9 - Imagens de Juiz de Fora



Fonte: Próprio autor (2022). Legenda: Foto 1: Mirante do Morro do Cristo; Foto 2: Torre da estação central; Foto 3: Cine-Theatro Central; Foto 4: Paço Municipal; Foto 5: Painel do Cândido Portinari.

A Estação Ferroviária Central desvia o olhar de quem passa pela Avenida Francisco Bernardino, chama atenção de quem atravessa a linha férrea, que liga essa avenida à avenida Brasil, e vira alvo de fotografia de quem ocupa a Praça Dr. João Penido, popularmente conhecida como Praça da Estação. Em Juiz de Fora, esse ponto carrega muitas histórias e memórias, daqueles que chegam e daqueles que partem, por essas e outras razões aparece em quadros e em antigos cartões postais (Figuras 10 e 11).

Figura 10 - Quadro da Estação Ferroviária Central exposto na feira livre da Av. Brasil



Fonte: Próprio autor (2022).

Figura 11 - Cartão Postal Colorizado – lembrança de 26 de dezembro de 1906



Fonte: Maurício Resgatando o passado (2022).

A obra de Portinari comunica diretamente com o povo, cruzando as fronteiras dos museus e realizando aquilo que o pintor chamava de função social da arte. Muitas de suas obras podem ser encontradas em monumentos e edifícios públicos, ocorrendo um encontro entre arquitetura e pintura. É a cidade imaginária que convida a um passeio por territórios fantásticos (DANTAS, 2022).

Em Juiz de Fora, encontra-se os painéis “As quatro estações” e “Cavalos” no edifício modernista Clube Juiz de Fora, localizado na esquina da avenida Barão do Rio Branco com a rua Halfeld (Figura 12).

Figura 12 - Edifício Clube Juiz de Fora com o painel “As quatro estações”, no hall, e o mosaico com tema “Cavalos”, em sua fachada



Fonte: Próprio autor (2021).

O Cine-Theatro Central, em frente à Praça João Pessoa — um ponto de alargamento da rua Halfeld — é um marco arquitetônico da cidade. Esta que ainda se impunha ares europeus, quando em 30 de março de 1929, inaugurava o teatro, em uma *Belle Époque* mineira, cabendo a companhia construtora Pantaleone Arcuri e ao pintor italiano Ângelo Bigi elevarem à cena juizforana o tão charmoso “Central”, hoje tombado pelo Iphan (THEATRO CENTRAL, 2014-

2018). Um charme que lhe cabe a sua ornamentação artística, à localização, às apresentações e shows, e em suas representações em obras de arte, como na pintura de Carlos Brancher, realizada no meio do calçamento da rua Halfeld (Figura 13).

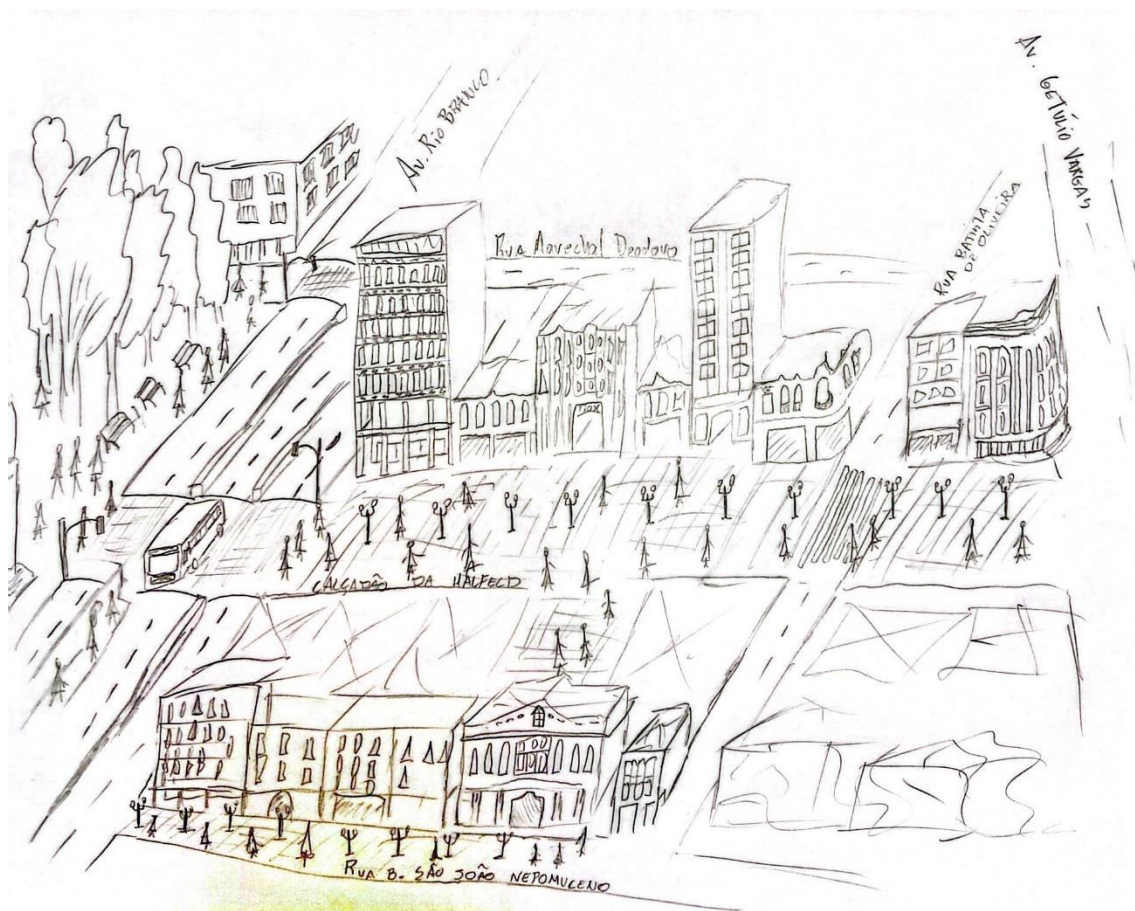
Figura 13 - Cine-Theatro Central pelas mãos de Carlos Bracher, pintor e escultor brasileiro



Fonte: Próprio autor (02/09/2022).

Ao pensar numa forma de experiência, num trajeto e em imagens, podemos trazer os calçadões juiz-foranos: calçamento da rua Halfeld, da rua São João, Mister Moore, Batista de Oliveira e Marechal Deodoro. Daremos destaque a principal e mais famosa rua da cidade, a rua Halfeld, que forma seu calçamento entre as Avenidas Getúlio Vargas e Rio Branco (Figura 14).

Figura 14 - Mapa do Calçadão da rua Halfeld



Fonte: Produzido pelo próprio autor (2023).

Fonseca e Filho (2016) apontam Marcos Neves como um estudioso que bem resumiu a história da rua Halfeld, que antigamente se chamava rua da Califórnia. Essa rua passou por um grande desenvolvimento e se tornou importante devido a sua posição central e — por isso — sua representatividade; a construção dela se deu através de uma forma moderna de calçamento, o “método” macadame, em 1879; em 1880, sua iluminação ocorreu por meio de energia elétrica; e, em 1881, a rua recebeu uma das primeiras linhas de transporte público da cidade. E com o progresso do século XIX para o XX, como traz Neves (s.d.), a rua retratava em sua arquitetura a evolução da cidade, levando consigo a estética emoldurada nos adornos das fachadas de seus edifícios (FONSECA; FILHO, 2016).

No decorrer do século XX, a rua passou por várias modificações e implementações, desde a melhorias na infraestrutura até construções arquitetônicas ao seu redor, o que marcava um período econômico próspero na

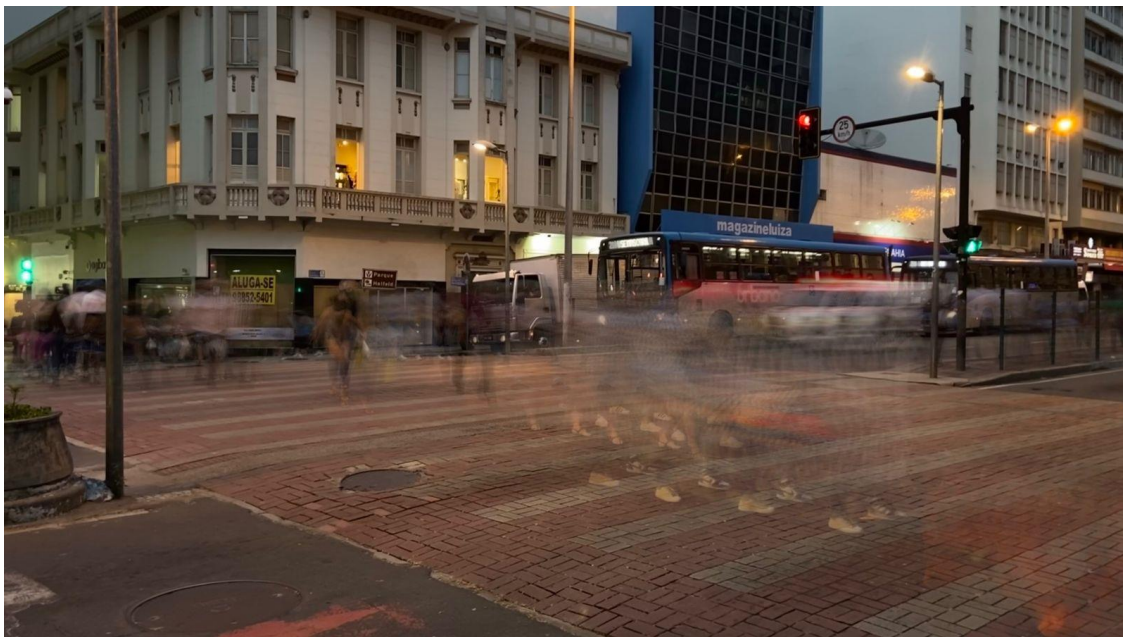
cidade. Em 1925, abriu-se a primeira galeria da cidade, Galeria Pio X⁵; numa época próxima, ainda na década de 1920, inaugurou-se o Cine Theatro Central; em 1930, a praça João Pessoa, em frente ao teatro; além de construções verticais como os edifícios SULACAP, Cinema Palace, Clube Juiz de Fora, entre outros. Um marco importante ocorrera em 1970, quando houve a instalação do calçadão, representando a síntese da rua Halfeld dos bons tempos, no qual possibilitou o caminhar pelos símbolos das diferentes épocas que marcaram o desenvolvimento da cidade (FONSECA; FILHO, 2016).

Em cada passo dado, com calma, para que se possa observar a paisagem que contorna o calçadão, podemos viajar no tempo, através dos prédios dos séculos passados, das fachadas em *Art Déco*, das propagandas nas paredes do teatro, ao chegar no Parque Halfeld e se deparar com importantes prédios políticos. Podemos nos conectar com a modernidade, ao ter opções de comércio dos mais variados produtos da atualidade, podemos também encontrar pessoas, tomar um café, esbarrar em alguma manifestação que esteja ocorrendo. Além de ser um lugar que se possa observar o movimento da cidade, o fluxo de pessoas, os passos rápidos dos atrasados e os passos lentos dos que não tem pressa (Figura 15).

⁵ A região central de Juiz de Fora se destaca pelo seu núcleo comercial composto por calçadões e galerias comerciais. Essas galerias cortam as quadras interligando uma rua a outra, “numa característica bastante peculiar da feição urbana do centro, e propiciam um tipo de convivência social específico, com espaços dinâmicos e estáticos intercalados e variados” (JUIZ DE FORA, 2000, s/p. apud DIAS, 2017, p.74). De acordo com Carvalho (2006, p. 39-40 apud DIAS, 2017, p. 80), a construção da Galeria Pio X talvez tenha sido uma ilustração do panorama socioeconômico do período.

Segundo definições propostas por Frederico Braidia (2008 apud Xavier. 2021), o trabalho “As galerias comerciais de Juiz de Fora -MG: breve análise do passado aos dias atuais” levantou ao todo 42 galerias na cidade de Juiz de Fora.

Figura 15 - O movimento da cidade observado do início do calçadão da rua Halfeld



Fonte: Próprio autor (2021).

As experiências com Juiz de Fora podem ser muito bem construídas através dos aspectos discutidos no item anterior. O cotidiano e suas relações, os lugares de encontro, as ruas, as praças, as brilhantes histórias e memórias que compõem a cidade, as imagens que nos saltam aos olhos, o museu a céu aberto que é a cidade, fazem com que a apreensão dela se torne uma atividade mais leve, transformam a cidade num lugar mais atrativo, como se as pessoas pudessem ser mais felizes, como se elas carregassem mais sorrisos — talvez essa seja a razão pela qual Manuel Bandeira atribui Juiz de Fora como o “primeiro sorriso de Minas”. Ou talvez seja por isso, que o artista Gerson Guedes tanto fez pela cidade — e faz.

Ao falar das experiências com a cidade, foi necessário trazer uma outra discussão para o trabalho. Uma discussão que nos afetou durante algum tempo — de certa forma, ainda nos afeta —, pois vivenciamos-la em casa, no trabalho, na rua, na cidade, no mercado e em tantos outros lugares que experimentamos cotidianamente.

2.3 A PANDEMIA E A (FALTA DE) EXPERIÊNCIA URBANA: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA

O Brasil registrou a primeira contaminação pelo novo coronavírus no fim do mês de fevereiro de 2020, já a declaração de transmissão comunitária no país aconteceu em março, mês que também foi registrada a primeira morte pela doença, de acordo com a Agência Brasil (2021). Desde então, decretou-se pandemia no país, e as pessoas se viram isoladas socialmente.

Como já fora dito, a cidade pode ser definida como uma aglomeração de pessoas, nas quais ditam a dinâmica da vida urbana. A palavra aglomeração vai de encontro às recomendações médicas e sanitárias durante o período de emergência sanitária decretada em 2020, que prezam pelo isolamento social para que possa haver maior controle sobre a proliferação do vírus. Com isso, podemos observar que a pandemia afetou diretamente a dinâmica das pessoas nas cidades, o que gerou um campo de possibilidades de estudo sobre a pandemia e sua relação com as cidades.

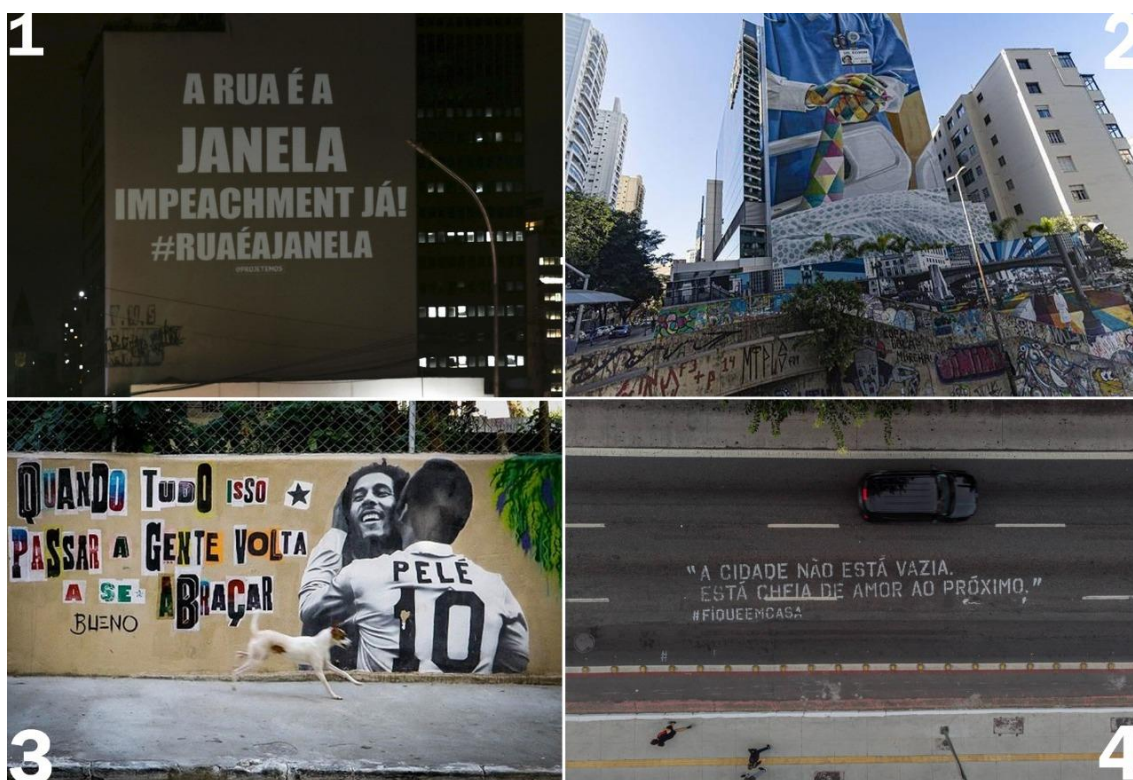
Nessa parte do trabalho, falaremos sobre a pandemia e as experiências urbanas, ou a falta dela. Giselle Beiguelman (2020), em “Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana”, inicia seu texto falando que o espaço público é a primeira vítima fatal da pandemia do coronavírus, pois as medidas de contenção do vírus expressam uma cultura urbana do isolamento, do temor ao contato físico, do estabelecimento do trabalho remoto e da condenação do idoso a elemento problemático das circunstâncias atuais; “é preciso parar, ficar em casa, fechar fronteiras e abrir muitas torneiras” (BEIGUELMAN, 2020, p.5-6).

Nos primeiros meses de isolamento, as pessoas foram tomadas pelo medo daquilo que era novo, pouco conhecido, pouco estudado, em que uma das únicas evidências, para não falar certeza, era que a covid-19 tinha um alto poder de propagação. Essas pessoas, as que podiam, ficaram nas suas casas, em seus apartamentos, nas casas dos pais, dos filhos ou até em ambientes mais isolados, como casas de veraneio, sítios, fazenda etc.; e esses movimentos esvaziaram as cidades.

Antes da falta de experiência, devemos falar sobre as novas experiências com a cidade. As ruas vazias sem a cinesia das pessoas, foram ocupadas por

motos e carros que trabalhavam num sistema de *delivery* — palavra em inglês que significa entrega — para realizar o desejo das pessoas que mudaram seus hábitos de consumo por conta da pandemia. Em ocasiões de solidariedade, as ruas, fachadas e prédios foram ocupadas por mensagens e textos de esperança, o que Beiguelman chamou de “a pandemia das imagens” (BEIGUELMAN, 2020, p. 9), a falta de pessoas foi suprida por imagens que levaram vida às ruas. Nessas ações, a cidade não perdeu seu direito do fazer política, pois muitas intervenções artísticas carregavam críticas às formas com que o Governo conduzia a pandemia (Figura 16). A cidade passou a ser experimentada pelas janelas, pelas panelas, pelos posts em redes sociais, pelas notícias na televisão e, principalmente, pela sua falta.

Figura 16 - Artes pelas cidades que dizem respeito à pandemia do novo coronavírus



Fontes: Foto 1 – Allison Sales/Futurapress; Foto 2 – Anderson Lira/Framephoto; Foto 3 – Aloiso Mauricio/Fotoarena; Foto 4 – Bruno Santos/Folhapress.

Em contrastes com as ruas antes vazias, pode-se perceber, com o decorrer da pandemia, o aumento do número de pessoas em situação de vulnerabilidade. Hoje, quando passamos nas áreas mais centrais das cidades,

observamos homens, mulheres, criança, famílias dormindo por debaixo de marquises, pedindo algum tipo de ajuda nos sinais de trânsito, nas portas dos supermercados, ou pessoas vendendo algum tipo de produto para tentar suprir o desemprego que lhe fora acometido. Esse foi um dos reflexos que mais marcaram a cidade nesses períodos pandêmico e pós pandêmico.

Em Juiz de Fora, observou-se um crescimento na dinâmica de condomínios fechados em áreas mais afastadas da região central da cidade. Muitas pessoas, que antes moravam em apartamentos, ou em bairros mais tumultuados, viram na pandemia uma oportunidade de se mudarem para áreas mais tranquilas, mais verdes e longe das aglomerações urbanas. Junto a isso, observou-se também o aumento de estabelecimento de supermercados em atacado e varejo nos bairros que ligam a parte central com as áreas desses novos condomínios. Além disso, houve uma eclosão no setor de construção, podendo ser notado ao andar pela cidade, quando nos deparamos com vários condomínios de prédios tomando conta do horizonte da cidade. Na pandemia, enquanto algumas áreas ou setores foram drasticamente afetados, outras tiveram um crescimento devido às mudanças de hábitos de consumo dos cidadãos.

Por outro lado, podemos falar do espaço público como uma das vítimas da pandemia. Seus usos foram reduzidos e até restringidos por conta da adoção do isolamento, o que marcou uma pausa nos deslocamentos sociais e o estabelecimento da regra “fique em casa”.

Falar em democracia e espaço público não apresenta muita novidade, pois são temas frequentes nos debates e que estão totalmente interligados, e esse espaço público — entendido enquanto espaço social de lutas e formas políticas de expressão permanente — é “o espaço capaz de constituir e consolidar a cidadania no Brasil” (ABRAHÃO, 2008, p.30). Podemos perceber a importância de se constituir, manter, reivindicar e, o mais importante, usar o espaço público. A pandemia nos trouxe imagens impactantes sobre esses espaços nas cidades, como ruas, praças, parques vazios, praias e avenidas desertas, entre outras imagens que somos acostumados a associá-las como espaços de movimento, fluxos e trocas.

“O vírus modifica as cidades porque atinge em primeiro lugar os corpos que nela vivem” (LUNARDON, 2020, p.1). Ao imaginar os calçadões juiz-forano,

sexta-feira à tarde, as imagens que nos vêm são da velocidade dos pedestres; dos gritos dos vendedores de brinquedos, utensílios eletrônicos e roupas; das pessoas que vendem e compram ouro; dos vendedores de planos de telefone, que tentam te convencer nos segundos que se passam entre os passos na frente da loja; das carrocinhas de pipoca, doce, balas etc. Imaginamos o movimento que dá sentido àquele espaço. Pode-se pensar o mesmo ao lembrarmos do Parque Halfeld, habitado por pessoas que ali descansam, trabalham ou apenas marcam encontros. O vírus modificou o sentido de uso dos espaços que compõem a cidade e, ao modificá-lo, interferiu de forma direta nas experiências das pessoas com o espaço urbano.

As ruas e calçadas de Juiz de Fora passaram a ser frequentadas pela fiscalização, o Parque Halfeld cercado por grades, os letreiros dos ônibus com a frase “use máscara”, as feiras livres suspensas e tantos outros espaços públicos e de lazer interditados, por cumprimento das medidas sanitárias (Figura 17). Os cidadãos não foram obrigados a ficarem em casa, muitos apenas seguiam as recomendações de isolamento social, mas, quando estes saíam pela cidade, deparavam-se com uma cidade parada, como se ela dormisse, num ambiente quase sem ruídos, sem movimento, sem função e sem o calor das pessoas.

Figura 17 – Imagens de Juiz de Fora



Fonte: Foto 1 – Prefeitura de Juiz de Fora; Foto 2 – João Gabriel em Diário do Transporte; Foto 3 – Leonardo Costa em Tribuna de Minas; Prints 3 e 4 -Tribuna de Minas (2021). Legenda: 1- Fiscalização andando pela rua Halfeld; 2- Letreiro dos ônibus pedindo para que se use máscara; 3- Grades cercando e impedindo o acesso ao Parque Halfeld; 4 e 5- Notícias sobre a situação dos parques e feiras de Juiz de Fora.

Mas, com o passar dos meses, foi possível observar um aumento no movimentado nas cidades, onde se viu uma reabertura gradual de atividades

não essenciais, um maior número de pessoas viajando para outras cidades e estados, um aumento no tráfego pelas ruas, ônibus mais aglomerados, ruas cheias, shopping centers mais frequentados, entre outras coisas. Isso se deu pela diminuição da taxa de isolamento após o avanço da vacinação e, conseqüentemente, com a melhora nos números da pandemia.

Para os juizforanos, podemos observar tais números, de acordo com o Boletim de Vacinação presente no site da Prefeitura de Juiz de Fora (2023): são 505.128 pessoas vacinadas com a 1ª dose, 470.000 com a 2ª dose, 299.950 com a 3ª dose e 98.945 com a 4ª dose, com um total de 1.374.023 doses aplicadas⁶. Esses dados foram capazes de nos dar esperança em alguns sentidos: primeiro, na expectativa de vitória à pandemia, que levou a vida de inúmeras pessoas; segundo, por conta do anseio pela cidade após esses tempos de pouco contato com ela.

De um lado, as imagens que fizeram parte da cidade durante os primeiros meses de pandemia, de outro, a cidade interrompida. De um lado, o pessimismo que aponta para a morte dos espaços públicos, para o medo do contato, para o aumento do uso de carros, de outro, o otimismo na possibilidade de repensar a cidade a partir do novo “normal” — o que muitos chamam do restabelecimento das ações que se faziam, mas para um contexto pandêmico ou pós pandêmico. Independente do lado, a cidade continua e continuará sendo ocasião para as experiências, sejam em ambientes mais privados, sem contato e movimento, sejam em ambientes públicos, com contato e movimento. A pandemia inaugurou possibilidades de análise sobre a cidade, e, seu estudo com base na experiência, torna-se fundamental para compreender a própria cidade e as pessoas que a frequentam.

⁶ Boletim de Vacinação datado em 18 de julho de 2022.

3. PERCEPÇÕES, REPRESENTAÇÕES E MAPAS MENTAIS

Nossa experiência é a experiência de um mundo
(Merleau-Ponty, 2018, p. 299)

No capítulo anterior, experiência talvez tenha sido um dos conceitos mais importantes no texto, ela foi base para discutir a apreensão da cidade, que só é possível através dessa prática. A epígrafe desse capítulo traz Maurice Merleau-Ponty, filósofo que se envolveu numa corrente do pensamento denominada fenomenologia, e sua frase, não à toa, introduz as discussões que virão a seguir. A experiência, seja coletiva ou individual, é uma experiência de um mundo, pois ela acontece num espaço geográfico; ela se dá em um mundo vivido, habitado e ocupado por corpos sensíveis à própria experiência.

Quando se fala em espaço geográfico, é importante defini-lo de acordo com as ideias de Eric Dardel (2015), que o coloca como “Mundo”, um mundo da existência, um mundo que coaduna não só as dimensões do conhecimento, mas também as dimensões da ação e da afetividade. Para Dardel, como coloca Jean-Marc Besse, “o mundo geográfico só é autenticamente acessível a partir do nível da experiência vivida, em que o terrestre e o humano se ajustam a uma medida original” (DARDEL, 2015, p. 112).

Análises partindo do nível da experiência vivida, de práticas de experimentação do espaço muito diz sobre esse trabalho como um todo, principalmente, quando há uma proposta de investigar como um lugar é representado por aqueles que o vivenciam.

O lugar que se associa a vivências individuais e coletivas a partir do contato do ser com seu entorno (HOLZER, 2014), ou que é feito com base na experiência que temos de mundo (TUAN, 1983), quando representado, nos mostra um horizonte de interpretações. Estas interpretações espaciais permitem uma análise rica sobre o lugar, no qual vai ser representado de forma distinta por se tratar de indivíduos distintos.

Essa representação, quando não se restringe a um campo reducionista de análise, torna-se um produto cartográfico rico em detalhe, em símbolos, em histórias e em identidade daquele que o elabora. Representar o espaço para além das propostas matemáticas e cartesianas, viabiliza o estudo

fenomenológico do espaço, no caso desta pesquisa, um estudo fenomenológico da cidade.

Portanto, para abordar o espaço onde se faz nossas experiências, precisamos passar pela percepção, para investigar esse espaço que é percebido, precisamos trazer a representação. Para representar aquilo que percebo, que muitas vezes é subjetivo, optamos por trazer os mapas mentais, como forma legítima de se representar o espaço.

3.1 PERCEPÇÃO E O MUNDO VIVIDO: “EXISTIR É SER NO MUNDO”

“Existir é ser no mundo” (MERLEAU-PONTY, 2018, p.484) nos apresenta como uma pequena frase, morfologicamente falando. Porém, essa frase pode expressar a grandeza de suas possibilidades de interpretação que supera as cinco palavras que formam essa oração. Essas possibilidades estão além da exatidão científica, elas buscam interpretações do espaço, do tempo, do mundo vivido; elas estão para as essências. Husserl dava a isso como um retorno às coisas mesmas, falava que não era o resultado de várias causalidades que definiam seu corpo, tudo o que sabia do mundo, sabia por uma visão sua ou por uma experiência de mundo que vivenciara, pois todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e pensar nesse universo é despertar as experiências de mundo (MERLEAU-PONTY, 2018).

A frase que inicia o parágrafo anterior pode fazer mais sentido quando Merleau-Ponty (2018) complementa que o homem está no mundo e é no mundo que ele se conhece. Essa explicação já anuncia a importância de se analisar o espaço, que é vivido, testado e conhecido, através da experiência do corpo com/no mundo.

Merleau-Ponty (2018) diz que o mundo não é o resultado daquilo que se pensa, mas é daquilo que se vive. Essa concepção estará presente na pesquisa, que vai tratar a percepção como a primeira forma de conhecer o mundo, onde “o ato de perceber revela o mundo tal qual ele é (NOGUEIRA, 2001, p. 15). Ou seja, a percepção vai ser construída a partir da experiência de cada sujeito no mundo. Esse mundo que Merleau-Ponty e Nogueira falam é um mundo que não se resume apenas aos aspectos físicos e naturais, ele abrange aspectos humanos,

nos quais interessa analisar as experiências pessoais do ser e do lugar, as emoções, as preferências, as subjetividades do mundo; o ser é quem vive o fenômeno, e esta análise nos toca⁷.

Antes de prolongarmos nossas discussões sobre os conceitos trazidos por Ponty e outros estudiosos, que trabalharam com a ideia de percepção e, mencionando a importância de analisar o espaço e a nossa curiosidade pelas experiências pessoais do ser com o lugar, abriremos espaço para Eric Dardel. Ele, que fora professor de história e geografia⁸, teve um papel fundamental nos estudos fenomenológicos, nos quais valorizou as experiências vividas, defendendo a compreensão da realidade através da descrição do mundo por quem o vive⁹.

Dardel provinha da ideia de que os espaços geográficos são nossos mundos vividos, e Merleau-Ponty também trabalhava em cima desse conceito de mundo¹⁰. O espaço geográfico, de acordo com Dardel (2015), não é o espaço tão somente relacional da geometria, de maneira oposta, é o espaço substancial, irremediavelmente material, o espaço “é solidário a uma certa tonalidade afetiva” (p.34), o espaço geográfico é o mundo da existência, um mundo ambiente da existência cotidiana do homem. O espaço geográfico vai se constituir pelas vivências cotidianas como um centro de significados, onde experimentados o que Dardel chamou de geograficidade¹¹ (HOLZER, 2014)¹².

⁷ Destaca-se, que, “a perspectiva fenomenológica da Geografia deixa de priorizar a descrição do mundo físico e humano, para descrever o mundo vivido, em que estes elementos são percebidos e interpretados pelos diversos sujeitos que os experienciam” (NOGUEIRA, 2001, p.22)

⁸ Eric Dardel concluiu o ensino médio em 1916 e seu percurso profissional se iniciou em 1925, quando ingressou como professor de história e geografia nos liceus de Sens, Rouen e Jason de Sailly, em Paris. Paralelamente à sua carreira de professor ele fazia pesquisas (DARDEL, 2015).

⁹ Como fora reconhecido por Relph, Dardel (1952) quem fez a descrição mais inteira das bases fenomenológicas da geografia (NOGUEIRA, 2001).

¹⁰ Em Fenomenologia da Percepção (1994), Maurice Merleau-Ponty divide sua obra em três grandes partes: O corpo; O mundo percebido; e O ser-para-si e o ser-no-mundo.

¹¹ Eric Dardel ligou a paisagem àquilo que chama de “geograficidade” humana, que significa “a inserção do elemento terrestre entre as dimensões fundamentais da existência humana, como a noção de ‘historicidade’ implica na consciência que o ser humano tem de sua situação irremediavelmente temporal”, como fora dito por Jean-Marc Besse (DARDEL, 2015).

¹² Para Holzer (2014), a geograficidade aborda o “conteúdo existencial do homem com o espaço terrestre e, na medida em que o homem se apropria desse espaço, ele se torna ‘mundo’” (p.291).

Avançando na conceituação, o autor fala da realidade geográfica, que é, para o ser, o lugar onde ele está,

Os lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença. Terras que ele pisa ou onde ele trabalha, o horizonte do seu vale, ou a sua rua, o seu bairro, seus deslocamentos cotidianos através da cidade [...] A cor, o modelado, os odores do solo, o arranjo vegetal se misturam com as lembranças, com todos os estados afetivos, com as ideias, mesmo com aquelas que acreditamos serem as mais independentes [...] **A realidade geográfica exige uma adesão total do sujeito, através de sua vida afetiva, de seu corpo, de seus hábitos, que ele chega a esquecer-los, como pode esquecer sua própria vida orgânica** (DARDEL, 2015, p.34) [grifo nosso].

A categoria “lugar”, para esses autores, Eric Dardel, Maurice Merleau-Ponty, entre outros¹³ — incluindo-nos — são os lugares onde habitam os homens, lugar é o mundo vivido, é a extensão da existência humana. Para Tuan (1983), há um sentido do lugar, que é dado pela experiência do corpo; o lugar é constituído pela experiência que temos dele, apresentando-se como vivenciado pelos seus habitantes.

De acordo com Nogueira (2001), Buttimer, em 1976, fez um trabalho dando destaque ao mundo vivido, que é para os fenomenólogos o que o lugar vivido é para os geógrafos. Assim, tal como fez Dardel, Buttimer discute a ideia de lugar segundo Heidegger¹⁴, que abarca um sentido de habitação, de morar, cultivar e organizar o espaço, que é símbolo de um diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social da pessoa.

Relph, assim como Dardel, assume o lugar com base na existência humana, não havendo limites entre espaço, lugar e paisagem, “lugares têm paisagens, e paisagens e espaços têm lugares” (RELPH, op. cit. p. 16 apud NOGUEIRA, 2001, p. 44). Podemos notar que o lugar se sobressai, porque nele há espaços e paisagens, que estão no plano das experiências humanas.

O significado de espaço vivido provém dos lugares existenciais e perceptuais da experiência instantânea, diz Relph. Ele deixa nítido que os

¹³ Amélia Nogueira (2001) traz alguns nomes que tiveram preocupação com a definição da categoria “lugar”, enquanto mundo vivido ou espaço vivido, dentre eles: Yi-Fu Tuan (1983); Betanini (1982); Buttimer (1979); Fremont (1976); Bailly (1998); Lowenthal (1961); Relph (1976); Ballesteros (1992).

¹⁴ Heidegger introduz o termo “*dwelling*”, que tem um significado fenomenológico de viver harmoniosamente no lugar, sentir-se em casa ecológica, social e espiritualmente (NOGUEIRA, 2001).

espaços compreendem lugares e que esses lugares são os espaços mais íntimos dos homens (NOGUEIRA, 2001).

No Brasil, podemos mencionar alguns estudiosos que trabalham essas ideias¹⁵. Em especial, como forma de menção honrosa e sincero respeito, citamos o trabalho da professora Amélia Nogueira (1994) — que será discutido no decorrer do texto — no qual avaliou a percepção urbana das crianças, com ênfase no conhecimento obtido a partir das experiências de cada uma com seu lugar de vida. Werther Holzer (1998) teve o objetivo de estudar fenomenologicamente os conceitos de paisagem e de lugar, tratando-os como aspecto importante da espacialidade humana. Esse autor, em outros textos¹⁶, já trabalhava as discussões dos geógrafos humanistas a respeito do lugar, que novamente vinha sendo interpretado partindo das experiências vividas por quem nele vive.

Holzer (1999), como fez Buttimer e Dardel, corroborou com a perspectiva de explorar as possibilidades ontológicas do lugar. Ele trouxe para a Geografia a concepção heideggeriana de *dasein-Ser aí*, onde o *aí* foi interpretado como lugar-mundo, e essa interpretação e compreensão dos lugares será pautada na relação intersubjetiva do Ser-no-mundo (NOGUEIRA, 2001).

Em “Mundo e Lugar, ensaio de geografia fenomenológica”, Holzer (2014) discute o conceito de mundo vivido, que, baseando-se na fenomenologia, se estabelece “a partir do corpo humano, o corpo-de-um-sujeito, o corpo que é próprio sujeito-como-cogito” (p.290). Desse modo, o corpo vai representar a transição de “mim” para meu mundo, que é o lugar em que me aproprio de meu mundo” (HOLZER, 2014, p.290).

Assim, Holzer (2014) propôs que a ciência geográfica fenomenológica deva partir do estudo do ser, do corpo que fixa os lugares, a partir dos quais vai se desvendar o mundo, que não é somente do indivíduo, mas do ser-em-comum, que compartilha o espaço geográfico. Isto posto, “ser é sinônimo de ser situado” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 339).

Voltando à Ponty, em especial a sua grande obra, *Fenomenologia da Percepção*, analisaremos suas discussões sobre o ser e o mundo percebido.

¹⁵ SILVA (1991); MONTEIRO (1988); MELO (s.d.); LIMA (1999); COSTA (1994).

¹⁶ Olhar: HOLZER, W. O lugar na Geografia Humanista. In: Revista território, Nº 07, ano IV, julho-dez, 1999, p. 51-56.

Partindo da premissa que é necessário “despertar a experiência do mundo tal como ele nos aparece enquanto estamos no mundo por nosso corpo, enquanto percebemos o mundo com nosso corpo” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 278), e esse contato com o corpo e com o mundo é também um contato com nós mesmos.

Maurice Merleau-Ponty se integra a uma corrente do pensamento denominada fenomenologia, que, entre outras coisas, propõe uma filosofia que deva se preocupar com a volta às próprias coisas, do mesmo modo como elas se apresentam a nós no mundo, como fora mencionado por Husserl. Fez-se da pintura, da linguagem e da literatura uma filosofia perceptiva e experienciada do mundo vivido, onde estamos incorporado (CARMO, 2000). Esse mundo é o meio de realização da consciência, “se o homem é um ser-no-mundo, a consciência tem de coexistir com esse mundo que desde sempre nos envolve” (CARMO, 2000, p.23).

Ele defende que “todo conhecimento presente em nossa consciência passou primeiro pelas portas da percepção” (MERLEAU-PONTY, 2018, p.31). O que seria essa percepção?

Em seu senso comum, a palavra percepção aparece como uma ação ou ato de perceber. De acordo com o Dicionário Online (2022), percepção é uma forma de compreender o sentido de algo por meio das sensações; uma intuição, uma avaliação sobre coisas.

Gibson (1950) não a define de forma objetiva, mas a coloca como algo que vai além dos estímulos e que se sobressai às sensações, pois estas são básicas e, por fazerem parte do nosso equipamento orgânico, tendem a ser as mesmas para todos. Ele complementa: “percepções, contudo, são secundárias e, dependendo de peculiaridades e de experiência passada do indivíduo, podem variar de um observador para outro” (GIBSON, 1950, p.13, tradução nossa)¹⁷.

Para Yi-Fu Tuan, a percepção

é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura. (TUAN, 1980, p.4).

¹⁷ Perception, however, are secondary and, depending on the peculiarities and past experience of the individual, may vary from one observer to another.

Os órgãos do sentido, para funcionarem de forma eficaz, precisam ser usados ativamente. Tuan (1980) dá o exemplo do sentido tátil, que é uma ação delicada, mas que para diferenciar a dureza ou a textura de alguma superfície, o dedo tem de se movimentar sobre ela, não apenas ter um simples contato; o indivíduo pode ter olhos e não ver, ter ouvidos e não ouvir. Para o autor, “a percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo” (TUAN, 1980, p.14).

Em Dardel (2015), a percepção não se dá na relação, porém, na inter-relação, pois não há homem e mundo de forma separada. Essa percepção não é um processo simples de estímulos x respostas, pois ocorre devido a presença do homem no mundo. Sob orientação fenomenológica, a percepção como saber primeiro sobre o mundo dá atenção para o homem e para o lugar; Dardel enfatiza que a percepção dará acesso a uma certa intimidade da matéria geográfica, onde a realidade geográfica estará muito próxima da existência particular.

Ao concordar com Dardel, Bailly (1977) fala que “a relação percebida implica forçosamente um quadro de vida, memória e imaginação, a imagem, estruturada pelo espírito humano, é, de fato, uma relação de familiaridade” (p.24 apud NOGUEIRA, 2001, p.75). Bonfim coloca a percepção como saber sobre o lugar, assimilado de acordo com as experiências de vida, construído na relação do homem com o lugar (BONFIM, 1998 apud NOGUEIRA, 2001, p.76).

Lívia de Oliveira (2017) explica que esse fenômeno não pode ser analisado como um evento isolado, muito menos ser isolável da vida cotidiana das pessoas. Ela coloca a percepção como uma fase da ação executada pelo sujeito sobre os objetos, o que é esclarecido por Merleau-Ponty (2018),

Nossa percepção chega a objetos, e o objeto, uma vez constituído, aparece como a razão de todas as experiências que dele tivemos ou que poderíamos ter. Por exemplo, vejo a casa vizinha sob um certo ângulo, ela seria vista de outra maneira da margem direita do Sena, de outra maneira do interior, de outra maneira ainda de um avião (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 103) **[grifo nosso]**.

Merleau-Ponty teve como propósito estudar o mundo vivido, que só é possível compreendê-lo a partir da valorização do saber que o ser obtém ao longo de sua existência. O mundo é o meio natural e o campo de todos os nossos pensamentos e de todas as nossas percepções explícitas, nós estamos no mundo e é no mundo que nos conhecemos (MERLEAU-PONTY, 2018). Faz-se

necessário compreender a percepção como primeiro acesso às coisas, o “primeiro ato filosófico”,

Existem sensações que são estados ou maneiras de ser do sujeito e que, a esse título, são verdadeiras coisas mentais. O sujeito perceptivo é o lugar dessas coisas, e o filósofo descreve as sensações e seu substrato como se descreve a fauna de um país distante — sem perceber que ele mesmo percebe, que ele é sujeito perceptivo e que a percepção, tal como ele a vive, desmente tudo o que ele diz da percepção em geral [...]” (MERLEAU-PONTY, 2018, p.279).

Podemos perceber, com isso, que a percepção do mundo é carregada de subjetividade, que é reflexo daquilo que cada um vive. Nogueira (2001) complementa “o sujeito traz conhecimento que não é descrito pelos cientistas por falta de vivência dele com o objeto, e por falta de contato intersubjetivo com as coisas da qual se fala” (p.79).

O corpo se apresenta como uma parte importante na filosofia Merleau-Pontyana, pois é por meio dele que se demonstra nossa existência. E é pelo corpo que se consegue compreender o paradoxo da percepção, pois o corpo próprio é quem opera na “gênese do mundo objetivo” (MERLEAU-PONTY, 2018, p.110). Podemos observar, em consonância com Cardim (2007), que a relação entre o corpo e o mundo é algo complexo. Vejamos em Merleau-Ponty (2018): “o corpo próprio está no mundo assim como o coração no organismo; ele mantém o espetáculo visível continuamente em vida, anima-o e alimenta-o interiormente, forma com ele um sistema” (p.273).

O corpo é um sujeito que percebe, e perceber “é envolver de um só golpe todo um futuro de experiência em um presente que a rigor nunca o garante, é crer em um mundo” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 399). Ao abordar esse mundo, esse mundo percebido, o que entra em questão é despertar o sentido deste mundo através daquilo que o filósofo chamou de “experiência do mundo” (p.278). Deste modo, a percepção está para esse sujeito perceptivo tal como ele a vive, pois “todo saber se instala nos horizontes abertos pela percepção” (280).

Vale destacar, que Merleau-Ponty parte da análise de que o mundo não é puro objeto de pensamento, não é uma soma de objetos dispostos diante de um sujeito contemplativo; ele fala de um sujeito perceptivo. Cardim (2007) contribui com essa discussão perguntando “o que é o sensível ou o sentir?” (p.57), em que para Merleau-Ponty, “o sentir é o resultado da fusão do sensível

e do inteligível, do empírico e do transcendental, já que a menor das percepções envolve relações expressivas” (p.57), e ele recusa essa doutrina do sensível, tal como ela aparece para nós na filosofia moderna. Merleau-Ponty se ocupa pelo ponto em que a expressão se encontra inscrita no campo da experiência perceptiva.

Em *Fenomenologia da Percepção*, o filósofo está correto de que a tese de que há um sentido intrínseco ao sensível nos distancia absolutamente da tradição cartesiana, “e deveria nos instalar alguém da oposição entre o em si e o para si” (CARDIM, 2007, p.57) e a noção do sensível que está no pensamento moderno não é o bastante para compreender o mundo de maneira fenomenológica, pois “o pensamento objetivo ignora o sujeito da percepção. Isso ocorre porque ele se dá o mundo inteiramente pronto, como meio de todo acontecimento possível, e trata a percepção como um desses acontecimentos” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 279).

O empirismo vai instalar o sensível no “em si” e o intelectualismo no “para si”, e o que isso significará? (CARDIM, 2007). O empirista vai descrever a percepção “afirmando que existem sensações que são estados ou maneiras de ser do sujeito” (p.58), na verdade, para Ponty (2018), essas sensações, como já fora conversado, são verdadeiras coisas mentais configurada pelo prejuízo do mundo. Essas coisas mentais são “impressões instaladas no sujeito, sejam elas simples ou complexas, não são nada além de uma somatória de impressões simples, um todo formado por partes independentes — totalidade natural constituída por partes independentes” (CARDIM, 2007, p.58). O sujeito que as percebem é um ser naturado, ou seja, faz parte da natureza, “logo, as qualidades sensíveis são eventos interiores” (p.58).

Para Merleau-Ponty (2018), o filósofo empirista considera um sujeito prestes a perceber e procura descrever aquilo que se passa, “sem perceber que ele mesmo percebe, que ele é sujeito perceptivo e que a percepção, tal como ele a vive, desmente tudo o que ele diz da percepção em geral” (p.279). Notamos que a própria experiência que o sujeito perceptivo tem do mundo percebido, é a contraprova da tese empirista. Não se pode aplicar aqui a categoria da causalidade, porque há “a cada momento uma re-criação ou uma re-constituição do mundo” (p.279). Concluindo: “todo saber se instala nos horizontes abertos pela percepção” (p.280).

Segundo Merleau-Ponty (2018), existe um infinito, não fora do mundo, mas na própria experiência do mundo percebido — “horizontes abertos pela percepção”. Esse contexto, nesta expressividade infinita inscrita no próprio mundo vivido, leva o filósofo a opor o real ao imaginário, como aborda Leandro Cardim (2007) em seus estudos. Nessa altura, este autor traz discussões acerca da distinção entre o real e o imaginário, que, na obra *Fenomenologia da Percepção*, é nitidamente de origem sartreana¹⁸.

Para Sartre, “se a percepção é intencional, ou seja, é percepção de alguma coisa, a consciência imaginante também deve operar segundo este mesmo esquema: ‘a *intencionalidade*’, diz Sartre, está destinada a renovar a noção de imagem” (SARTRE, 1967 apud CARDIM, 2007, p.71). Porém, se percebo um objeto, ele é colocado como real e transborda a consciência; quando imagino um objeto, ele é colocado como irreal, ausente, nada além da consciência que temos dele. O que está posto é que tanto a percepção quanto a imaginação têm maneiras diferentes de visar um mesmo objeto¹⁹. Em Sartre, a consciência imaginante é uma relação com o objeto imaginado, ela é uma estrutura psíquica que tem valor concreto definido por sua intencionalidade; portanto, “quando imaginamos, nos relacionamos diretamente com um objeto que está ausente” (p.71).

No ponto de vista de Sartre, a sua percepção pode lhe enganar, mas não a sua imagem. A atitude em relação ao objeto da imagem poderia se chamar de “quase-observação”; nós estamos, com efeito, empregados na atitude de observação, porém é uma observação que nada ensina. Para ele, é a percepção que se apresenta como um fenômeno de aprendizado “lento”, a percepção é uma observação dos aspectos infinitos do objeto. Este objeto, o objeto da percepção, transborda reiteradamente a consciência; já o objeto da imagem “não é nada mais do que a consciência que temos dele; ele se define por esta

¹⁸ SARTRE, J. -P. *A imaginação*; trad. Luiz Roberto Salinas Fortes, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967.

¹⁹ “Os dois mundos, o imaginário e o real, são constituídos pelos mesmos objetos; somente o agrupamento e a interpretação desses objetos variam. O que define o mundo imaginário assim como o real, é uma atitude da consciência”. “Ora, diz Sartre, [...] que eu perceba ou que eu imagine esta cadeira, o objeto da minha percepção e aquele de minha imagem são idênticos: é esta cadeira de palha sobre a qual eu estou sentado. Simplesmente a consciência se *relaciona* a esta mesma cadeira de duas maneiras diferentes” (SARTRE, J. -P. *L`imaginaire*, op. cit.,47 e p. 21 apud CARDIM, 2007, p. 71).

consciência: não podemos aprender de uma imagem nada além do que já sabíamos antes” (SARTRE, 1967, p.27 apud CARDIM, 2007, p.72). E complementa,

No mundo da percepção, nenhuma ‘coisa’ pode me aparecer sem que ela entretenha com as outras coisas uma infinidade de relações. Melhor: é a infinidade de relações — ao mesmo tempo que a infinidade de relações que seus elementos sustentam entre si — é a infinidade de relações que constitui a própria essência de uma coisa. Daí alguma coisa transbordante no mundo das ‘coisa’: **existe, a cada instante, sempre infinitamente mais do que nós podemos ver; para esgotar as riquezas de minha percepção atual, seria preciso um tempo infinito.** (SARTRE, 1967, p.26 apud CARDIM, 2007, p.72) [grifo nosso].

Sartre afirma que a carne — textura íntima — do objeto não é a mesma na imagem e na percepção, apoiando-se no critério de distinção entre o real: riqueza de perfis, transbordamento; e o imaginário: vazio. Ele, em seu texto, atua fazendo uma oposição, um contraste entre a consciência imaginante e a percepção, “se na percepção observo os objetos e posso multiplicar os pontos de vista sobre eles, é porque os objetos me aparecem por perfis [...] na percepção as coisas acontecem muito ‘lentamente’ e remetem ao infinito”; já na imaginação, “também as coisas me são dadas por perfis, mas eu já não tenho de esperar, pois seu saber é imediato [...] se na percepção as formas são qualidades, na imaginação as formas se impõem a mim” (SARTRE, 1967 apud CARDIM, 2007, p.72).

A síntese na percepção é dada de forma lenta e na imaginação é dada de forma imediata. Sartre raciocina de tal maneira: a imagem é o elemento constitutivo da imaginação cujo correlato é o imaginário²⁰; para a percepção, tudo se passa aqui e agora, observo o objeto, ele está presente. Para ele, “perceber tal ou tal dado é o perceber sob o fundo da realidade como conjunto.

²⁰ Mas o que seria a imaginação? Ela não é um poder empírico e acrescentado à consciência. Ela “é a consciência inteira enquanto realiza a sua liberdade; toda situação concreta e real da consciência no mundo é prenhe de imaginário enquanto ela se apresenta sempre como um ultrapassamento do real. Não segue que toda percepção do real deva se inverter em imaginário, mas como a consciência está sempre ‘em situação’ porque ela é sempre livre, existe sempre e a cada instante para ela uma possibilidade concreta de produzir o irreal”. A imaginação “é a condição necessário da liberdade do homem empírico no meio do mundo” (SARTRE, 1967, p. 358 apud CARDIM, 2007, p. 73).

[...] Esta realidade é o co-presente como condição essencial da existência da realidade atualmente percebida” (SARTRE, 1967, p.347 apud CARDIM, 2007, p.73).

Como Merleau-Ponty distingue o real do imaginário? Ele parte do contexto que a percepção humana se refere ao meio, onde a mesma capacidade criadora que opera na imaginação e na ideação está no fundamento da primeira percepção humana,

A maravilha do mundo real é que nele o sentido é um e o mesmo que a existência, e que deveras o vemos instalar-se nela. No imaginário, eu mal concebi a intenção de ver e já creio ter visto. O imaginário é sem profundidade, não corresponde aos nossos esforços para variar nossos pontos de vistas, não se presta à nossa observação. Nunca temos poder sobre ele. Ao contrário, na percepção é a própria matéria que adquire sentido e forma. [...] O real distingue-se de nossas ficções porque nele o sentido investe e penetra profundamente a matéria. [...] o real presta-se a uma exploração infinita, ele é inesgotável. (MERLEAU-PONTY, 2018, p.434).

Para Merleau-Ponty , o real é a própria realidade das aparências, que, afinal, nunca é totalizável por nós (CARDIM, 2007). Mesmo não alcançando-a por inteira, para entender o acontecimento perceptivo e o sujeito que percebe, não devemos nos apegar somente as coisas, mas as experiências, pois “para que percebamos as coisas, é preciso que as vivamos” (MERLEAU-PONTY, 2018, p.436).

A frase que iniciou esse tópico de conversa será a mesma que o encerrará, pois ela está no íntimo desse capítulo. De início, a frase talvez tenha causado estranhamento, mas, agora, acreditamos que faça mais sentido: “Existir é ser no mundo. [...] O Mundo está inteiro dentro de mim e eu estou inteiro fora de mim” (MERLEAU-PONTY, 2018, p.484; p.546).

3.2 PERCEPÇÃO E OS MAPAS MENTAIS

Anteriormente, abordamos algumas discussões acerca da percepção, que foi colocada como a primeira forma de conhecimento de mundo, onde este torna-se aquilo que se percebe. Merleau-Ponty (2018), um dos principais autores discutidos acima, estabelece que o ato de perceber o mundo está repleto de subjetividade e o sujeito da percepção constata aquilo que o mundo reflete. Ele

não foi o único a ter interesse por esse tema, muitos outros pesquisadores mergulharam nessas discussões, dignos de pesquisas brilhantes e discussões que alimentam outras inquietações. Numa dessas, vieram dúvidas de como as pessoas representam os seus lugares através de suas percepções.

Antes de falarmos sobre essas representações em si, julgamos necessário fazer uma contextualização de como esses temas foram e ainda são pensados e discutidos.

De acordo com Andrade, pode-se notar que, desde a Antiguidade, os gregos já se preocupavam com o problema da percepção, em que se estudava os dados psicológicos e o entendimento do meio ambiente. Já no século XVIII, havia pesquisas que buscavam identificar os caracteres dos povos em função das condições do clima e da morfologia (ANDRADE, 1987 apud NOGUEIRA, 2001).

Paul Claval indicava que no começo do século XX, na França, havia um punhado de pesquisas acerca do significado do espaço a partir da percepção das populações primitivas. Tinham estudos geográficos com interesse na maneira como o espaço era sentido e dividido, nas interpretações dos lugares, nas subjetividades coletivas, entre outros. Aparecem os trabalhos de Albert Demangeon (1903) com interesse nas interpretações de informações geradas por análises da psicologia coletiva, com foco no conhecimento manifestado pela população; de Jean Brunhes com ênfase nos fatos culturais, nos comportamentos e nas crenças locais; Deffontaine se questionava sobre as atividades das populações frente à morte e à vida (CLAVAL, 1974 apud NOGUEIRA, 2001).

Claval nos conta que nesse período, por influência dos clássicos franceses, houve uma perda de interesse pela forma de como o espaço é vivido, pois quando os estudos se inclinavam para uma parte reservada ao sentido de vivência local, abria-se uma grande reticência. Mas, apesar dessa “reticência”, foi a própria Geografia Francesa que mostrou interesse nos debates sobre a percepção na organização do espaço (NOGUEIRA, 2001). Andrade também nos conta que tal discussão se fez presente nas conversas entre as escolas possibilistas e deterministas, isso nas origens da Geografia Moderna. Segundo ele, houve uma proposta de uma Geopsicologia, onde os idealizadores buscavam compreender o conhecimento que uma civilização tinha da natureza,

através de estudos com povos dominados que viviam em civilizações primária (NOGUEIRA, 2001).

Amélia Nogueira (2001), em seu texto, nos atenta a olhar que os estudos sobre percepção na Geografia não fazem parte apenas de um momento histórico do pensamento, mas o que se nota é uma presença constante nos debates teórico-metodológicos em vários momentos. Embora houvesse grande influência da Geografia Francesa, foram as regiões anglo-saxônicas que retomaram os estudos acerca da percepção na ciência geográfica²¹.

Num determinado momento, aconteceu uma aproximação entre estudos de economistas com a preocupação de alguns geógrafos. Juliam Wolpert, conversando com economistas a problemáticas da migração, se preocupa em não se esgotar apenas com explicações econômicas, para discutir que a decisão de saída de algum lugar pode ser definida pela imagem que os indivíduos têm dele. Neste trabalho, foram analisadas imagens dos lugares distantes, pois, segundo Wolpert, essas imagens levam uma satisfação pessoal e, os homens tomam decisões, em primeiro lugar, sobre se vai deslocar-se ou não, em segundo, para onde iriam, sendo que esta decisão é baseada nos proveitos que o lugar possa oferecer. De acordo com Claval, alguns autores reconheceram que Juliam Wolpert inaugurou o que depois chamaríamos de Geografia Comportamental²² (CLAVAL, 1974 apud NOGUEIRA, 2001).

Os trabalhos com a temática percepção que predominaram por um tempo na Geografia foram os que discutiam a organização do espaço voltado para debates naturais, como catástrofes e influência climática. Na década de 1930 e 1940, nos Estados Unidos, era recorrente as pesquisas sobre percepção do meio e eventos catastróficos. Na Geografia, Gilbert F. White (1961) e Robert Kates investigaram a percepção do risco de inundação das avenidas fluviais; pouco depois, Jan Burton em colaboração com Kates (1964) desenvolveram estudos sobre riscos de ocupação em planícies costeiras; White (1975) defendeu a tese

²¹ “Nessa retomada, a valorização deste tema é motivada mais pelos geógrafos que criticavam a chamada ‘revolução quantitativa’ na Geografia que pelo interesse em explorar os universos vividos. Segundo Brookfield (1966), os estudos sobre a percepção do meio rivalizam com a outra grande obra inovadora na Geografia Moderna, a ‘revolução quantitativa’” (NOGUEIRA, 2001, p.55).

²² “Unificada por uma preocupação de construir a teoria geográfica com base em postulados que considerem o comportamento humano” (CLAVAL, 1974, op. cit.).

sobre adaptações humanas às enchentes (CLAVAL, 1974 apud NOGUEIRA, 2001). “Daí em diante o tema torna-se popular”, diz Claval.

A percepção parecia um tema dos economistas, mas teve referências, ainda pequenas, de Piaget e Inhelder (1936-1948) — psicólogos — acerca da percepção do espaço na criança e a construção de bases geométricas do espaço²³. Eles influenciaram muitos geógrafos que se preocupavam com a construção do espaço na criança, além de um desenvolvimento do conceito de percepção ligado à cognição. Embora tenha um elevado grau de importância, essas pesquisas limitaram os estudos da percepção à concepção piagetiana (NOGUEIRA, 2001).

A teoria piagetiana, mesmo dando respostas às inquietações que existiam, não pode ser a única saída para explicar a percepção do espaço:

[...] se queremos tratar o espaço geográfico para além da abordagem geométrica, como lugar de vida, não é só nesta proposição que devemos nos apoiar. Se quisermos entender a percepção como a ação humana de compreensão do mundo, que se dá no momento em que o homem vai ao mundo, se ver no mundo, se construindo com ele, os estudos piagetianos não nos indica caminhos (NOGUEIRA, 2001, p.60).

De acordo com Nogueira (1994, 2001), toda a década de 1960 foi marcada pela preocupação sobre a percepção enquanto conhecimento dos lugares na interrelação do sujeito com o mundo e, nesse período, evidenciam-se os geógrafos da Universidade de Chicago, que mantiveram inquietações acerca desses temas. Destaca-se David Lowenthal, que guiou as primeiras pesquisas a respeito da percepção espacial, tendo como referência a Psicologia. Este geógrafo, em 1961, explorou as “Geografias Pessoais”, que se refere:

A visão pessoal do mundo mesclada com a fantasia que cada homem possui e o egocêntrico da experiência e desta visão pessoal, assim com a influência da estrutura social, contexto cultural e da linguagem na formação de determinados conceitos básicos coletivos (CAPEL, 1975, apud NOGUEIRA, 1994, p.68-69).

David Lowenthal se empenha para o caráter antropocêntrico da visão de mundo, em que a superfície da terra é esculpida para cada pessoa, através de

²³ Os estudos de Piaget e Inhelder, no Brasil, influenciaram vigorosamente a Geografia da percepção, “mais precisamente na década de 70 quando são revisados os estudos sobre o ensino no e pelo mapa” (NOGUEIRA, 2001, p.58)

lentes culturais e pessoais de costumes e fantasia. Ele reitera (1982 apud NOGUEIRA, 2001), que “em qualquer sociedade, os indivíduos com embasamentos culturais semelhantes que falam a mesma língua, ainda assim, percebem e compreendem diferentemente o mundo”.

Com as leituras, vamos percebendo que os estudos sobre percepção se fortaleceram e deixaram de ser um campo de estudo exclusivo da Psicologia, da Filosofia e da Antropologia, e entraram como uma importante categoria nos debates e nas pesquisas geográficas. Nogueira (2001) fala que os estudos da percepção na Geografia têm uma preocupação, que vai além dos esquemas e modelos da linha comportamental, esses estudos tentam compreender o que une o homem e a terra, o que o “enraíza”. A percepção traz o mundo vivido, como conceito, para os trabalhos dos geógrafos, mas não se limitando a objetividades, e sim como um saber que se torna fundamental para o entendimento dos lugares — como fora discutido no subitem anterior.

Nessa tendência de pesquisas voltadas para a percepção espacial, destaque-se o teórico urbano americano Kevin Lynch. O urbanista, em “A imagem da cidade”, publicada em 1960, tenta decifrar a cidade não apenas com seus olhos de quem a entende, mas através da visão de seus cidadãos. Tornando-se, assim, um dos pioneiros no envolvimento participativo dos habitantes nas questões urbanas (LYNCH, 2011).

O livro do urbanista se propõe em examinar a qualidade visual da cidade norte-americana, através do estudo da imagem mental que dela fazem os seus moradores²⁴. Lynch (2011) compartilha a ideia de que os elementos móveis de uma cidade, essencialmente as pessoas e suas atividades, são tão fundamentais quanto as partes físicas estacionárias; para ele,

Não somos meros observadores desse espetáculo, mas parte dele; compartilhamos o mesmo palco com os outros participantes. Na maioria das vezes, nossa percepção da cidade não é abrangente, mas antes parcial, fragmentária, misturada com considerações de outra natureza. Quase todos os sentidos estão em operação, e a imagem é uma combinação de todos eles (p.2).

²⁴ O autor, nessa seção, discutirá sobre a Legibilidade — ou clareza; A construção da imagem; Estrutura e identidade — e significado; e Imaginabilidade — “característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado (LYNCH, 2011, p.11).

Kevin Lynch se baseou em pesquisas empíricas e na percepção dos habitantes das cidades — três cidades norte-americanas: Boston, Jersey City e Los Angeles —, analisando cinco tipos de elementos, que se remetem às formas físicas perceptíveis²⁵. Para tal compreensão e para entendimento de seus estudos, o autor reafirma que se deve levar em conta não somente a cidade como uma coisa em si, mas a cidade do modo como seus habitantes a percebem (LYNCH, 2011)²⁶.

Seus estudos são referências para pesquisadores que tem como preocupação a percepção urbana, a imagem da cidade, planejamentos urbanos e ambientais, entre outros. Como escreveu Richter (2010), é um nome “que merece destaque na valorização de uma mudança na metodologia de construção do mapa” (p.120).

Os trabalhos de Lynch mostraram que a percepção que se tem da cidade traz insumos para a construção de uma imagem geral dela. Essa imagem, posteriormente, será chamada de mapa mental — como veremos em Peter Gould (1974). Outro ponto fundamental no trabalho do urbanista, de acordo com Nogueira (2001), foi a construção argumentativa de que os mapas mentais não se resumem somente na representação de uma realidade subjetiva, pois, como aborda Lynch (2011), as representações mentais comuns, imagens públicas, são resultados da intenção de uma realidade física, uma cultura comum.

Alguns autores lançaram opiniões diferentes. Abordaremos aqui, àquelas trazidas por Capel (1973 apud NOGUEIRA, 1994), nas quais falam do caráter puramente visual da imagem urbana, da falta de explicação dos mecanismos perceptivos e da ausência dos fatores que motivaram na construção das imagens²⁷.

Nogueira (1994, 2001), nessa linha de raciocínio, destaca as pesquisas de Peter Gould, que, revisando Juliam Wolpert e sua teoria de tomada de decisão, concorda com a ideia de que as pessoas têm predileção por um lugar

²⁵ Para o autor, os cinco elementos principais que estruturam a imagem da cidade são: Vias, Limites, Bairros, Pontos nodais e Marcos (LYNCH, 2011).

²⁶ Há de se destacar, que essa obra sofreu algumas revisões pelo próprio autor, devido críticas.

²⁷ Bettanini, ao falar de Lynch, nos lembra que, apesar de suas reflexões partirem de respostas individuais e por um pequeno grupo de pessoas, elas obtiveram o mérito de concluir que existe uma imagem pública, como sobreposição de muitas imagens individuais (NOGUEIRA, 2001).

a partir de imagens que elas constroem dele. Gould, nessa ideia, fez uma pesquisa com estudantes de três universidades americanas sobre como eles classificariam os estados americanos por ordem de preferência residencial; ele constatou que as informações vinham não só pelo conhecimento direto que eles tinham dos lugares, mas também pelas informações de leituras, imagens de filmes, passagem pelos lugares etc, o que ele classificou como informações indiretas. Peter Gould denominou essas imagens de Mapas Mentais, que seriam “as imagens construídas dos lugares percebidos” (NOGUEIRA, 2001, p.62).

Já Rodney White, do Departamento de Geografia da Universidade de Bristol, fez essa pesquisa com estudantes ingleses, utilizando a mesma metodologia de Gould, na qual procurou medir através de questionário a percepção espacial de crianças escolares — avaliando os municípios britânicos no que se refere a preferência espacial (NOGUEIRA, 2001). Essas pesquisas foram publicadas conjuntamente em uma obra intitulada “*Mental Maps*”, de 1974.

A inovação e singularidade dessa obra está na forma como os autores chegaram às informações, utilizando-se de “mapas mentais” dos lugares que cada sujeito tinha em sua memória. Gould e White (1986) tiveram como ideia colocar as pessoas em uma situação hipotética, na qual são solicitadas a classificar sua ordem de preferência por uma série de lugares, no que diz respeito a desejabilidade/atratividade residencial. A partir disso, ou seja, de mapas de suas preferências espaciais, os autores tentaram explicar as formas pelas quais os mapas mentais estavam relacionados com as características do mundo real.

Portanto, coloca-se Peter Gould e Rodney White, geógrafos representantes da Geografia Comportamental, como pioneiros na denominação “mapas mentais”, que veio através de estudos da percepção do meio e do comportamento dos indivíduos, como fora explicado. Para eles, os mapas mentais são imagens do espaço que estão na cabeça de cada indivíduo, e essas imagens não se restringem apenas aos lugares vividos, podendo ser também de lugares distantes, construídos pelas pessoas através de seus universos simbólicos, que são produzidos por meio de acontecimentos históricos, sociais e econômicos;

Enquanto adquirimos algumas — informações — através de viagens pessoais, nós também formamos imagens mentais de

lugares com as informações que recebemos da leitura, rádio, televisão, conversas com outras pessoas e até mesmo de anúncios de viagens em estações de trem e aeroportos (GOULD; WHITE, 1986, p.4, tradução nossa)²⁸.

Em sequência, outros autores que discutiram o mapa mental como forma de representação dos lugares, encontramos em Gaspar e Marian (1975 apud NOGUEIRA, 1994, 2001) reflexões sobre a percepção do espaço. Eles trabalharam esses conceitos voltados para o ensino, onde fora levado em conta o conhecimento trazido pelos alunos, através de mapas mentais dos bairros ou da cidade em que viviam, com isso permitia ao professor compreender qual o nível de organização e entendimento espacial dos escolares;

Creemos que a segunda hipótese é a que melhor se presta a exercícios num curso do ensino secundário, por um lado por tomar um aspecto lúdico imediato e por outro lado por ser mais fácil de analisar e criticar em conjunto com os próprios alunos. Poderemos assim conceber numa turma um exercício livre, em que numa folha de papel (de igual dimensão para todos) cada aluno desenha a sua cidade, o seu bairro, uma cidade, o país, a Europa ou até mesmo a Terra, indicando com o nome as ruas, os largos, os bairros, as cidades ou os países (GASPAR; MARIN, 1975, p.317-322).

Nos seus estudos, Gaspar e Marian (1975) colocam o mapa mental como uma imagem que é construída por cada um de nós, pois cada um tem uma ideia diferente sobre a organização do espaço nos variados territórios, e esse mapa é construído ao longo do tempo, a partir de informações de diferentes tipos, que são compostas por experiências vividas de forma intensa, ou não, nos locais. Para eles, os mapas mentais podem ser comparados à mapas topográficos, porque neles também existem elevações, depressões, áreas planas etc., há toda uma percepção de um indivíduo.

Na mesma linha desses autores, temos Yves André e A. Baily (1989 apud NOGUEIRA, 1994, 2001) que valorizam o mapa mental como produto construído através das experiências dos alunos com o espaço. Há um interesse no ensino da Geografia por meio do entendimento que os alunos têm sobre os lugares de vida. André e Baily enxergam nos mapas mentais uma possibilidade de compreensão dos saberes relativos aos lugares, que são elaborados a partir de

²⁸ While we acquire some through personal travel, we also form mental images of places with the information we get from reading, radio, television, talking to other people and even from travel posters in railway stations and airports.

experiências do indivíduo com o meio. Suas reflexões levam em conta “que o homem é sujeito da sua história, de uma história individual e coletiva, portanto, sabe e conhece seu espaço, que é apreendido no dia a dia” (NOGUEIRA, 1994, p.82).

André e Baily (1989 apud NOGUEIRA, 1994) inauguram uma Geografia das Representações, que está para além da dimensão geométrica da representação geográfica, contém uma relação de natureza sentimental.

André diz que o homem se relaciona com seu território tal como uma casa, pois ele o organiza e o carrega de valores simbólicos, fala em “espaço amado, espaço temido, encontrado, imagem sempre presente e tranquila frente ao tempo que decorre inelutavelmente” (ANDRÉ, 1989, p.156 apud NOGUEIRA, 2001, p.89). Essas relações indivíduo/lugar, em termos topográficos e sentimental, faz elaborar mentalmente em cada pessoa uma carta dos lugares, o que ele chamou de Cartas Mentais:

Representações do real, elaboradas através de um processo no qual relacionam-se percepções próprias (visuais, olfativas, auditivas), as lembranças, as coisas conscientes ou inconscientes, o pertencer a um grupo social, cultural. Assim, através, e em seguida de filtros, nasce uma reconstrução da Carta Mental (ANDRÉ, 1989 apud NOGUEIRA, 1994, p.83).

Para a interpretação dessas cartas mentais, André (1989 apud NOGUEIRA, 2001) reafirma que devem ser levadas em conta as dimensões subjetivas que ligam o indivíduo com seu espaço, “todo sinal contido nos mapas tem uma leitura simbólica do espalho” (p.89), ligações que contêm sentimentos e conhecimento direto e indireto. Esses autores veem o mapa mental como um importante recurso didático e, principalmente, colocam o sujeito como um ator geográfico, que vive e experimenta o mundo.

“Mapas mentais irão ser tratados por nós como as representações das imagens adquiridas pelos sujeitos no seu dia a dia, no seu espaço de vida” (p. 65), tal definição trazida pela professora Amélia Nogueira, em 1994, em sua dissertação de mestrado, anuncia o primeiro estudo acadêmico sobre mapas mentais no Brasil (RICHTER, 2010). Este trabalho mostrou a importância da valorização dos conhecimentos espaciais dentro de sala de aula, numa aproximação do conteúdo teórico com os trabalhos práticos, em que, a partir do conteúdo programático que se tinha, foram pensadas formas de se trabalhar os

primeiros passos no estudo das representações espaciais. Nessa pesquisa, uma das propostas foi um encaminhamento para que os alunos representassem o que conheciam do bairro, da cidade e do estado, através dos mapas mentais — imagens — que eles possuíam e que eram elaborados em suas cabeças a partir de suas circulações cotidianas.

A partir desse trabalho, muitas outras pesquisas tiveram o interesse nos estudos sobre mapas mentais. Poderíamos falar de muitos artigos, dissertações, teses e pesquisadores que trabalharam nessa perspectiva, mas a ideia aqui será trazer algumas conceituações pertinentes sobre esse assunto de nomes que melhor dialogam com a proposta metodológica da pesquisa.

Lencioni dá destaque aos mapas mentais como distintos dos mapas cartográficos, pois estes priorizam uma representação objetiva do espaço, colocando que aqueles:

São subjetivos e construídos a partir da percepção do espaço: e no âmbito dessa percepção, os homens elaboram imagens acerca desse espaço...Os Mapas Mentais são, portanto, 'reveladores'; ou seja, é possível, com o estudo dos Mapas Mentais, apreender as imagens que os indivíduos têm acerca dos lugares, procurando relacionar essa imagem às características sócio-culturais destes e entender uma das dimensões das relações que os indivíduos estabelecem com o espaço" (LENCIONI. 1999, p. 152 apud NOGUEIRA, 2001, p.95).

Nogueira (2001), em sua tese, defende que os mapas mentais não são produtos da construção geométrica do espaço,

Como temos argumentado ao longo desta pesquisa, as informações neles contidas, indicam o lugar tal qual ele é descrito por quem o percebe e o sente. **Os Mapas Mentais são representações do vivido, são os primeiros mapas traçados por nós ao longo de nossa história com os lugares por nos experienciados. Todos nós construímos verdadeiros mapas dos lugares a partir de nossa relação existencial com eles** (p.93) [grifo nosso].

Para Teixeira (2018), em sua tese de 2001, as imagens espaciais naturais da subjetividade foram denominadas mapas mentais,

Cada indivíduo tem sua própria relação com o mundo em que vive e, conseqüentemente, uma visão muito particular dos lugares. As representações advêm do simbólico, de uma construção mental decorrente da apreensão de significados que raramente podem ser desvendados pela razão, [...] são constituídos por sujeitos históricos, reais, reproduzindo lugares

reais, vividos, produzidos e construídos materialmente (p. 81-82).

Em um trabalho comum, Nogueira e Teixeira (1999) valorizam uma abordagem que se opõe à cartografia sistemática, preocupando-se com a aprendizagem adquirida a partir das vivências e percursos do cotidiano na sua compreensão individual do espaço. A ideia das autoras é prestigiar o saber espacial percebido, vivido e construído pelos indivíduos no seu dia a dia. Para elas, como já mencionamos, o conhecimento espacial também é resultado de imagens mentais que se constroem ao percebê-lo e vivê-lo; e nessa discussão, os mapas mentais seriam “tradutores de imagens da estrutura espacial que cada homem vivencia. [...] são construções mentais de um mundo real, concreto, sobretudo vivido por homens concretos que os produzem” (p.241-244).

Lima e Teixeira (2009) falam da ciência fenomenológica e sua potencialidade de conectar suas ideias com os mapas mentais, pois aquela é “uma ciência da experiência que analisa o fato sob a luz da percepção” (p. 211), e mapas mentais são “produtos da imagem percebida, do registro perceptual do sujeito” (p.211). Em seu trabalho, o mapa mental é posto como uma “expressão do sensível, carrega consigo a formalidade da expressão territorial. Nele, a pessoa se põe como elemento simbólico, ou seja, expõe seus símbolos internalizados” (p.229).

Jorn Seemann (2003) mostra algumas representações e métodos “alternativos” para cartografar a realidade, dando destaque ao mapeamento como prática integrada nas ações cotidianas das pessoas, em que se deva interpretar o mapeamento como traço cultural com validade universal. Ele não trabalha com o mapa mental, especificamente, mas realça a importância de ter uma maneira diferente de ver e representar o mundo, sem a necessidade de substituir os “mapas convencionais” — mapas mentais fazem total oposição a esta ideia “convencional”.

Por fim, num primeiro momento, vale destacar que muitos outros pesquisadores se lançaram e ainda se lançam nessa temática até aqui desenvolvida, a exemplo deste trabalho. Destacamos também, que, ao encerrar essa parte do texto, não se esgotam as discussões que precisam ser debatidas

sobre percepção do espaço e as formas de representação daqueles que o vivem e o percebem.

A percepção é uma forma pioneira de conhecimento de mundo e é rica em subjetividade, e “tais mapas articulam o real e o imaginário, definem cartografias e não podem ser totalmente desvendados pela razão” (FREIRE, 1995 apud TEIXEIRA; NOGUEIRA, 1999, p. 241).

3.3 MAPA MENTAL COMO REPRESENTAÇÃO CARTOGRÁFICA NA GEOGRAFIA

J. B. Harley (1991), por querer, define mapa de forma ampla e extensiva como uma “representação gráfica que facilita a compreensão espacial de objetos, conceitos, condições, processos e fatos do mundo humano” (p.7), com a finalidade de dispor sua aplicação a todas as formas de pensar ²⁹. Essa seria a nova história da cartografia, na qual cada cultura possa revelar suas particularidades. Isso traz uma grande vantagem para a ciência cartográfica: permitir uma maior compreensão dos objetivos da criação dos mapas, fazendo-nos pensar acerca dos mapas como um simulacro e não como um espelho do mundo.

A nova história da cartografia, trazida por Harley, privilegia a representação que conecta o objetivo e o subjetivo, a prática aos valores, ela valoriza o verdadeiro significado de ver. Esse tipo de abordagem diz muito sobre o que discutimos anteriormente, quando se falava de espaço vivido, de percepções dos sujeitos e de aspectos socioculturais. Assim, falamos sobre mapas, ou melhor, sobre mapas mentais.

Os mapas mentais foram um aporte teórico-metodológico do que foi chamado de Geografia das Representações (ANDRÉ; BAILY, 1989), baseando-se nos comportamentos, nos mapeamentos cognitivos e na subjetividade. Atualmente, muitos trabalhos buscam entender o espaço através dessas metodologias de representação.

A representação assume um papel fundamental quando se pensa em analisar e entender o espaço, uma vez que a sociedade sempre se expressou

²⁹ Para o autor, os mapas são uma forma de “saber” em geral.

através de representações, das rudimentares as mais modernas, como forma de se localizar ou de comunicar. Na geografia, de acordo com Kozel (2013), as representações se apresentam como uma verdadeira revolução epistemológica, fornecendo inúmeras perspectivas de pesquisa, tanto nas áreas didático-pedagógicas, como nas áreas voltadas as pesquisas ambientais.

As representações têm por objetivo:

Entender os processos que submetem o comportamento humano, tendo como premissa que este é adquirido por experiências, temporal, espacial e social, existindo uma relação direta e indireta entre as representações e as ações humanas, ou seja, entre a representação e o imaginário, revolucionando a gênese do conhecimento (KOZEL, 2013, p. 66).

A relação entre as representações e as ações dos indivíduos aproxima essa representação social da geografia humana, pois há uma conscientização dos aspectos subjetivos analisados nas práticas socioespaciais (KOZEL; GALVÃO, 2008). Coloca-se, aqui, o mapa mental como uma forma de representação social.

Por muitos anos, o mapa apareceu — e ainda aparece — como um produto técnico, absoluto, cartesiano e objetivo, sendo replicado progressivamente no ensino de cartografia, logo, no ensino de geografia. Isto leva a uma redução desse conhecimento, pois desconsidera várias formas de representar o espaço.³⁰

O mapa mental, na geografia, aparece em oposição a essa forma reducionista e objetiva de representar o espaço. Ele aparece como uma outra maneira de se expressar espacialmente, se expressar através de seu cotidiano, de seu meio, de seu lugar de vivência, o que gera uma complexidade ao analisar esse tipo de representação — que não é nada objetiva (RICHTER; DE FARIA, 2011).

Numa perspectiva didático-pedagógica, muitos autores trabalham com esse tipo de representação, com o objetivo de ampliar as visões espaciais dos alunos, que, em muitos casos, encontram-se reféns de mapas convencionais.

³⁰ “A educação cartográfica nas escolas, de um modo geral, tende a reprimir nos estudantes outras considerações a cerca do espaço para a imposição de um pensamento único, pensamento este que segue as normas ‘clássicas’ de produção de mapas e, portanto, reproduz a mesma cartografia representacional” (GIRARDI et al, 2011, p. 6).

Além de torná-los construtores de mapas, não necessitando ter conhecimento técnico, apenas vivências e experiências para que assim sejam representadas no papel.

A abordagem com esse tipo de “cartografia” — mapas mentais — valoriza outras formas de linguagem, para além da racional e científica. O mapa precisa ser visto como algo próximo ao aluno, mesmo ele não conhecendo todas as normas que faz com que um mapa seja considerado “correto” para os padrões de uma representação cartográfica (RICHTER; DE FARIA, 2011).

O uso de mapa mental é significativo, pedagogicamente falando. Esse tipo de representação, como trazem Richter e De Faria (2011), ostenta uma maneira diferente de analisar o espaço e, especialmente, “desmistifica a concepção de que o mapa é uma leitura singular, fixa e padronizada da realidade” (p. 260).

A cartografia tradicional não precisa ser vencida. Não há necessidade de esquecer a base da produção cartográfica, que sustentou uma ciência tão importante durante séculos de conhecimento. Contudo, não se deve rejeitar outras formas de representação do espaço.

Quando pensamos em geografia, é comum haver uma associação direta com mapas, e quando pensamos em mapas, relacionamos imediatamente com geografia. O mapa, para não ser vinculado apenas a uma técnica representativa, precisa ser visto como uma linguagem cartográfica. Seemann (2003) refere-se ao mapa como uma forma de comunicação que faz parte do pensar geográfico, não sendo uma mera comunicação de informações de quem produz para quem lê mapas, mas como abordagem que considere várias outras formas de fazer e usar esses produtos cartográficos.

Em harmonia com os estudos de Seemann (2003), acreditamos que os mapas mentais são formas de representação cartográfica, que apresentam visões alternativas da cartografia, nos quais não correspondem obrigatoriamente ao pensamento euclidiano. Os mapas mentais são cartografias da realidade, são cartografias sociais, de representação do espaço geográfico vivido. Assim, nesta concepção, a cartografia deve enfatizar “menos o radical **carto** (isto é, mapa no sentido técnico e ‘oficial’ do termo) e mais o radical **grafia** (mapeamento e uso de uma linguagem gráfica)” (SEEMANN, 2003, p. 50). Por fim, ele complementa: “o espaço não seria expresso pela fria geometria das distâncias físicas

estabelecidas pela escala de um mapa, mas conforme fatores como tempo, decisões, preferências e outras visões subjetivas” (p. 50).

No próximo capítulo, vamos discutir sobre os mapas mentais da cidade. Falaremos sobre a elaboração da pesquisa de campo até chegar nas representações cartográficas dos sujeitos pesquisados.

4. PERCEPÇÕES SOBRE A CIDADE E SEUS MAPAS

Para o cartógrafo... o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem.
(Suely Rolnik, 1989, p.67)

Sabemos que trabalhar com a percepção humana e com mapas mentais é um desafio constante, devido ao seu teor subjetivo. Portanto, nesta etapa do texto, iremos mostrar como lidamos e solucionamos a questão metodológica da pesquisa.

Neste capítulo, “Percepções sobre a cidade e seus mapas”, a discussão se dará nos caminhos metodológicos que esta pesquisa percorreu até chegar nas análises dos questionários e das atividades de mapas mentais. Caminho iniciado na escolha do colégio, na escolha do sujeito, nas formas de intervenção e investigação, entre outras coisas que vão compor a forma como a pesquisa de campo se desenhou.

Além disso, nesta etapa, iremos apresentar e analisar todos os dados adquiridos durante o trabalho de campo. Isto é, mostrar as respostas de cada participante nos questionários e suas produções de mapas mentais, com a finalidade de conhecer suas percepções sobre a cidade de Juiz de Fora.

4.1 CAMINHOS METODOLÓGICOS: DA ELABORAÇÃO À APLICAÇÃO

Quando pensamos em discutir acerca de uma elaboração de pesquisa até sua aplicação no campo teórico e prático, acreditamos que se deva começar do início. E começar dessa forma é mostrar para o leitor o que levou o escritor dessa pesquisa a se aventurar por esses caminhos.

Esse caminho começou a ser percorrido, ou planejado, de forma literal. Foi percorrido a pé nas inúmeras andanças pela cidade de Juiz de Fora, nas idas e vindas ao centro da cidade, nas socializações com pessoas de bairros próximos, nos trajetos de ônibus entre ruas e avenidas, nas atividades físicas feitas ao ar livre, beirando o rio, nas praças e quadras. O caminho foi sendo percorrido e planejado desde cedo, seja por simples mudanças de residências entre bairros, ou por simplesmente gostar de andar por aí. A cidade de Juiz de

Fora sempre esteve presente, tanto no endereço quanto nas relações afetivas com os lugares.

Ao entrar no curso de graduação em Geografia, tive oportunidade de ampliar meu horizonte de conhecimento através dos inúmeros campos de estudo desta ciência. Áreas voltadas para estudos urbanos, históricos e cartográficos sempre me despertavam interesse, com isso fui me envolvendo com projetos de pesquisa que me direcionava para as temáticas que hoje estudo.

A formação em Licenciatura me trouxe um grande interesse em assuntos voltados para a educação, principalmente na relação com que aqueles temas — mencionados acima — têm com o ensino. Portanto, foram-se conectando os temas até surgir um só caminho, para que assim seja feita uma pesquisa que englobasse todos os assuntos de interesse do autor.

Desta forma, a pesquisa foi amadurecendo com a tomada de algumas decisões. Sua construção se deu seguindo e optando por algumas opções de referenciais teóricos e metodológicos, que apresentamos até aqui e que ainda serão apresentados. Neste tópico do capítulo, iremos discutir a trajetória metodológica desse projeto.

De início, destaca-se a importância da metodologia utilizada em Richter (2010) para essa pesquisa. Em seu quarto capítulo, o autor faz uma caracterização da metodologia que utilizará durante seu trabalho de doutoramento, sendo uma base para trabalhos envolvendo mapas mentais. Uma dessas caracterizações está na aproximação deste tipo de pesquisa com as abordagens do uso de metodologias qualitativas, em que há em Richter, e aqui também ser apresenta.

Ludke e André (2018) falam do grande interesse de algumas áreas, principalmente a da Educação, por esse tipo de metodologia, e contam sobre a questão do rigor científico neste tipo de investigação. Para eles, o estudo qualitativo “é o que se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada” (p.20).

Para enriquecer suas discussões, esses autores trazem Bogdan e Biklen (1982) expondo o conceito de pesquisa qualitativa, apresentando algumas características:

A pesquisa qualitativa ou naturalísticas, segundo Bogdan e Biklen (1982), envolve a **obtenção de dados descritivos**, obtidos no **contato direto do pesquisador com a situação estudada**, enfatiza **mais o processo do que o produto** e se preocupa em **retratar a perspectiva dos participantes**. (LUDKE; ANDRÉ, 2018, p. 14) **[grifo nosso]**

A obtenção dos dados é fundamentalmente descritiva: com a finalidade de enriquecer a pesquisa com descrições de pessoas, acontecimentos e situações, podendo incluir entrevistas e depoimentos, desenhos e fotografias, e tantos outros tipos de documento; aqui, todas as informações da realidade estudada são consideradas importantes. Há o contato direto do pesquisador com a situação/ambiente estudado: com um trabalho de campo intensivo, presente e observador dos detalhes que ocorrem em todo ambiente analisado; tem de se olhar as circunstâncias particulares em que o objeto se insere, para que assim possa entendê-lo profundamente (BOGDAN & BIKLEN, 1982 apud LUDKE; ANDRÉ, 2018).

A atenção está mais no processo do que no produto: mesmo havendo interesse e curiosidade pelo produto final, o pesquisador deve verificar toda a manifestação da atividade, analisar os problemas, os procedimentos e as interações durante todo o processo. Por fim, deve se preocupar na retratação da perspectiva dos participantes: considerando os vários pontos de vista e capturando a maneira como os participantes lidam com as questões que estão sendo trabalhadas (Idem).

Com orientações na metodologia qualitativa, esta pesquisa de mestrado trabalha com uma realidade específica, para que se execute o estudo proposto de forma profunda e direcionada. Das várias formas que uma pesquisa qualitativa possa seguir, Ludke e André (2018) orientam para a pesquisa de estudo de caso. Este tipo de abordagem se caracteriza pelo estudo de um caso, que é sempre bem delimitado, com seus contornos notadamente definidos durante o estudo.

Sobre o caso, até pode ser parecido com outros, mas é ao mesmo tempo distinto, porque há um interesse próprio:

O interesse, portanto, incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações. Quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si

mesmo, devemos escolher o estudo de caso (LUDKE; ANDRÉ, 2018, p.20).

De acordo com esses autores, as características principais de um estudo de caso são:

1. *Os estudos de caso visam à descoberta*: mesmo que o investigador parta de alguns pressupostos teóricos iniciais, ele procurará se manter constantemente atento a novos elementos que podem emergir como importantes durante o estudo.
2. *Os estudos de caso enfatizam a 'interpretação em contexto'*: um princípio básico desse tipo de estudo é que, para uma apreensão mais completa do objeto, é preciso levar em conta o contexto em que ele se situa.
3. *Os estudos de caso buscam retratar a realidade de forma completa e profunda*: o pesquisador procura revelar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação ou problema, focalizando-o como um todo.
4. *Os estudos de caso usam uma variedade de fontes de informação*: ao desenvolver o estudo de caso, o pesquisador recorre a uma variedade de dados, coletados em diferentes momentos, em situações variadas e com uma variedade de tipos de informantes.
5. *Os estudos de caso revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas*: o pesquisador procura relatar as suas experiências durante o estudo de modo que o leitor possa fazer as suas 'generalizações naturalísticas'.
6. *Estudos de caso procuram representar os diferentes e as vezes com conflitantes pontos de vista presentes numa situação social*: quando o objeto ou situação estudados podem suscitar opiniões divergentes, o pesquisador vai procurar trazer para o estudo essa divergência, revelando ainda o seu próprio ponto de vista sobre a questão.
7. *Os relatos do estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa*: os dados do estudo de caso podem ser apresentados numa variedade de formas (LUDKE; ANDRÉ, 2018, p. 21-24).

Assim, após trazer um aporte teórico da elaboração da metodologia, vamos abordar alguns passos importantes sobre os procedimentos da pesquisa. Com base na metodologia de Richter (2010), esses passos são: revisão bibliográfica; espaços e os sujeitos da pesquisa; os instrumentos da pesquisa e a análise dos resultados.

Revisão Bibliográfica

Este ponto é uma parte fundamental de qualquer pesquisa acadêmica, pois dá todo suporte teórico para construir uma redação científica. As bibliografias servem para fundamentar discussões sobre determinados conceitos, enriquecem debates e análises, além de mostrar várias publicações acerca do tema pesquisado.

Nesta pesquisa, quando conversamos sobre a apreensão da cidade, começamos a dialogar com Ana Fani Carlos (2007, 2019) em “O lugar no/do mundo” e “A cidade”, com a ideia do espaço urbano apreendido, pensado e exercitado cotidianamente. Conceito este, cotidiano, que foi embasado nos textos de Lefebvre (1991) e Michel de Certeau (2008), “A vida cotidiana no mundo moderno” e “A invenção do cotidiano”, respectivamente. Além desses, em “Seis modos de ver a cidade”, Arrais (2017) coloca cotidiano como uma das maneiras de estudar e entender o espaço da cidade.

Para discutir cotidiano, há necessidade de abordar o conceito de experiência, com isso, Tuan (1983) em “Espaço e lugar: a perspectiva da experiência” a coloca como as diferentes maneiras que as pessoas conhecem e constroem a realidade. O que dá base para as discussões sobre as experiências urbanas e a produção da vida cotidiana, em Cavalcanti (1999 e 2013), nos textos “A cidadania, o direito à cidade e a geografia escolar: elementos de geografia para o estudo do espaço urbano” e “Jovens escolares e a cidade: Concepções e práticas espaciais urbanas cotidianas”.

Alguns arquitetos ajudam no embasamento do texto, como Jeff Speck (2017) em “Cidade caminhável”, Gehl (2015) em “Cidades para pessoas” e Jacobs (2011), com “Morte e vida de grandes cidades”, trabalhando temas como caminhabilidade nas cidades, espaços de encontro e contato social, a rua como órgão vital para os espaços urbanos, entre outros. Vale destacar, a conceituação trazida por Benjamin (2020), em “Baudelaire e a modernidade”, acerca do flâneur, uma figura de extrema importância nessas descrições.

Quando falamos sobre o lugar de estudo da pesquisa, a cidade de Juiz de Fora, contamos com contribuições de Sahb (2013), Gerson Guedes (2012) e Fonseca e Filho (2016). Ao relacionar os temas cidade, apreensão do espaço e Juiz de Fora com a pandemia, utilizamos Beiguelman (2020) “Coronavida:

pandemia, cidade e cultura urbana” e Lunardon (2020) com “Pandemia e Espaço Público: um destino distópico?”.

Numa outra etapa, quando houve a explanação sobre percepção, representação e mapas mentais, utilizamos os principais pensadores de cada tema. Nesta etapa, foi importante anunciar os aportes fenomenológicos trazidos nos textos de Merleau-Ponty (2018), Dardel (2015) e Hozel (2014), entre outros.

Merleau-Ponty, em “Fenomenologia da percepção”, fundou a parte teórica a respeito do conceito de percepção, que aparece na pesquisa. Em complemento, ao abordar mundo vivido e os espaços de vivências, temos Dardel e Hozel, em “O homem e a terra” e “Mundo e lugar: ensaio de geografia fenomenológica”, respectivamente. Além desses, tiveram consultas na obra de Carmo (2000) “Merleau-Ponty: uma introdução” e Cardim (2007) “A ambiguidade na Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty”, com a finalidade de orientar e enriquecer as discussões encontradas em Merleau-Ponty (2018). Ainda sobre percepção, recorreremos aos textos de Gibson (1950) “The perception of the visual world” e Tuan (1980) “Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente”.

Após demonstrar essa conceituação, o texto se direcionou para os mapas mentais. Assim, recorreremos a Gould e White (1986) com “Mental maps”, Nogueira (1994 e 2001) com sua dissertação e sua tese, Richter (2010) e sua tese de doutorado, Teixeira (2018) com seu livro da tese, entre outros. Quando abordamos mapa mental como forma de representação geográfica, consultamos Harley (1991), Richter e de Faria (2011) e Kozel (2013).

Esses autores foram fundamentais para a construção de uma contextualização e conceituação sobre mapa mental. Além disso, foram fundamentais para a construção de uma metodologia de pesquisa.

Os espaços e os sujeitos da pesquisa

O meu contato direto com os espaços estudados e os sujeitos da pesquisa não poderia ser um lugar diferente, pois ao propor trabalhar com as percepções dos jovens sobre a cidade, buscamos essa interação na escola. A escola selecionada tem uma característica peculiar e que chama muita atenção para as pesquisas acadêmicas, uma vez que seu processo de seleção é totalmente

democrático, feito através de um sorteio público. Com isso, há possibilidade, em um só espaço, de conviver com diferentes tipos de sujeitos, seja social, econômica ou culturalmente. Além desses pontos, essa escola me abriu portas para que eu realizasse as práticas de observações e os estágios obrigatórios durante minha formação como professor.

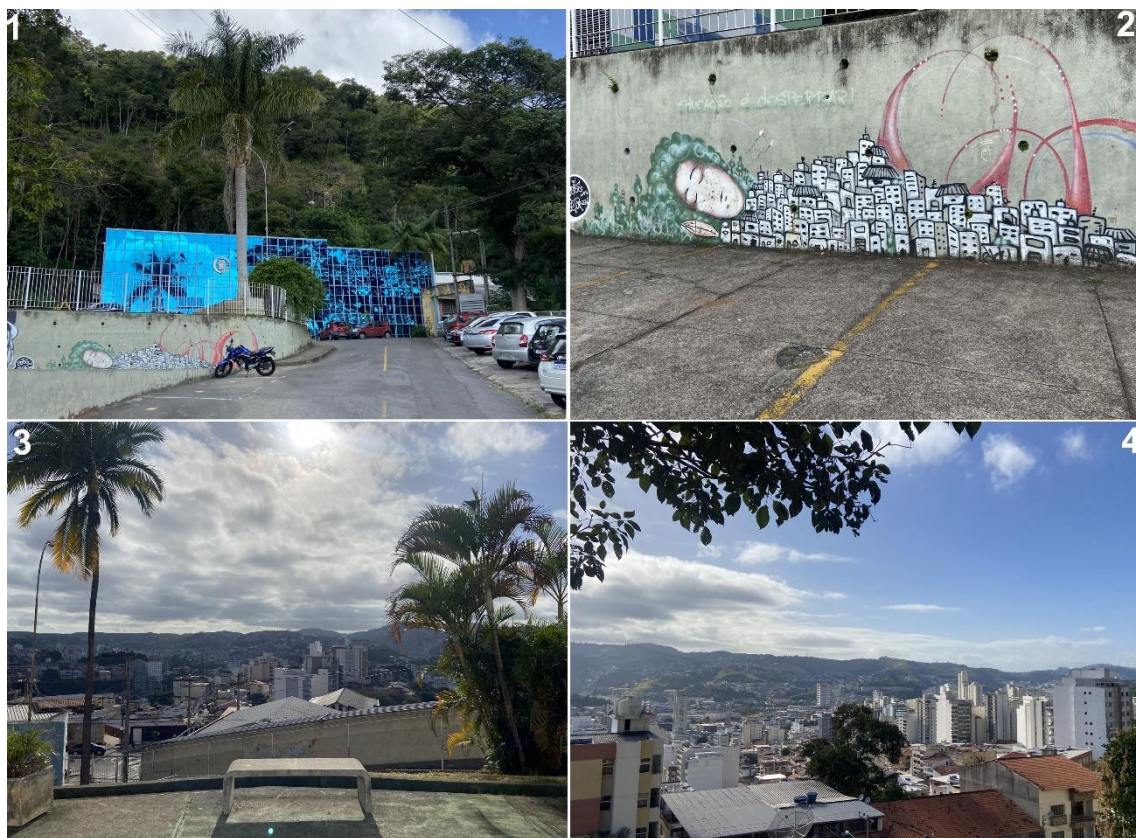
Um dos espaços de pesquisa foi o Colégio de Aplicação João XXIII, uma instituição vinculada à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Sua história passa pela sua origem em 1965, como uma escola de experimentação, aplicação e demonstração — que na época levava o nome de Ginásio de Aplicação João XXIII — com a finalidade de atender aos alunos dos cursos de licenciaturas e pedagogia, como campo de estágio supervisionado e pesquisa.

Durante sua trajetória, o Colégio foi implementando as séries iniciais do Ensino Fundamental, o Ensino Médio, o curso para Educação de Jovens e Adultos e o Curso de Especialização em Prática Interdisciplinar, até se tornar uma Unidade Acadêmica, de acordo com o novo estatuto da UFJF. Atualmente, o Colégio conta com cerca de 1350 alunos, matriculados em 24 turmas de Ensino Fundamental e 9 turmas de Ensino Médio, além de 8 turmas atendendo a alunos do Curso de Educação de Jovens e Adultos, e 2 turmas de cursos de especialização³¹.

Localizado na rua Visconde de Mauá, no bairro Santa Helena, o Colégio possui uma ampla e moderna estrutura física, composta por dois prédios, um para o Ensino Fundamental e outra para o Médio, além de um anexo ao segundo prédio, onde se localiza o Centro de Ciências. Entre os prédios, há um ginásio com duas quadras poliesportivas, pátios com espaços livres e arborizados, além de artes em grafite por alguns muros da escola. Internamente, há vários laboratórios, alguns anfiteatros, salas específicas de estudos e inúmeras salas de aula. (FIGURA 18).

³¹ Informações retiradas do site da instituição:
<https://www.ufjf.br/joaouxiii/institucional/historia/>

Figura 18 - Colégio de Aplicação João XXIII



Fonte: Próprio autor (2023). Legenda: 1: Prédio do Ensino Médio; 2:Arte no muro “Educação é despertar”; 3: Banco de um dos pátios e 4: Vista da cidade de Juiz de Fora através do estacionamento da escola.

Como política da instituição, o projeto de mestrado precisou passar pelo Conselho de Unidade, num processo que levou cerca de quatro semanas. Após este período, fui comunicado que a pesquisa foi aprovada e logo poderia ser aplicada. Em sequência, antes do contato com a turma, busquei uma conversa com os professores responsáveis por elas.

No início do próximo mês, subsequente à aprovação, conversei com os dois professores das três turmas do 3º ano do Ensino Médio — sujeitos da pesquisa. Nesse diálogo, expus o projeto, os objetivos e o planejamento do trabalho de campo com as turmas. A recepção foi calorosa, com entusiasmo e com toda assistência que eu poderia precisar.

A pesquisa foi realizada nas salas de aula do 3º ano do Ensino Médio, como fora mencionado, em que há divisão por turmas A, B e C. As duas primeiras turmas têm 25 alunos e a terceira, 3º ano C, têm 27. Mas, nos dias da aplicação, nem todos os alunos estavam presentes ou quiseram participar. No entanto, a quantidade de alunos participantes foi de 65 alunos.

Sobre as etapas e o tempo de trabalho de campo, temos:

- 17 de março de 2023: troca de e-mails com a direção e secretária do Colégio, em que me apresentei ao diretor e ao secretariado, e expus meu projeto a eles. No corpo do e-mail foram anexados três documentos, meu projeto de mestrado, uma solicitação de autorização assinada por mim e por meu orientador e o questionário de investigação, que eu iria utilizar em sala de aula.
- 19 de abril de 2023: fui comunicado sobre a aprovação do projeto, condicionado que um professor ou professora do Colégio me acompanhe na realização.
- 03 de maio de 2023: apresentação do projeto e construção de diálogos com os professores responsáveis.
- 08 de maio de 2023: primeiro contato/encontro com as turmas, em que fui apresentado a todos e tive a oportunidade de falar sobre minha pesquisa e sobre o trabalho de campo. Neste dia, além da apresentação, entreguei para os alunos um termo de autorização dos pais e um termo de assentimento.
- 15 de maio de 2023: segundo contato/encontro com as turmas e início da aplicação do questionário e da atividade de mapas. No 3º ano A, às 7h30, foi a primeira aula de aplicação. No 3º ano B, entre 8h15 até 9h45, aplicação e finalização nas duas aulas geminadas da turma. E, no 3º ano C, às 10h45, início da aplicação.
- 17 de maio de 2023: Terceiro contato/encontro com as turmas e finalização de todos os questionários e atividades de mapas. No 3º ano A, às 7h30, finalização da pesquisa. E, por fim, no 3º ano C, às 10h45, conclusão da pesquisa.

Notamos que, desde o primeiro contato com a direção, através da exposição do projeto de mestrado, até o último dia de realização do trabalho de campo, passaram-se dois meses. Neste tempo, houve orientações e adaptações nos instrumentos da pesquisa

Os instrumentos da pesquisa

Como instrumentos da pesquisa, temos um questionário de investigação e duas produções de mapas mentais — sendo que a atividade de produção de mapas mentais aparece nesse mesmo questionário (Apêndice A). Esses instrumentos contribuíram para a resolução do problema da pesquisa.

Vale destacar, dois documentos que foram utilizados antes da aplicação do questionário e da atividade de mapas. São eles: um termo de autorização para os pais e um termo de assentimento do aluno (Apêndices B e C).

Sobre o questionário de investigação, estruturou-se em duas partes, uma com informações iniciais e outra com informações sobre Juiz de Fora. Ao todo, cada questionário contém 24 questões mais duas propostas de atividades de produção de mapas mentais.

A primeira parte, basicamente, contém questões pessoais sobre os entrevistados. Questões como a idade, o endereço residencial com foco no bairro, se o aluno nasceu na cidade de Juiz de Fora, se este aluno já morou em outra cidade, em outros bairros etc. Além dessas, a questão que fecha essa parte pergunta ao aluno se ele moraria em outro bairro, caso pudesse escolher, e qual seria esse bairro?

Já a segunda parte do questionário, “outras informações sobre Juiz de Fora”, concentra o maior número de questões. Nesta parte, as perguntas foram direcionadas para que fosse possível conhecer um pouco da dinâmica e do conhecimento que os jovens têm sobre a cidade. Contendo perguntas diretas como: “com qual frequência você vai ao centro da cidade?”; “como você se desloca pela cidade?”, e perguntas com caráter mais descritivo: “quando você pensa na cidade de Juiz de Fora, qual é a primeira imagem que vem à cabeça?”; “cite pontos positivos e negativos da cidade”, entre outras.

As perguntas do questionário se estruturaram de maneira com que o sujeito entrevistado reflita sobre a cidade. Apresentam-se como um exercício de reflexão de sua rotina urbana, ou seja, para responder é necessário rememorar caminhos, imaginar seus trajetos, lembrar das ruas, dos bairros, é necessário contemplar a cidade.

Um outro instrumento de pesquisa, como fora mencionado no início deste tópico, foram as atividades de mapas mentais. Elas correspondem aos itens 3.1

e 3.2, Mapa Mental 1 e Mapa Mental 2, conseqüentemente. Aqui, foi pedido para que os alunos produzissem seus próprios mapas.

Para a elaboração dessa atividade, destacamos a importância de colocar um objetivo/tema de representação, ou seja, direcionar o que queremos que seja representado. Assim, temos as seguintes atividades:

- Mapa Mental 1: Produza um mapa mental da cidade de Juiz de Fora, tendo como destaque lugares que você mais frequenta.
- Mapa Mental 2: De acordo com suas rotinas, experiências e costumes, produza um mapa mental dos trajetos que você percorre pela cidade.

Essa atividade foi precedida por uma explicação do que seria um mapa mental, uma explicação que foi feita oralmente, mas que consta escrita no questionário, na folha anterior a atividade. O mapa foi produzido numa folha de papel a4, e, para sua produção, indicamos a utilização de canetas, lápis de cor, régua ou qualquer outro material que os alunos quisessem utilizar.

A análise dos resultados

Após a realização do trabalho de campo, houve o primeiro contato com as atividades aplicadas na escola. Estas atividades, como fora comentado acima, no texto sobre os instrumentos da pesquisa, correspondem a um questionário investigativo e a duas produções de mapas mentais. Inicialmente, o contato se deu na apuração das atividades, ocorrendo uma contagem por turmas e, depois, totalidade.

Abaixo, na tabela 1, podemos conferir esses valores:

Tabela 1 - Apuração das atividades realizadas no campo

Atividades de campo	Turmas			Total
	3º A	3º B	3º C	
Questionário	24	19	22	65
Mapa Mental 1	17	18	21	56
Mapa Mental 2	16	17	21	54

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Podemos perceber, com essa tabela, que a totalidade de questionários realizados não bate com a quantidade de alunos do 3º ano, e o número de mapas produzidos aparece ainda menor. Somando as três turmas, chegamos a 77 alunos, mas o número de questionários respondidos foi 65. Isso é explicado por alguns motivos, durante a realização do campo, alguns alunos não estavam presentes, e alguns que estavam não quiseram participar do trabalho. Já para a diferença no número de mapas com o número de questionários, é explicado pelo simples motivo de que alguns alunos não quiseram participar.

O 3º ano A — turma de 25 alunos — teve apenas uma pessoa ausente e, o restante da turma, topou participar da pesquisa, gerando 24 questionários. Mas, com a tabela, notamos que foi a turma que menos fez a atividade de mapas (17 mapas 1 e 16 mapas 2). O 3º ano B — turma de 25 alunos — foi a turma com menor quantidade de alunos participantes (19 alunos), mas a quantidade de mapas foi maior que a turma anterior, tendo apenas três alunos que não produziram (18 mapas 1 e 17 mapas 2). Já o 3º ano C — turma de 27 alunos, tiveram cinco ausentes, o que gerou uma quantidade de 22 questionários. Destes, apenas um aluno não realizou a atividade com mapas (21 mapas 1 e 21 mapas 2).

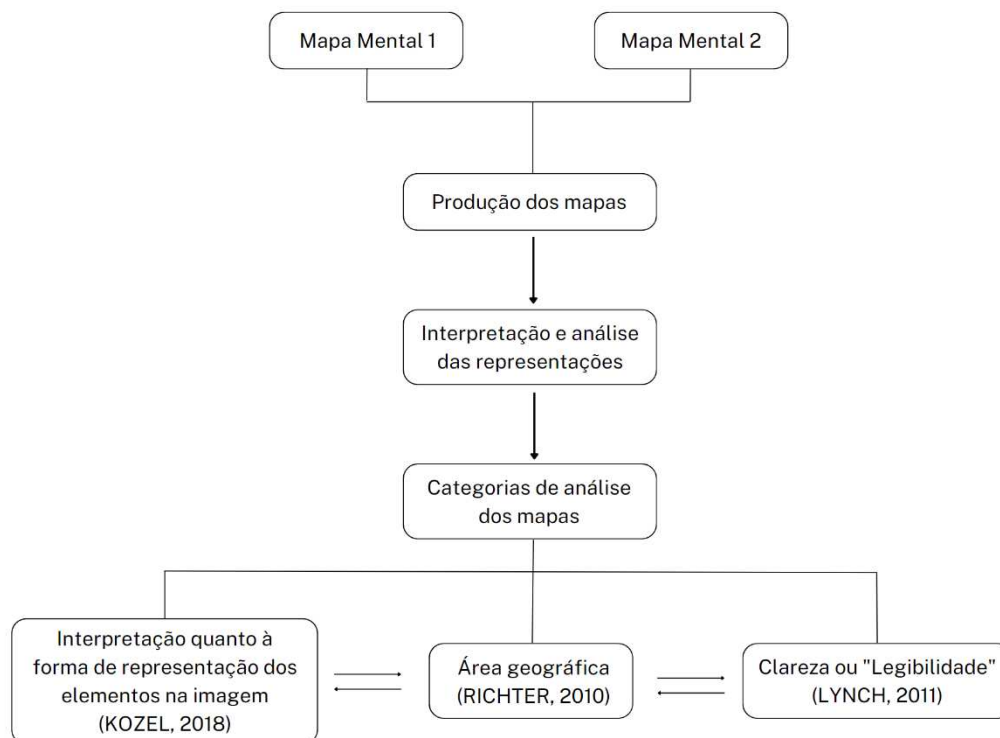
Ao pegar a quantidade final, temos: 65 questionários e 110 mapas mentais. Esses números compõem nosso universo de investigação, em que deles serão feitas leituras, análises e interpretações.

Com isso, a próxima etapa foi a digitalização dos dados dos questionários e de alguns mapas mentais, que vão aparecer no corpo do texto. Nem todos os mapas foram digitalizados, mas todos foram fundamentais para as análises e interpretações.

Sobre a digitalização dos dados dos questionários, foi utilizado o editor de planilhas *Excel*, para que seja prático e mais eficiente consultar alguns dados. Vale destacar, que nem todos os dados foram para o meio digital, como por exemplo as perguntas de caráter expositiva e descritivas. Sobre a digitalização das atividades de mapa, foi usado dois aplicativos para celular: *IScanner* e *CamScanner*.

Uma etapa importante para estudar e trabalhar com os resultados foi a estruturação de categorias de análise dos mapas mentais. O quadro 1 a seguir apresenta um mapa conceitual dessas categorias de análise:

Quadro 1 - Mapa conceitual das categorias de análise



Fonte: RICHTER, 2010 (adaptado).

Este mapa conceitual se inicia com a apresentação dos dois mapas mentais que foram pedidos na atividade de mapas (Mapa Mental 1 e Mapa Mental 2). Após essa atividade, que no quadro colocamos como “Produção dos Mapas”, passamos para uma das etapas mais importantes da pesquisa: “Interpretação e análise das representações”. Para esta etapa de análise e interpretação, foi necessária uma estruturação de “Categorias de análise dos mapas”, sendo elas: Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem (1^a); Área geográfica (2^a) e Clareza ou “Legibilidade” (3^a).

A primeira, Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem, refere-se a um dos parâmetros de análise encontrado em Kozel (2018). Esse parâmetro foi organizado de acordo com as “representações das imagens contidas nos desenhos em relação à forma, visando refletir sobre a noção de espaço, evidenciando como os signos foram registrados”, e um dos aspectos observados está na “diversidade de formas representativas contidas nos mapas mentais, ressaltando-se três elementos que algumas vezes ocorrem associados” (KOZEL, 2018, p.42):

- *Ícones*: ou formas de representação gráfica através de desenhos;³²
- *Letras*: ou palavras complementando as representações gráficas;
- *Mapas*: ou representações cartográficas.

Dentro da forma de representação *ícones*, observaremos a existência da representação de elementos humanos. Este elemento, como aborda Kozel, refere-se a aparições nos mapas mentais representando personagens distintos, geralmente relacionados a abordagens sociais.

A segunda, Área geográfica, refere-se a uma delimitação espacial na construção dos mapas, podendo pensar na rua, no bairro e até na cidade. Essa delimitação da área geográfica pode oferecer “a primeira dimensão do conhecimento espacial que o aluno possui sobre a cidade” (RICHTER, 2010, p.162). Essa categoria de análise está muito associada à anterior, pois também ocorre uma atenção à forma dos elementos apresentados.

Já a terceira, Clareza ou “Legibilidade”, estende-se à uma qualidade visual da paisagem das cidades, ou seja, relaciona-se à “facilidade com que suas partes podem ser reconhecidas e organizadas num modelo coerente”, um modelo correlato de símbolos identificáveis, assim “uma cidade legível seria aquela cujos bairros, marcos ou vias fossem facilmente reconhecíveis e agrupados num modelo geral” (LYNCH, 2011, p.3).

Lynch acredita que há imagens públicas de qualquer cidade, na qual é sobreposta de muitas imagens individuais. O conteúdo das imagens das cidades, que se referem às formas físicas, pode ser classificado em cinco tipos de elementos (LYNCH, 2011, p.51-53):

- *Vias*: canais de circulação ao longo dos quais o observador se locomove de modo habitual. Podem ser ruas, alamedas, linhas de trânsito, canais e ferrovias. Os habitantes de uma cidade observam-na à medida que se locomovem por ela, e, ao longo dessas vias, os outros elementos ambientais se organizam e se relacionam.

³² Kozel (2018) desdobra o elemento *ícones* em quatro grupos, no que foi chamado de “interpretação quanto à especificação dos ícones”: 1) representando elementos da *paisagem natural*; 2) representando elementos da *paisagem construída*; 3) representação de elementos *móveis*; e 4) representação de elementos *humanos*. (p.50).

- *Limites*: são os elementos lineares não usados ou entendidos como vias pelo observador. São as fronteiras entre duas coisas, quebras de continuidade lineares: praias, margens de rios, lagos, cortes de ferrovias, espaços em construção, muros e paredes.
- *Bairros*: são as regiões médias ou grandes de uma cidade, concebidos como dotados de extensão bidimensional. O observador neles “penetra” mentalmente, e eles são reconhecíveis por possuírem características comuns que os identificam.
- *Pontos nodais*: são pontos ou lugares estratégicos de uma cidade através dos quais o observador pode entrar, são os focos intensivos para os quais ou a partir dos quais ele se locomove. Podem ser junções, locais de interrupção do transporte, um cruzamento ou uma convergência de vias, momentos de passagem de uma estrutura a outra.
- *Marcos*: são outro tipo de referência, mas, nesse caso, o observador não entra neles, pois são externos. São objetos físicos definidos de maneira simples: edifício, sinal, loja ou montanha.

Essas categorias se relacionam entre si e não devem ser analisadas de forma isolada. Ao produzir representações do espaço da cidade, sabemos que todos esses aspectos das categorias de análise formam uma totalidade, que deve ser levada em conta, mesmo tendo conhecimento que cada uma dessas categorias vai nos ajudar nas interpretações e análises.

Com a definição das categorias de análises, fechamos a discussão dos caminhos metodológicos. Agora, vamos nos dirigir às investigações e interpretações dos questionários e dos mapas mentais, objetivando conhecer e analisar as percepções que os jovens têm sobre a cidade de Juiz de Fora.

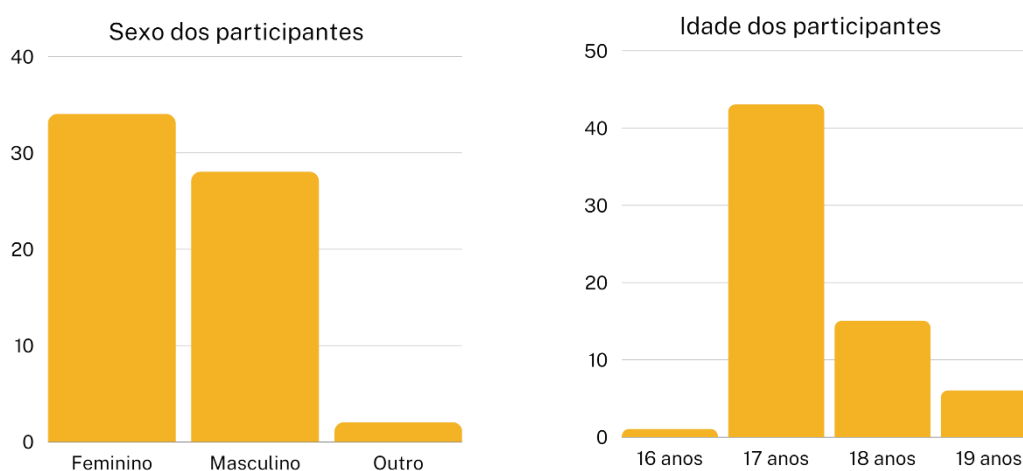
4.2 A CIDADE PERCEBIDA E REPRESENTADA PELOS JOVENS

Os primeiros resultados da pesquisa foram levantados através do questionário de investigação. Sua aplicação, entre dúvidas e diálogos, foi fundamental para iniciarmos as análises sobre os jovens e a cidade de Juiz de Fora. No primeiro momento do questionário, começamos com algumas

informações pessoais, a fim de conhecer cada participante. E quem são esses participantes?

Esses jovens participantes, na pesquisa, somam-se 65 alunos do 3º ano do Ensino Médio, do Colégio de Aplicação João XXIII. Destes 65 alunos, 34 são do sexo feminino, 28 do sexo masculino e 2 se identificam com outro gênero. Quanto à idade, a média dos participantes ficou em 17,4 anos. Podemos observar essas informações no Gráfico 1 abaixo:

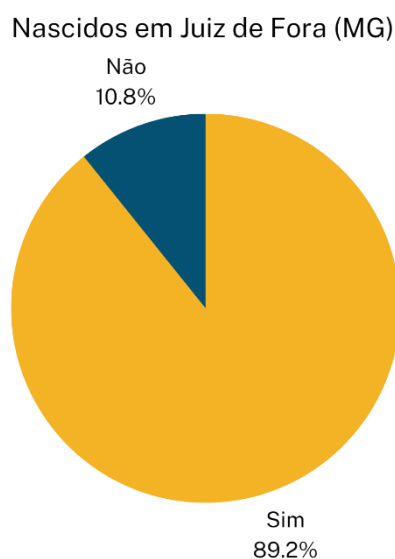
Gráfico 1 - Sexo e idade dos participantes da pesquisa



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2023).

A grande maioria dos alunos são nascidos em Juiz de Fora, apenas sete tem origem em outras cidades. O Gráfico 2 nos apresenta essa informação, e a Tabela 2 contém as cidades de origem desses outros participantes e o tempo em que eles moram na cidade de Juiz de Fora:

Gráfico 2 - Participantes nascidos em Juiz de Fora (MG)



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2023).

Tabela 2 - Cidade de origem dos participantes que não nasceram em Juiz de Fora e o tempo em que eles moram na nova cidade

Cidade de Origem	Tempo em que mora em Juiz de Fora
Caldas Novas (GO)	11 a 16 anos
Carmo (RJ)	11 a 16 anos
Nova Friburgo (RJ)	1 a 6 anos
Cataguases (MG)	6 a 11 anos
Mar de Espanha (MG)	Menos de 1 anos
São João Del Rey (MG)	11 a 16 anos
Ubá (MG)	11 a 16 anos

Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2023).

Dos 89,2% dos participantes nascidos em Juiz de Fora, ou seja, 58 alunos, 54 deles sempre moraram na cidade. Já os outros quatro alunos nasceram em Juiz de Fora, mas já moraram durante algum tempo em outra cidade, a exemplo de Chácara, Belmiro e Patrocínio, todas cidades mineiras.

Quanto ao bairro, quando foi perguntado o endereço residencial dos participantes, observamos que os bairros mais citados foram (Tabela 3):

Tabela 3 - Bairros mais citados no endereço residencial de cada participante

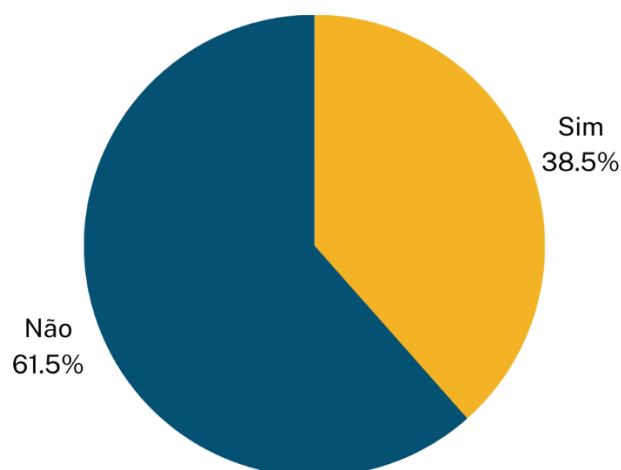
Bairro	Região da cidade	Número de alunos que moram no bairro
Bairu	Zona Leste	3
Bandeirantes	Zona Nordeste	3
Democrata	Central	3
Santa Luzia	Zona Sul	3
Aeroporto	Zone Oeste	2
Bom Jardim	Zona Leste	2
Centro	Central	2
Francisco Bernardino	Zona Norte	2

Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2023).

Além disso, foi observado que 53,8% dos participantes sempre moraram no mesmo local, e 46,2% já mudaram seu cep. Entre os bairros que foram citados como antigo endereço, temos: São Pedro (bairro da Zona Oeste, citado três vezes); Bandeirantes (Zona Nordeste, citado duas vezes); Manoel Honório (Zona Leste, citado duas vezes) e Cerâmica (Zona Norte, citado também duas vezes).

Para fechar a primeira parte do questionário, com as informações pessoais, fizemos a seguinte pergunta: “Se você pudesse, moraria em outro bairro?”. Na hora da aplicação, quando os alunos chegaram nesse item, ocorreram algumas falas paralelas, perguntas, curiosidades sobre as respostas dos colegas e até algumas dúvidas sobre onde eles queriam morar, como se não soubessem eleger um bairro, mas tinham certeza de que morariam em outra localidade da cidade. Em contrapartida, encontramos alunos que prontamente responderam “não” para a pergunta. A seguir, o Quadro 2 apresenta os números e as repostas:

Quadro 2 - Participantes que mudariam de bairro e os bairros escolhidos



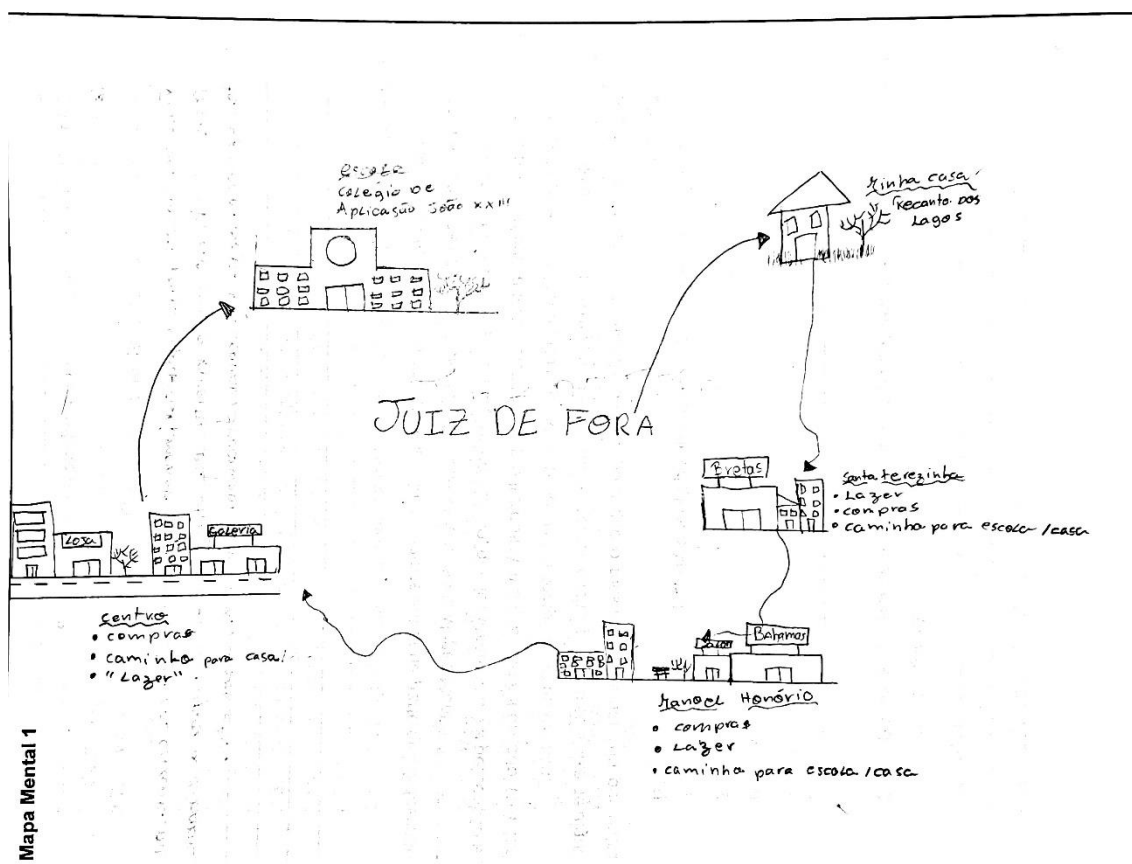
Bairros escolhidos	Vezes citados
Centro	11
São Pedro	3
Bom Pastor	3
São Mateus	2
Alphaville, Alto dos Passos, Cascatinha, ...	1

Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2023).

Muitas coisas poderiam ser colocadas para explicar as escolhas dos bairros, principalmente no bairro que mais se destaca dentre aqueles, o bairro Centro. Poderíamos falar da proximidade com o colégio, do comércio pulsante da região central, dos espaços de lazer, da facilidade de locomoção entre as ruas e bairros próximos, da diversidade de espaços públicos, entre outras coisas.

A seguir, observaremos as representações do Centro em alguns mapas mentais, elaborados a partir da primeira atividade de mapa, Mapa Mental 1, “Produza um mapa mental da cidade de Juiz de Fora, tendo como destaque lugares que você frequenta”. De acordo com esses mapas, é possível constatar a rotina que os participantes têm em cada área da cidade, a começar com a Figura 19:

Figura 19 - Mapa Mental 1, com destaque o bairro Centro

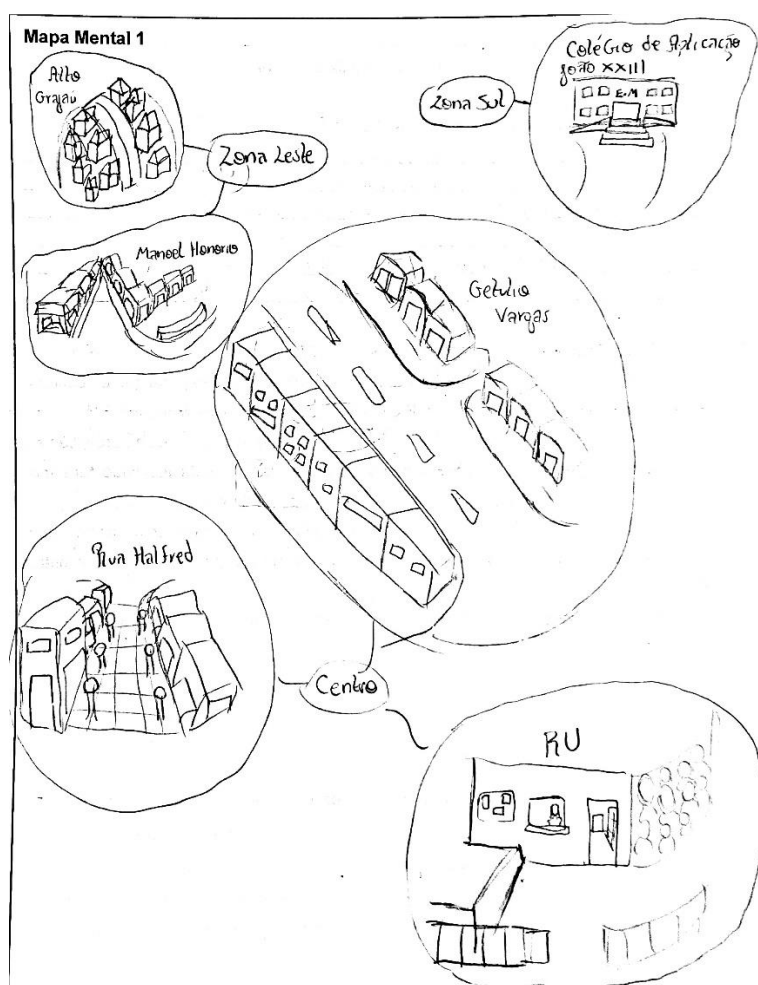


Fonte: Digitalização do próprio autor (2023).

Conforme as categorias de análises, neste mapa, presenciamos alguns caminhos interpretativos. Quanto à Forma de representação dos elementos na imagem (KOZEL, 2018), temos: *ícones*: através dos prédios, casas, placas e vegetação; *letras*: destacando o nome de estabelecimentos representados e de lugares e *mapas*: com uma representação espacial de Juiz de Fora ligada através de setas. Quanto a Área geográfica (RICHTER, 2010), temos uma demonstração do conhecimento espacial do participante representado através da delimitação da cidade, dando destaque a alguns bairros — Centro, Recanto dos Lagos, Santa Terezinha e Manoel Honório. Já quanto a “Legibilidade” (LYNCH, 2011), temos a representação de *vias*, *bairros* e *marcos*.

Podemos interpretar da mesma forma o mapa a seguir (Figura 20), em que o aluno reproduz alguns bairros, enfatizando o Centro. Além da representação de *vias*, *bairros* e *marcos*, notamos a utilização de *limites*, com a marcação de bairros e suas zonas, e *pontos nodais*, sendo observados com desenhos de cruzamentos e convergência de vias.

Figura 20 - Mapa Mental 1, destacando os bairros e suas zonas



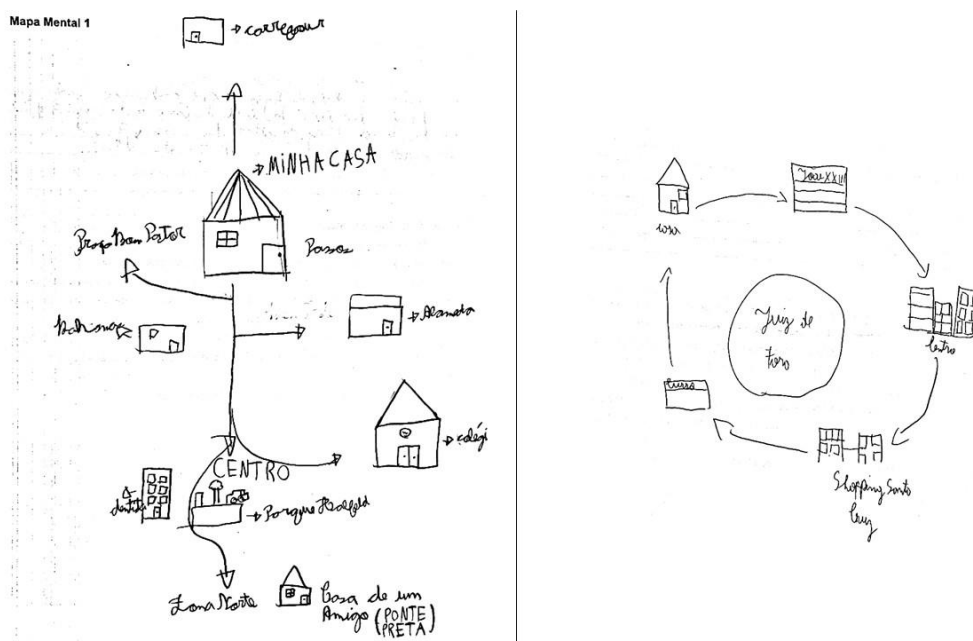
Fonte: Digitalização do próprio autor (2023).

Esses dois mapas realçam a região central da cidade, principalmente o bairro Centro. No primeiro mapa, o autor, através de *letras e ícones*, coloca o Centro como um lugar de compras, de passagem/caminho para casa e um lugar de lazer, além de representar a escola — localizada no bairro Santa Helena, zona central da cidade. No segundo, há representação da Rua Halfeld e da Avenida Getúlio Vargas, locais de comércio intenso, de lazer, de passagem e de fluxo de transporte público. Há presença também do “RU”, Restaurante Universitário³³, e da escola, que no mapa está representada equivocadamente como Zona Sul.

³³ O Restaurante Universitário, localizado na Rua Santo Antônio (Centro), além de atender os estudantes da Universidade Federal de Juiz de Fora, atende também os alunos do Colégio de Aplicação João XXIII. Do colégio ao Restaurante, a distância é de aproximadamente 1 quilômetro, ou 12 minutos a pé.

Os próximos dois mapas também dão destaque à região central, com ícones e letras representando algum tipo de funcionalidade, como lazer, comércio e estudo. Na Figura 21, podemos observar tais representações: curso, escola, shopping, dentista e parque.

Figura 21 - Mapas Mentais¹ com ênfase em algumas funcionalidades do Centro.



Fonte: Digitalização do próprio autor (2023).

Nos mapas expostos até aqui, é notório a presença de Áreas geográficas e da “Legibilidade”, como uma qualidade visual da cidade, através de representação da própria cidade de Juiz de Fora, dos bairros e das ruas. Agora, daremos destaque aos bairros:

O bairro torna-se, por conseguinte, um momento, um sector, da forma da cidade, intimamente ligado à sua evolução e à sua natureza, constituído por partes e à sua imagem. Destas partes possuímos uma experiência concreta. Para a morfologia social, o bairro é uma unidade morfológica e estrutural; é caracterizado por uma certa paisagem urbana, por um certo conteúdo social e por uma função própria; logo uma alteração de um destes elementos é suficiente para fixar o limite do bairro (ROSSI, 2016, p.36).

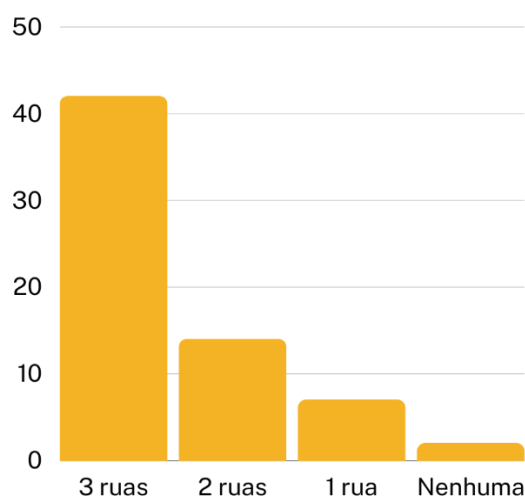
Jane Jacobs (2011) fala que um bairro bem-sucedido é o que permanece em dia com seus problemas, de maneira tal que eles não o destruam. Além disso, aborda a importância da vizinhança de rua nos bairros, idealizando a

autogestão das ruas, com atribuições de criar redes de proteção pública dos moradores, formar redes em escala reduzida na vida cotidiana dessas pessoas, redes de confiança e sempre proporcionar integração dos moradores com a vida urbana.

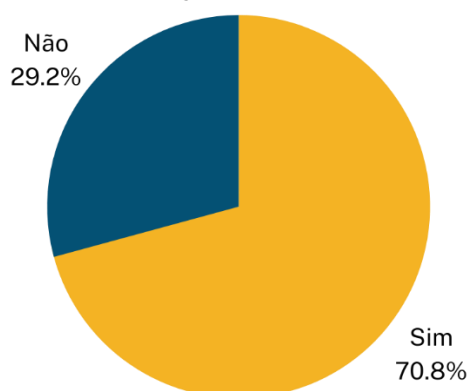
Essas atribuições da autogestão das ruas, pela autora, são consideradas modestas, mas indispensáveis. Iniciamos essa pesquisa, já no capítulo 1, sustentando: “antes da cidade, era o bairro”, colocando este como um dos primeiros lugares de experiência e percepção urbana. Quando perguntamos aos participantes sobre seus bairros, obtivemos as seguintes informações (Quadro 3):

Quadro 3 - Informações sobre os bairros dos participantes

Relação do número de ruas de bairro citadas pelos participantes



Praças, parques ou outro espaço público nos bairros dos participantes



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2023).

Esta relação dos participantes com as ruas do seu bairro veio da pergunta “Você consegue listar 3 ruas do seu bairro?”. Como consta no gráfico acima, 42

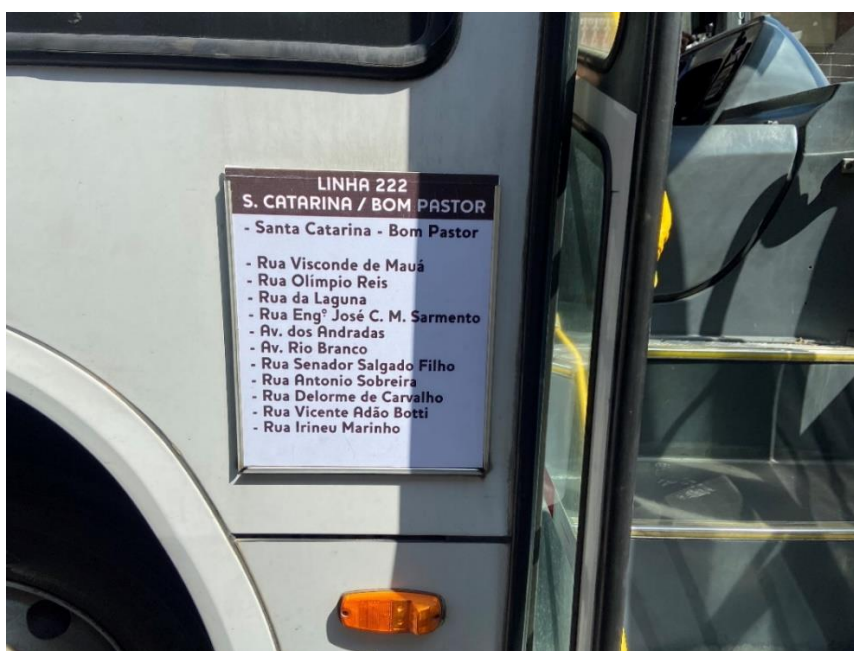
alunos conseguiram citar três ruas do seu bairro (64,6%), 14 conseguiram citar duas ruas (21,5%), sete citaram apenas uma (10,8%) e apenas dois alunos não conseguiram citar nenhuma rua (3,1%).

Somando os alunos que citaram três e duas ruas, nós temos um valor expressivo de, aproximadamente, 86% dos participantes. Esse número é um bom indicador quando discutimos a importância de ter conhecimento espacial sobre o lugar que se habita, especialmente num contexto em que 46,2% dos alunos já mudaram de bairro. Conhecer as ruas que formam um bairro, pode parecer algo simples, mas diz muito sobre experiência urbana, principalmente, sobre experiência espacial acumulada cotidianamente.

Já os alunos que sentiram embaraço para falar das ruas, talvez tenham encontrado dificuldades para nomeá-las, o que, de certa forma, não quer dizer total falta de conhecimento espacial. Ao pensar no bairro, a localização através de ruas, espaços públicos e estabelecimentos, por vezes, possa ser de forma informal, no sentido de se referenciar de maneira pessoal e afetiva. Isto é, a rua, para além do seu nome na placa, na carta e no mapa, talvez seja conhecida como a rua da igreja, pela simples presença dela, ou rua da padaria, rua do campinho, rua do fulano, entre outras formas afetuosas.

Uma forma prática de conhecer nomes de ruas dos bairros é através do transporte público, em especial, dos ônibus urbanos. Ao lado esquerdo da porta de entrada de passageiros, há uma placa com as informações do trajeto do ônibus, ali é possível saber todas as ruas percorridas, do ponto inicial até o ponto final. Como exemplo, trouxemos o ônibus da linha 222, que corta todo o centro da cidade, percorrendo os bairros Santa Helena, Santa Catarina, Morro da Glória, Centro e Bom Pastor. Destaca-se, que esta linha passa em frente ao Colégio de Aplicação João XXIII, rua Visconde de Mauá (Figura 22).

Figura 22 - Ruas percorridas pelo ônibus da linha 222



Fonte: Próprio autor (2023).

Quando perguntados se o bairro tinha alguma praça, parque ou outro tipo de espaço público, recolhemos os dados presentes no quadro 3 acima: 70,8% dos participantes responderam sim, que seu bairro tem algum desses espaços públicos, e 29,2% que não tem. Vale destacar, que esta pesquisa engloba 47 bairros diferentes — informação retirada a partir do endereço residencial dos participantes — e que muitos não conseguiram nomear esses espaços públicos.

Os espaços públicos nos bairros são apontados como uma dádiva entregue aos moradores, que podem dar inúmeras utilidades a esses espaços e fazê-los um sucesso, ou então não dão nenhum tipo de uso e os condenam ao fracasso (JACOBS, 2011). Esses espaços vivem extremos de popularidade e impopularidade, em que qualquer morador goza de opiniões sobre eles, das melhores a piores, e essas divergências de pontos de vista podem deliberar um espaço público. A praça de um bairro será afetada pelos seus moradores e pela vizinhança de rua, como falava Jacobs (2011).

Através do questionário, fizemos um levantamento dos bairros mais frequentados pelos participantes. Na Tabela 4 abaixo, observamos o predomínio, mais uma vez, do Centro (como fora observado na Quadro 2) e do bairro Santa Helena. Como já foi destacado no texto, o bairro Santa Helena é onde se localiza o colégio, o que acaba explicando o motivo de sua elevada frequência.

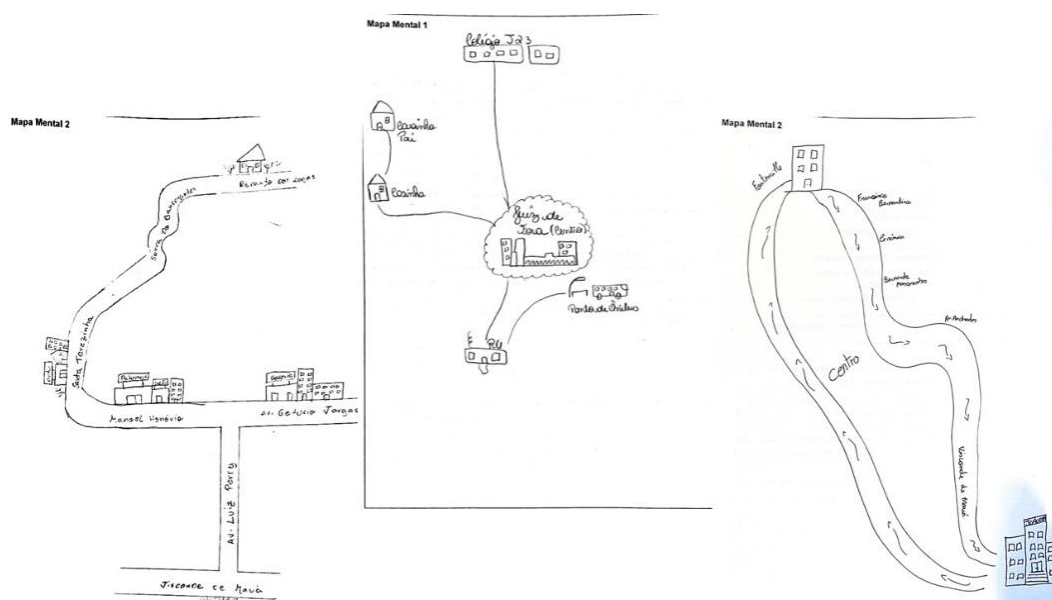
Tabela 4 - Bairros mais frequentados pelos participantes

Bairros mais frequentados	Vezes citados
Centro	41
Santa Helena	33
São Pedro	7
Manoel Honório e São Mateus	6

Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2023).

Para ilustrar essas informações da tabela, apresentamos a Figura 23 com mapas representando os bairros Centro, Santa Helena e Manoel Honório. Os mapas adiante foram extraídos das atividades de mapa, Mapa Mental 1 e Mapa Mental 2)³⁴. Notaremos a presença de *ícones e letras*: desenho de prédios com seus nomes; *vias, pontos nodais e marcos*: representação de vias públicas e seus entroncamentos, lojas, mercados e galeria; e a delimitação de áreas geográficas: com desenhos e nomes de ruas, além das sequências de bairros.

Figura 23 - Mapas Mentais 1 e 2 ilustrando os bairros Centro, Santa Helena e Manoel Honório, além de algumas ruas do bairro.

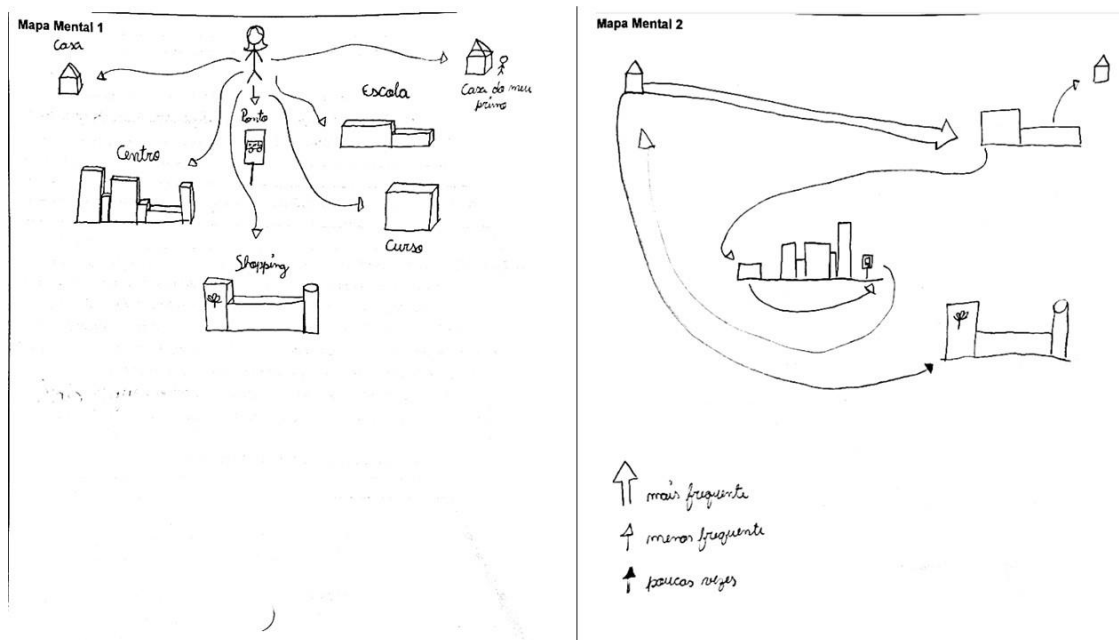


Fonte: Digitalização do próprio autor (2023).

³⁴A atividade de Mapa Mental 2 foi obtida a partir da proposta: “De acordo com suas rotinas, experiências e costumes, produza um mapa mental dos trajetos que você percorre pela cidade”.

Na próxima figura, apresentaremos dois mapas, que pertencem a mesma pessoa. No primeiro, a autora, através de um *ícone*, a desenhou e colocou setas indicando cada lugar, como casa, Centro, shopping, curso, escola e casa do primo. Já no outro mapa, que pede para enfatizar os trajetos, ela utilizou setas indicando fluxos e a escalonou. Comparando um mapa com o outro, podemos notar que, no segundo, seu trajeto mais frequente é para a escola; seu trajeto menos frequente é da escola para o Centro, e dele para casa; e o trajeto feito poucas vezes é de casa para o shopping (Figura 24).

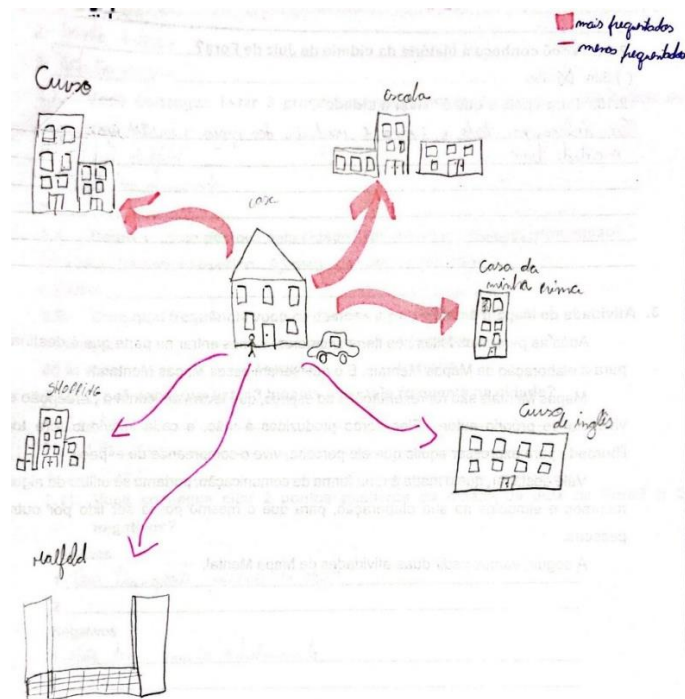
Figura 24 - Mapas Mentais 1 e 2 destacando os trajetos mais frequentados da autora



Fonte: Digitalização do próprio autor (2023).

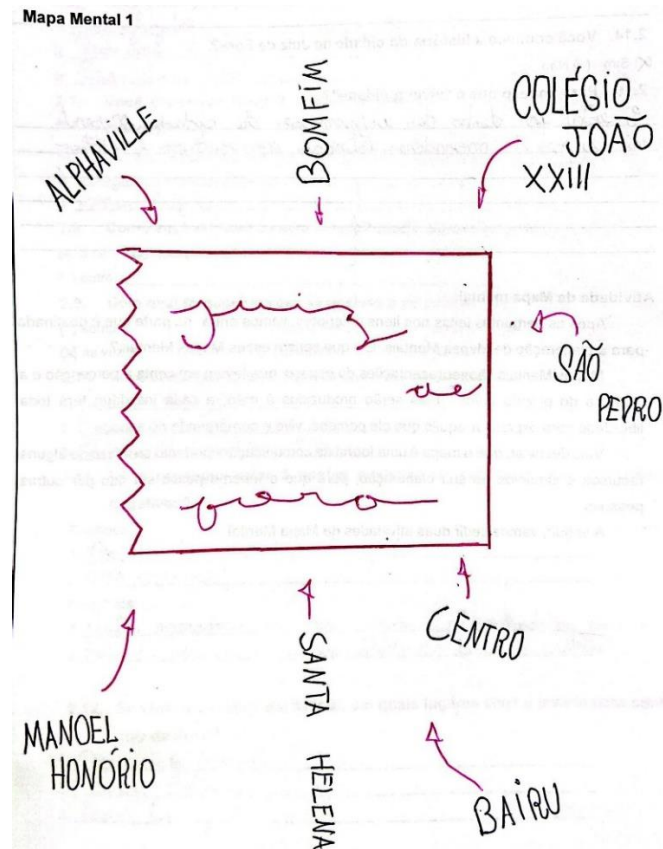
No mapa abaixo, também notamos a presença de *ícones*, *letras* e *marcos* representando os lugares mais frequentados pela participante. Através das letras, a autora identificou cada ícone desenhado (Figura 25). Já na Figura 26, a autora indicou os bairros mais frequentados, ligando-o ao centro da folha:

Figura 25 - Mapa Mental 1 com representações dos lugares frequentados



Fonte: Digitalização do próprio autor (2023).

Figura 26 - Mapa Mental 1 com os bairros mais frequentados.



Fonte: Digitalização do próprio autor (2023).

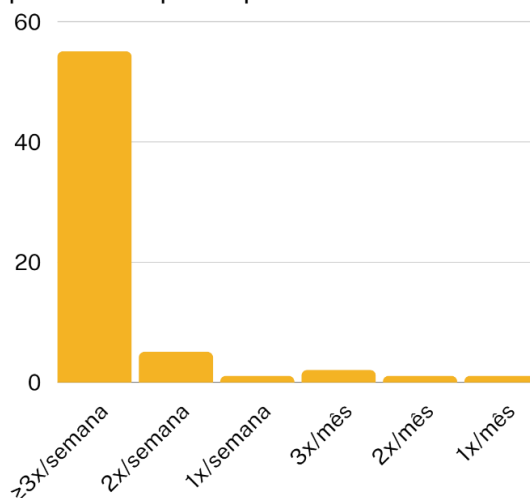
A região central da Cidade de Juiz de Fora aparece como uma área importante no cotidiano dos jovens escolares pesquisados. Para além desses jovens, a região central sempre teve seu papel marcante na população da cidade e na própria história de ocupação dela. Essa região margeava o Caminho Novo e, entre picadas e estradas, começaram a ocupação do que hoje conhecemos como Centro. Com o passar do tempo, com os investimentos vindos do café, da indústria e do comércio, a região central da cidade toma forma e se estabelece como uma área fundamental de Juiz de Fora.

Hoje, ao olharmos para a região central, encontramos na rua Halfeld um calçadão com movimento grande e pulsante de pessoas, sendo uma das ruas de comércio mais importante da cidade — se não a mais. Encontra-se também as avenidas Barão do Rio Branco e Getúlio Vargas com um grande fluxo de transporte público e individual, com construções históricas, comércio, áreas de lazer, além de ser importantes vias de ligação para outras áreas da cidade. Além disso, nos deparamos com inúmeras galerias entre as ruas do centro, uma característica peculiar da cidade, alguns shopping centers, encontramos inúmeros prédios comerciais, mercados, praças e espaços de uso comum, museus, entre outras coisas. A região central se apresenta como um poderoso lugar de passagem, de troca e, principalmente, de encontro.

Aos jovens, foi perguntado a frequência com que eles vão ao Centro da cidade. Abaixo, apresentamos o Gráfico 3:

Gráfico 3 - Frequência com que os participantes vão ao Centro da cidade

Frequência dos participantes no Centro da cidade



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2023).

A grande maioria, 55 alunos, marcaram que vão ao centro três vezes por semana ou mais, seguido por cinco alunos que vão duas vezes por semana e um que vai apenas uma vez na semana. Com esses três valores, temos quase todo o universo pesquisado, o que nos mostra a importância do Centro na rotina urbana dos entrevistados.

As experiências espaciais no Centro da cidade de Juiz de Fora têm se manifestado presente no dia a dia dos alunos, o que nos faz direcionar o olhar para os espaços vividos e ocupados por essas pessoas. Aqui, podemos falar das ruas, o espaço público mais importante de uma cidade:

Na rua encontra-se não só a vida, mas os fragmentos de vida, é o lugar onde o homem comum aparece ora como vítima, ora como figura intransigente e subversiva [...] A rua se coloca como dimensão concreta da espacialidade das relações sociais num determinado momento histórico, revelando nos gestos, olhares e rostos, as pistas das diferenças sociais (CARLOS, 2007, p.51).

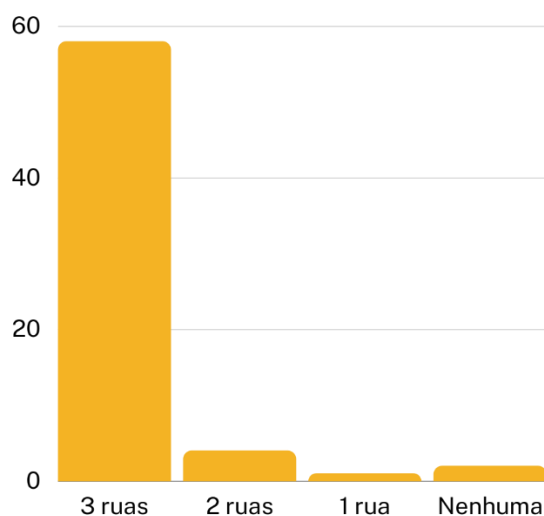
Nesse espaço acontecem as relações cotidianas, há apropriação da cidade e afloramento das divergências sociais. Carlos (2007) diz que a rua ainda preserva o sentido de encontro, seja em festas, brincadeiras, manifestações, ocupações e até nas passagens e colisão com os desconhecidos.

Ao utilizar um espaço público, ou seja, de direito e comum para todas as pessoas, a população se joga aos encontros e as aventuras urbanas. O uso do espaço público faz com que as pessoas caminhem de um lugar a outro, façam paradas, olhem construções e lojas, conversem e encontrem com outras pessoas, divirtam-se, ocupem, entre outras coisas (GEHL, 2015).

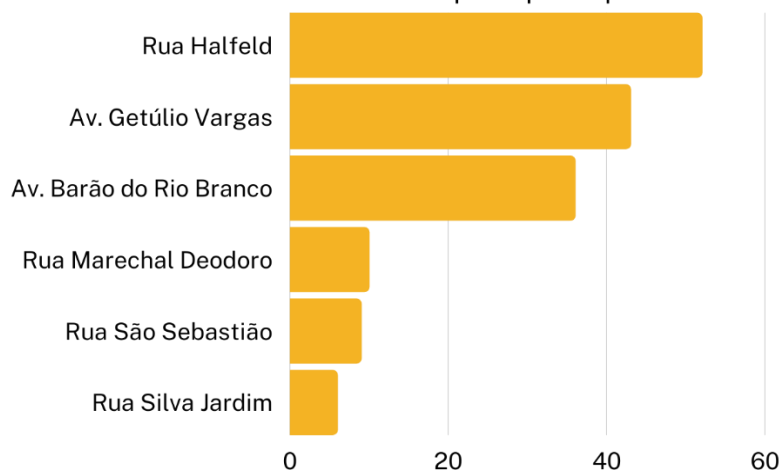
A maioria dos participantes vão pelo menos duas vezes no Centro da cidade, como observamos no gráfico 3 acima. Mas, como eles percebem esses espaços, ou como esses espaços são apreendidos? O Quadro 4 e 5 ilustram algumas informações:

Quadro 4 - Informações sobre as ruas citadas do Centro da cidade

Relação do número de ruas do Centro citadas pelos participantes



Ruas do Centro mais citadas pelos participantes



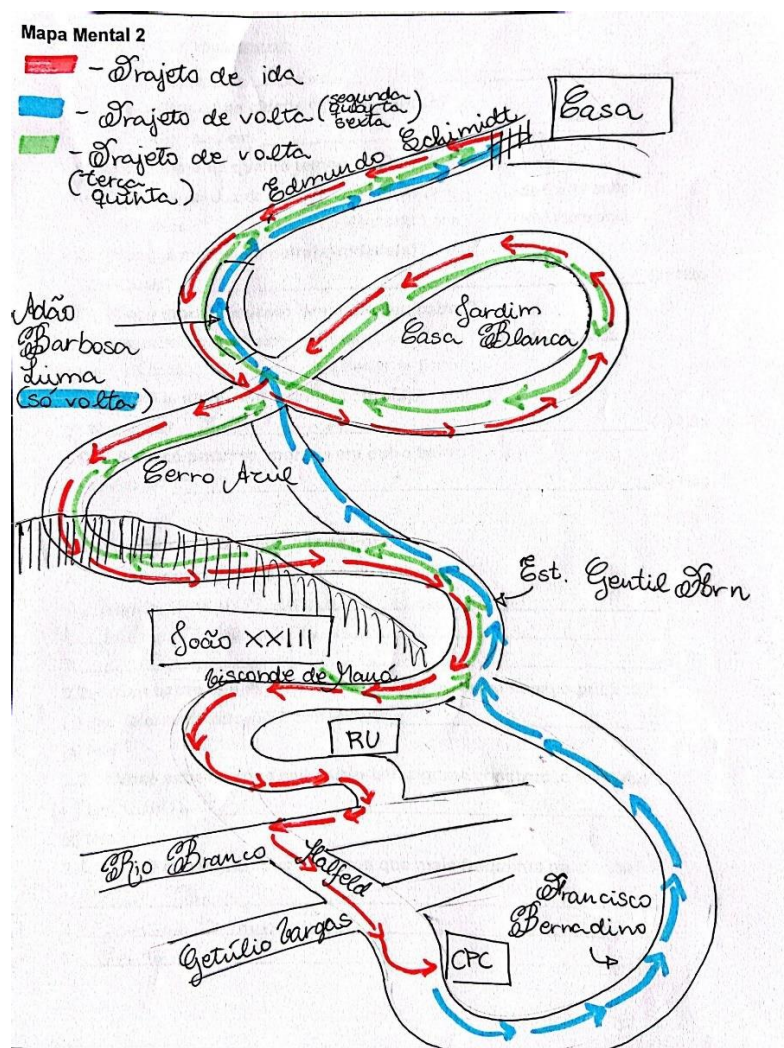
Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2023).

Em concordância com o gráfico 3, podemos reparar que a grande maioria conseguiu citar três ruas do Centro (58 participantes), já outras quatro pessoas citaram duas ruas, uma pessoa uma rua e duas não citaram nenhuma. Quando se olha para as ruas mencionadas, há predominância de três importantes vias da cidade, rua Halfeld, Avenida Getúlio Vargas e Barão do Rio Branco. Nessa parte do questionário, 82,5% dos alunos que citaram alguma rua, citaram a rua Halfeld e 68,2% dos alunos que escreveram alguma rua, escreveram a Avenida Getúlio Vargas.

No mapa a seguir, a autora identificou algumas importantes vias públicas da cidade, através dos seus trajetos cotidianos. Observamos: uma legenda no

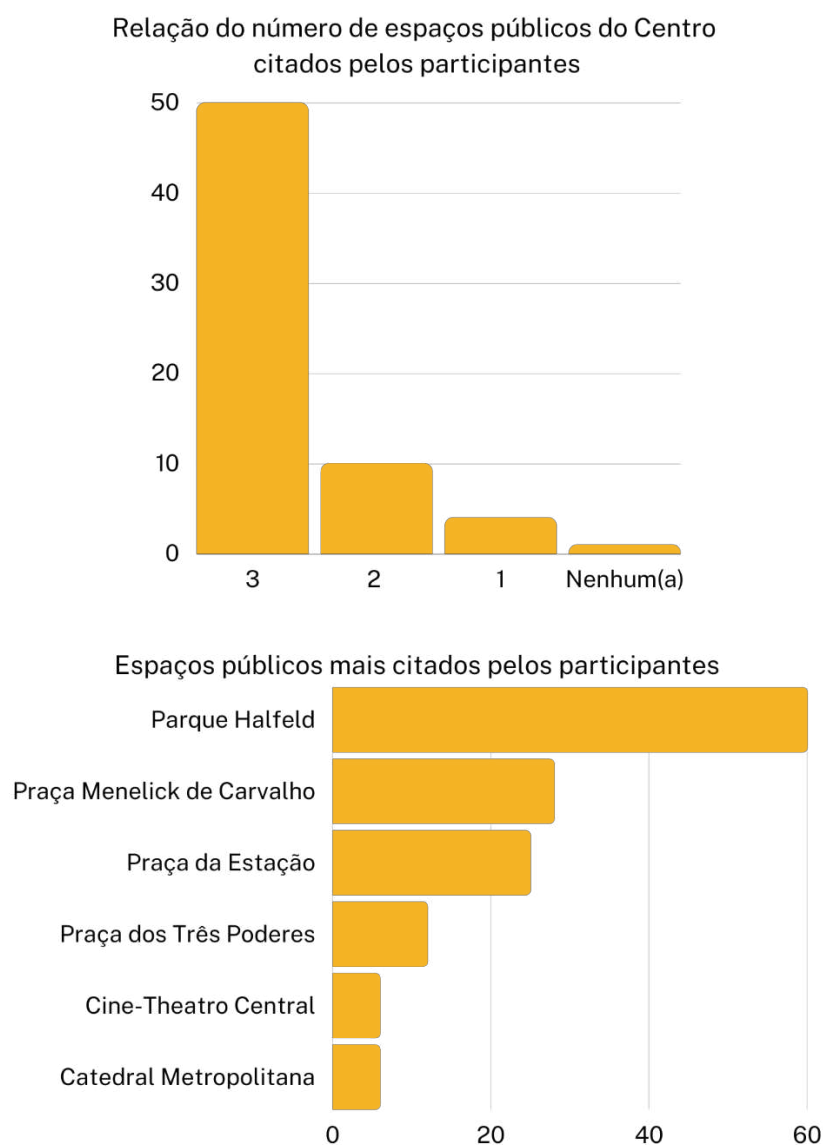
mapa, que mostra o tipo de trajeto e seus dias; *ícones e letras*, como uma forma de identificação de cada elemento do mapa; *vias, bairros, pontos nodais e marcos*, em que este último se apresenta através da representação da Serra do Morro do Cristo, localizada bem acima do colégio “João XXIII”. Na parte inferior do desenho, localizamos o Centro, onde a autora representou as três ruas mais citadas da pesquisa (Figura 27):

Figura 27 - Mapa Mental 2 identificando alguns trajetos e pontos da cidade



Fonte: Digitalização do próprio autor (2023).

Quadro 5 - Informações sobre os espaços públicos do Centro da cidade



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2023).

Mais uma vez, a maioria dos participantes conseguiram citar três espaços públicos do Centro, e a soberania ficou com o Parque Halfeld — 93,8% dos participantes que citaram alguma praça, citaram o Parque Halfeld. Além de praças, foram citadas seis vezes a Catedral Metropolitana de Juiz de Fora, localizada na Avenida Barão do Rio Branco, e o Cine-Theatro Central, localizado na Praça João Pessoa, que corta a rua Halfeld.

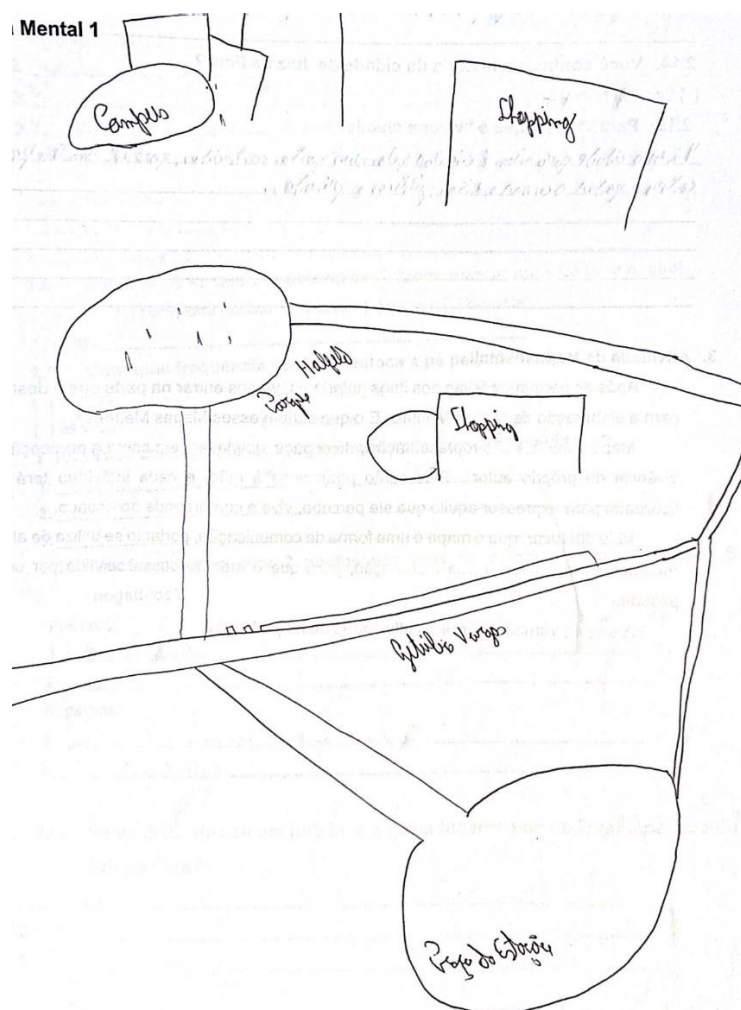
Entre os espaços públicos, foi possível notar a predominância de praças nas respostas dos alunos. Aqui, é importante destacar que o Parque Halfeld nada mais é que uma praça pública, seu nome como parque se popularizou desde sua criação, mas seu espaço aberto de uso comum se caracteriza como

praça. Outro ponto a se destacar diz respeito a Praça Menelick de Carvalho, todos os alunos que a citaram colocaram seu nome popular “Praça dos Namorados”.

De acordo com o trabalho “Praças de Juiz de Fora: Catálogo de Espaços Públicos” (ALBERTO et al, 2021), considerando os espaços públicos urbanos configurados para o estar e para outras práticas sociais, delimitou-se 95 praças em Juiz de Fora, o que resulta em, aproximadamente, uma praça para cada 6.000 habitantes, considerando a população de 2020. Neste catálogo, foi colocado que a utilização das praças públicas se dá para atividades físicas, para relaxamento, oração, interação social ou simplesmente para ver outras pessoas.

Um ponto fundamental para a vitalidade das praças é a diversidade de uso do seu entorno. Praças rodeadas por lotes apenas residenciais podem ter menos vida do que outras cercadas por comércios, serviços e residências, como exemplifica Alberto et al (2021). As praças que aparecem no quadro acima têm uma ocupação ao seu redor dividida entre espaços comerciais, residências, avenidas e ruas. Abaixo, é possível observar a representação de algum desses espaços, Praça Halfeld e Praça da Estação, interligadas por vias (Figura 28):

Figura 28 - Mapa Mental 1 com representação de duas importantes praças de JF

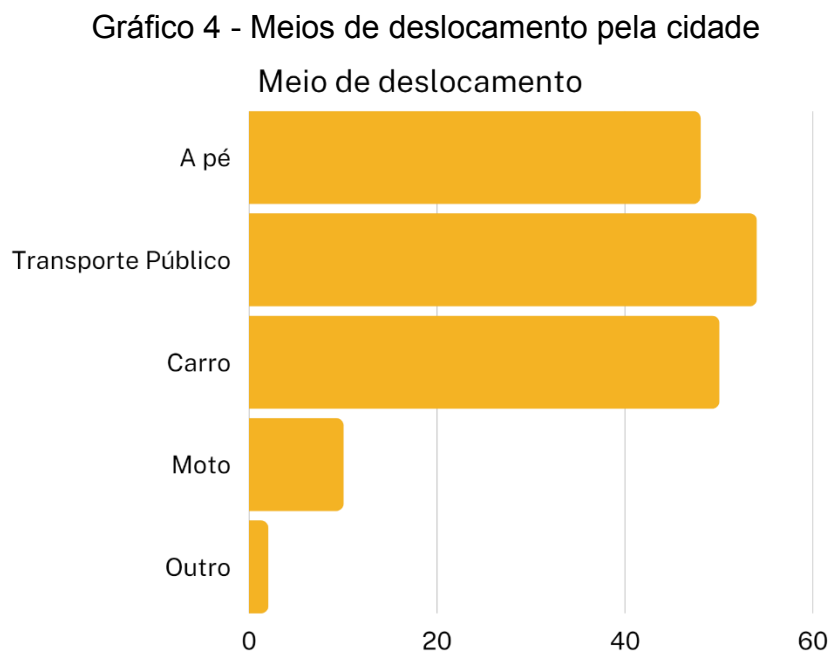


Fonte: Digitalização do próprio autor (2023).

Nas avenidas Barão do Rio Branco e Getúlio Vargas, encontra-se um intenso fluxo de pessoas e de automóveis, principalmente de veículos para transporte público. A avenida Barão do Rio Branco tem uma extensão de cerca de 6,5 Km, passando sucessivamente pelos bairros Santa Terezinha, Manoel Honório, Centro, Alto dos Passos, Bom Pastor e Cruzeiro do Sul, por ela, diariamente, passam 169 linhas de ônibus urbano. Já a avenida Getúlio Vargas, estende-se por 1 Km, passando única e exclusivamente pelo bairro Centro e, por lá, diariamente, passam 170 linhas de ônibus urbano³⁵.

³⁵ Informações retiradas no Google Earth Pro e do site da prefeitura de Juiz de Fora, no campo da Secretaria de Mobilidade Urbana, <https://www.pjf.mg.gov.br/onibus/itinerario/index.php>.

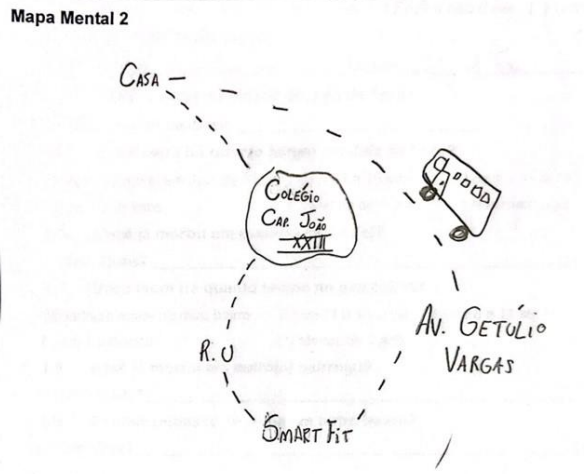
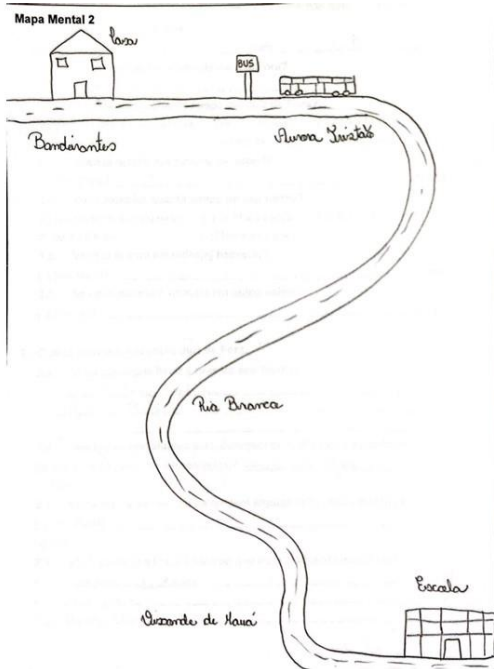
Ao falar em fluxo de pessoas e automóveis, destacando o transporte público, foi perguntado aos participantes como eles se deslocavam pela cidade (Gráfico 4):



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2023).

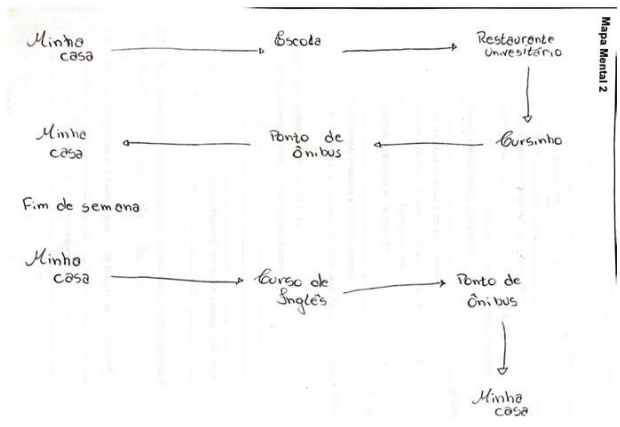
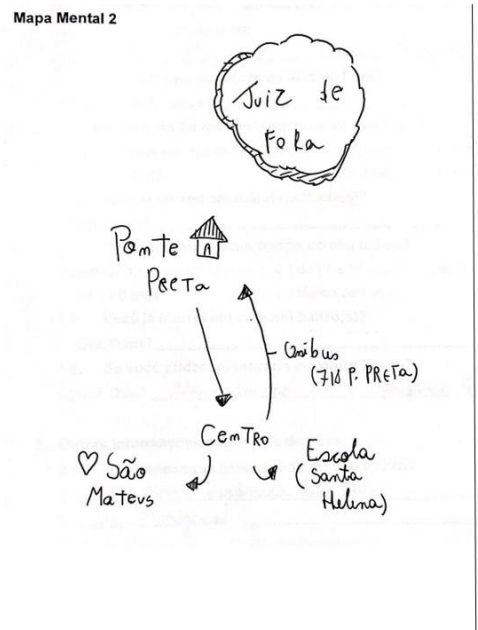
Os alunos puderam marcar mais de uma opção, com isso houve o destaque do Transporte Público, em especial, dos ônibus urbanos, seguido por carro e aqueles que se deslocam a pé. Os dois alunos que marcaram a opção “Outro”, exemplificaram que se deslocam por meio de van escolar. Em certos mapas mentais, notamos a representação de alguns meios de deslocamento (Figuras 29, 30, 31 e 32):

Figura 29 - Mapa mental 2 destacando o transporte público



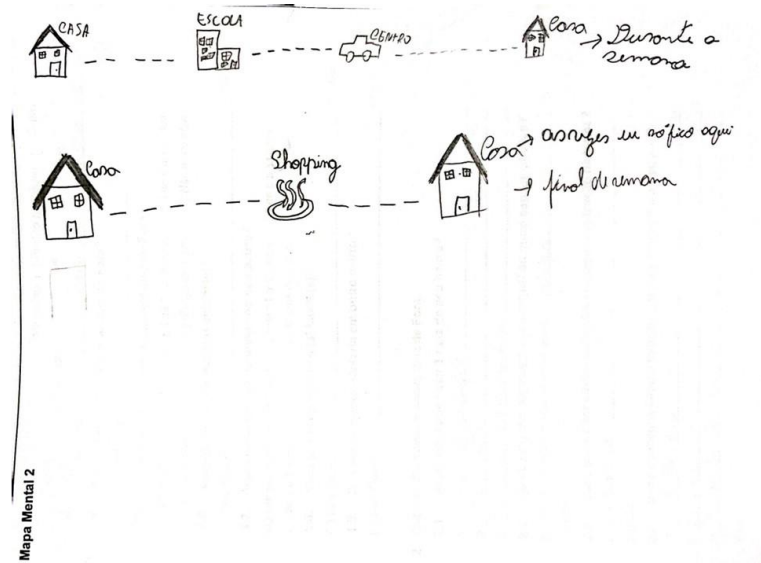
Fonte: Digitalização do próprio autor (2023).

Figura 30 - Mapas mentais 2 destacando o transporte público.



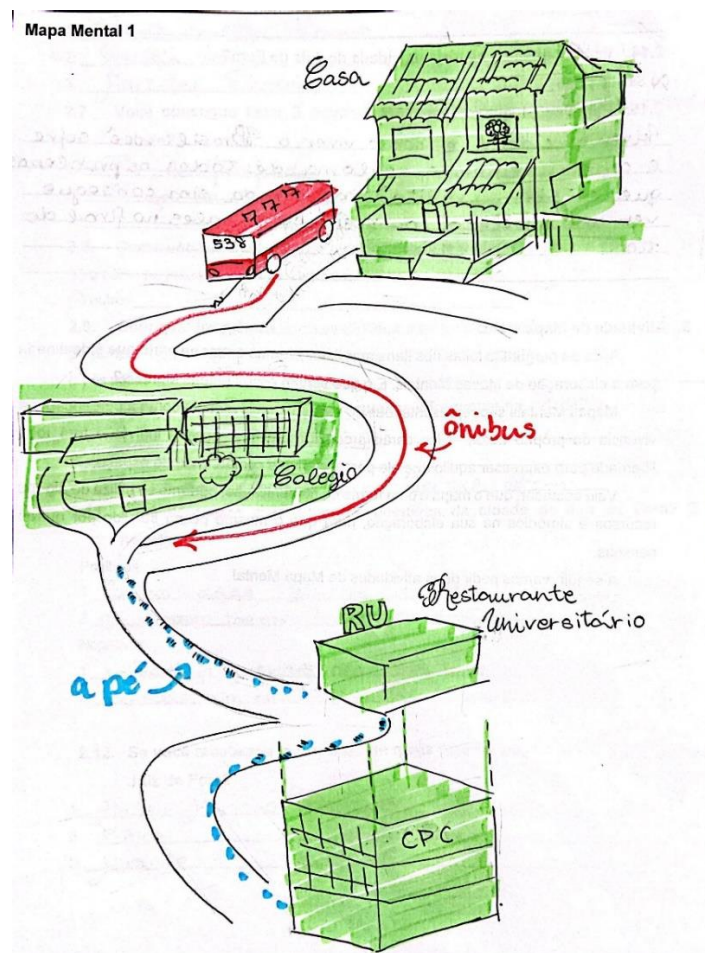
Fonte: Digitalização do próprio autor (2023).

Figura 31 - Mapa mental 2 destacando o carro como forma de deslocamento durante a semana.



Fonte: Digitalização do próprio autor (2023).

Figura 32 - Mapa mental 1 destacando o ônibus e o deslocamento a pé.



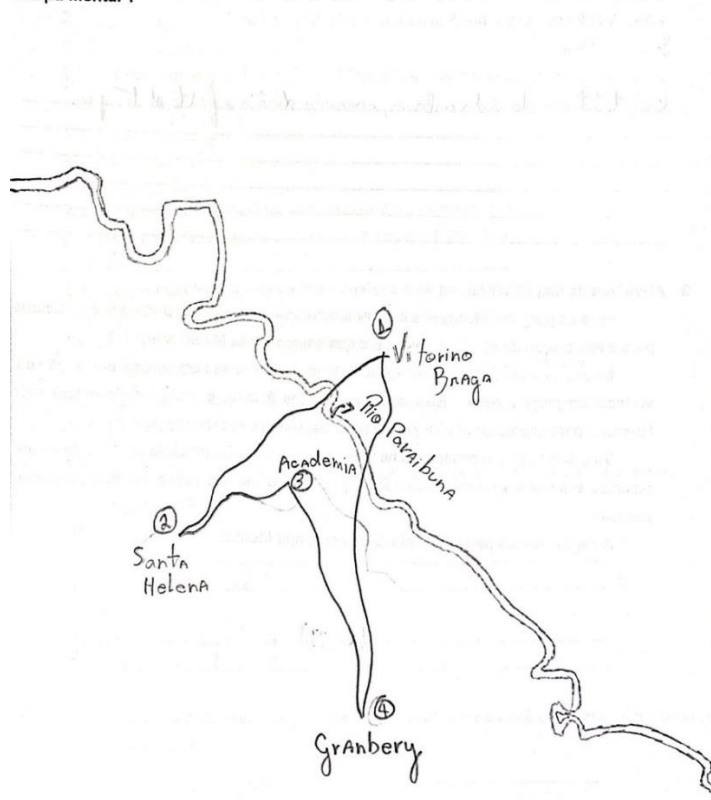
Fonte: Digitalização do próprio autor (2023).

Nesta última figura, além do ônibus, vimos a representação de um caminho que é feito a pé. Esta forma de deslocamento foi citada por 73,8% dos participantes, e apenas dois marcaram somente a opção “a pé”, como meio de deslocamento. De acordo com seus questionários, esses dois jovens moram na Zona Leste da cidade, já moraram em outros bairros, frequentam o Centro três vezes ou mais por semana e conseguiram listar três ruas e três praças da cidade.

O mapa da figura 28 é de um desses jovens, em que pudemos ver duas praças, um shopping e uma avenida interligadas através de desenhos que representam vias, nas quais seguem uma lógica urbana. Se utilizássemos essa representação mental para nos orientar no Centro da cidade, teríamos sucesso e conseguiríamos nos deslocar de uma praça a outra. Já o outro jovem, que se desloca a pé, representou em seu mapa, através de um *limite*, um importante curso d'água que corta a cidade, o Rio Paraibuna. Do bairro em que mora até o Centro, este jovem precisa percorrer a margem esquerda do rio e atravessar alguma ponte, um trajeto com uma paisagem bem típica da cidade de Juiz de Fora (Figura 33):

Figura 33 - Mapa mental 1 destacando o Rio Paraibuna

Mapa Mental 1

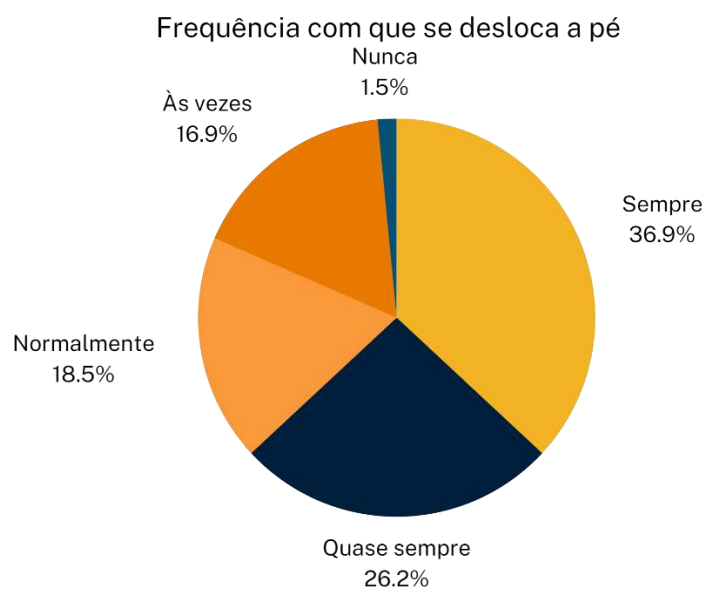


Fonte: Digitalização do próprio autor (2023).

Essas duas representações que destacamos — figuras 28 e 33 — servem para reforçar o pressuposto de que o andar a pé pela cidade contribui para uma maior apreensão do espaço. Os sujeitos que caminham pela cidade têm a chance de se depararem com ocasiões únicas, eles olham do ponto de vista de quem anda.

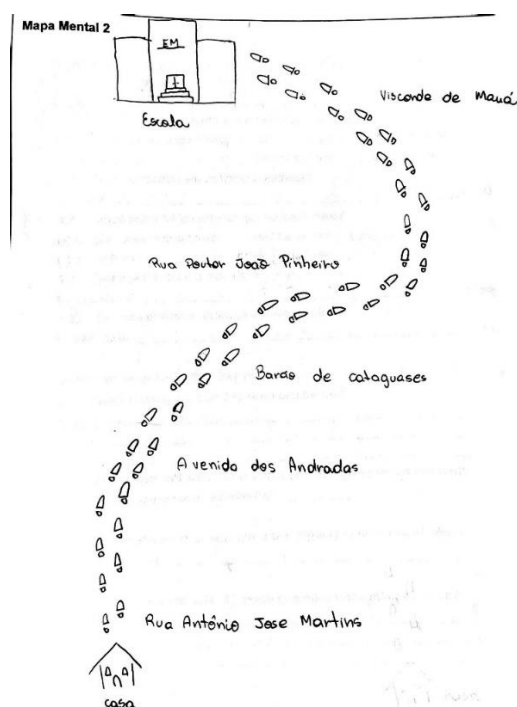
A seguir, apresentaremos a frequência com que os participantes se deslocam a pé pela cidade (Gráfico 5) e um mapa ilustrando o trajeto casa-escola, em que feito completamente a pé (Figura 34):

Gráfico 5 - Frequência com a qual os participantes se deslocam a pé pela cidade



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2023).

Figura 34 - Mapa Mental 2 ilustrando o trajeto casa-escola.



Fonte: Digitalização do próprio autor (2023).

Em todos os mapas que apareceram até agora, percebemos algumas áreas geográficas, lugares e estabelecimentos aparecendo constantemente entre eles, o que nos mostra que determinados espaços são comuns na rotina dos jovens. Através dessas representações, poderíamos listar alguns desses espaços, no entanto isto já foi feito por meio de um levantamento dos lugares mais frequentados na cidade (Tabela 5):

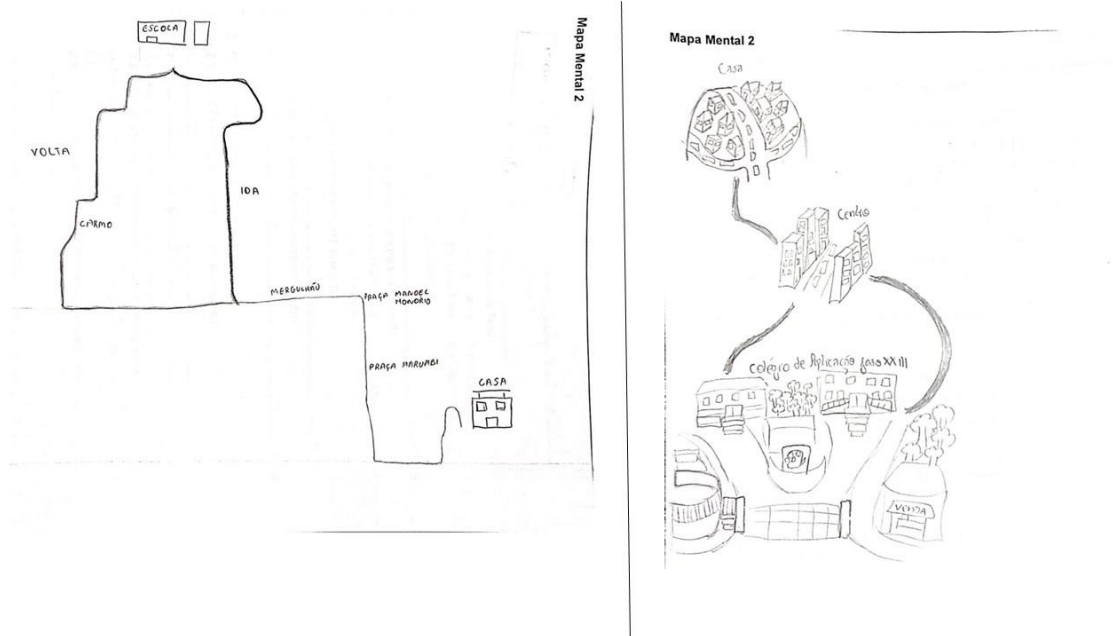
Tabela 5 - Lista dos lugares mais frequentados pelos participantes na cidade de Juiz de Fora

Lugares	Vezes citados
Colégio de Aplicação João XXIII	49
Shopping centers	27
Academia	11
Curso (em geral)	11
Calçadão da rua Halfeld	10

Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2023).

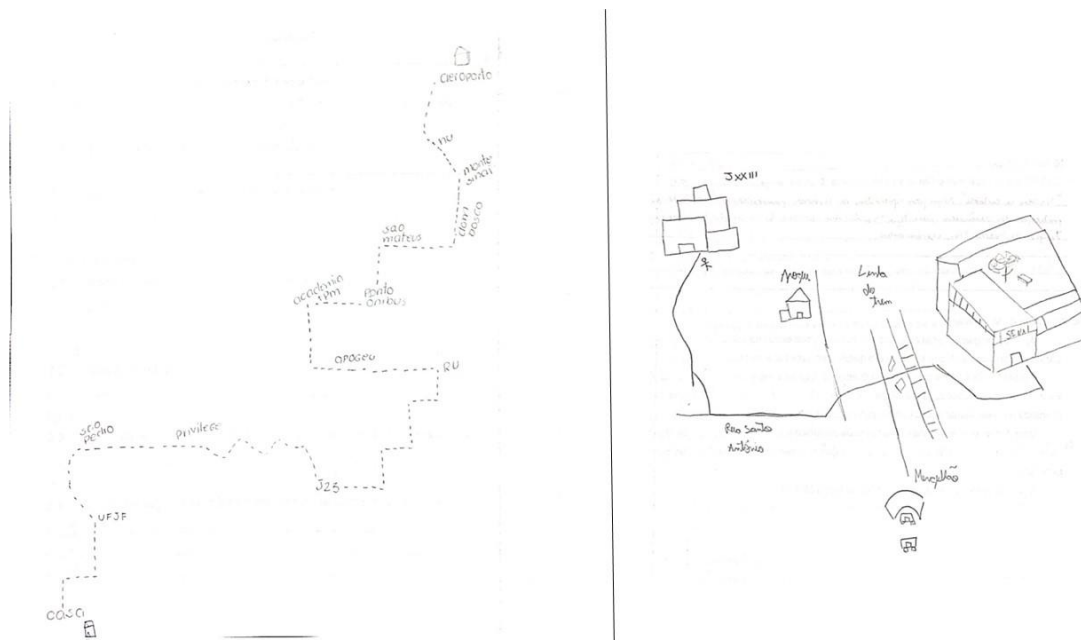
Esses lugares são citados e representados nos mapas abaixo (Figuras 35, 36, 37 e 38):

Figura 35 - Mapas Mentais 2 representando partes da cidade



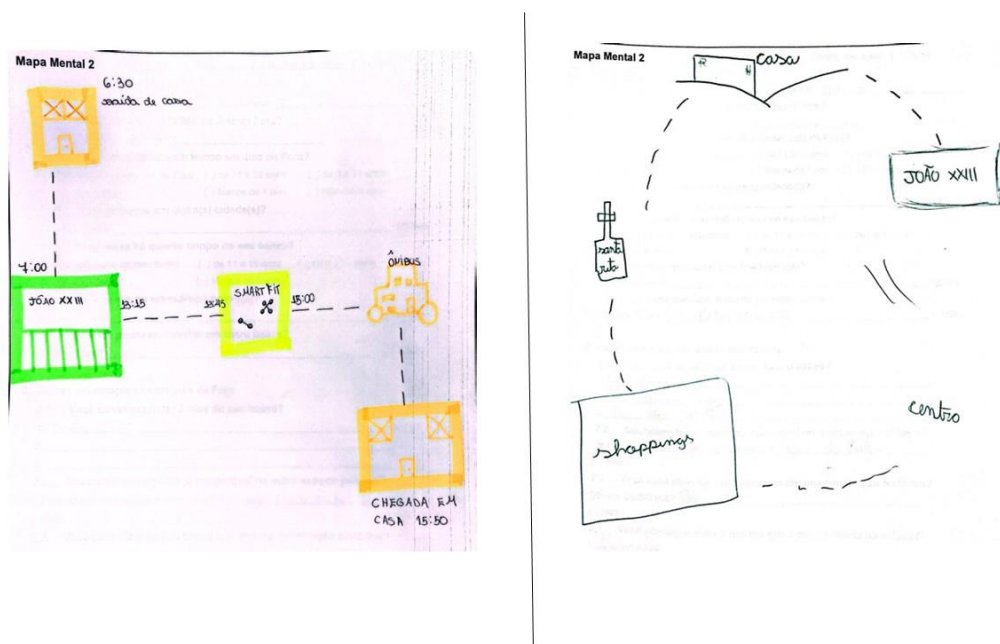
Fonte: Digitalização do próprio autor (2023).

Figura 36 - Mapas Mentais 2 destacando alguns trajetos



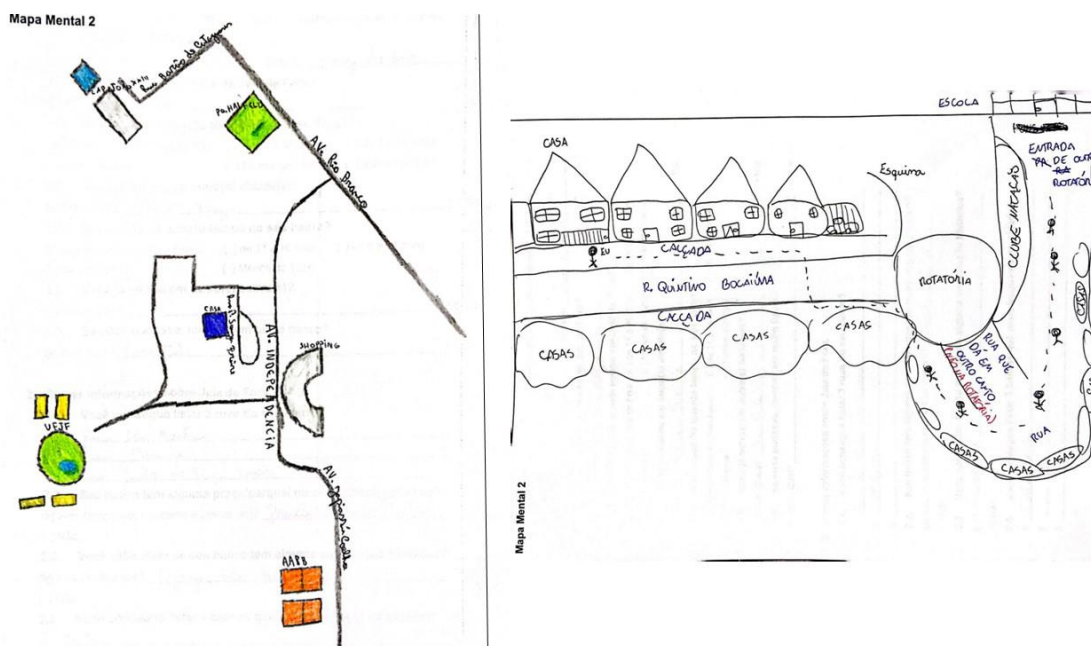
Fonte: Digitalização do próprio autor (2023).

Figura 37 - Mapas Mentais 2



Fonte: Digitalização do próprio autor (2023).

Figura 38 - Mapas Mentais 2 com destaques para ruas e avenidas



Fonte: Digitalização do próprio autor (2023).

O questionário levantou algumas informações sobre pontos positivos e negativos da cidade de Juiz de Fora. Foi pedido aos participantes que citassem dois pontos positivos e dois negativos, o que nos pareceu ser uma questão bem ampla e pessoal, mas foi possível encontrar algumas opiniões semelhantes (Tabela 6):

Tabela 6 - Pontos positivos e negativos mais citados pelos participantes e a quantidade de vezes citados

Pontos Positivos	Pontos negativos
Comércio (17)	Buracos em vias públicas (22)
UFJF (17)	Transporte Público (18)
Espaços de lazer (9)	Trânsito (13)
Natureza (8)	Violência/ Segurança (10)
Empregos (7)	Poluição (8)

Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2023).

Além dessa, no questionário foi lançada uma pergunta que soava como um desafio para o jovem, no qual precisava ter um conhecimento sobre a cidade e, de certa forma, uma experiência de campo nesses locais. A pergunta era: “Se você recebesse um turista, em quais lugares você o levaria para conhecer Juiz de Fora?”. Aqui, os participantes puderam colocar três lugares (Tabela 7):

Tabela 7 - Lugares que os participantes levariam turistas

Lugares	Vezes citados
Parque da Lajinha	31
Museu Mariano Procópio ³⁶	26
Morro do Cristo (Mirante)	23
UFJF	20
Shopping centers	20
Jardim Botânico da UFJF	19

Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2023).

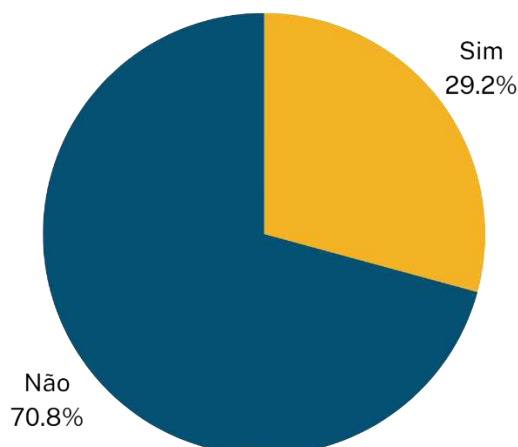
³⁶ O Museu Mariano Procópio abriga um dos maiores acervos do Brasil Imperial e é oficialmente reconhecido como o primeiro museu de Minas Gerais. Ele, sem dúvidas, é um dos principais pontos turísticos de Juiz de Fora, mas o que nos chama atenção é sua alta frequência citada na pesquisa, pois esse museu ficou fechado para obras nos últimos 16 anos, de acordo com o site da Prefeitura de Juiz de Fora. A média de idade dos participantes foi de 17,4 anos, assim, podemos dizer que muitos estudantes não tiveram oportunidade de conhecer esse espaço.

Eliminando os shopping centers e a UFJF, nenhum desses outros lugares, que os participantes levariam um turista, aparecem em seus mapas. No questionário, esses lugares só apareceram como uma indicação, não são espaços frequentados constantemente pelos jovens. O que não causa tanto espanto, pois são pontos considerados turísticos, por isso, a convivência dos jovens com esses espaços apresenta uma dinâmica diferente. A não ser por uma rotina de final de semana, esses espaços não são tão frequentados pelas mesmas pessoas diariamente.

Entrando na fase final de análise e interpretação dos dados da pesquisa, vamos trabalhar alguns pontos importantes para continuarmos o entendimento da percepção urbana desses jovens. Assim, em sequência, perguntamos se os participantes conheciam a história da cidade de Juiz de Fora (Gráfico 6):

Gráfico 6 - Número de participantes que conhecem a história da cidade

Participantes que conhecem a história da cidade



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2023).

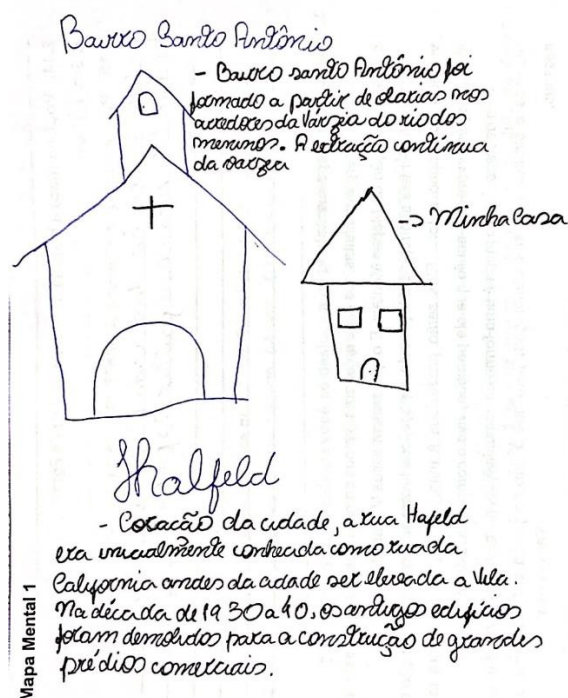
Como é observado no gráfico acima, a maioria dos participantes não conhecem a história da cidade de Juiz de Fora, são 46 alunos que não tem conhecimento do grandioso passado da cidade, que já foi cogitada a ser capital de Minas, por conta da sua influência para além do Estado. Apenas 19 alunos marcaram que tem esse tipo de conhecimento sobre a cidade.

Conhecer a história e saber da memória da cidade faz com que as relações entre os espaços urbanos sejam mais íntimas e familiares. A experiência com a cidade se torna mais profunda, pelo fato de ter conhecimento

cultural e histórico dos lugares percebidos e vividos em cada etapa da rotina urbana. O aluno que já apresenta uma compreensão histórica da cidade tem capacidade de apreendê-la com mais facilidade, pois sua experiência com o espaço, além de física, está no campo mental, da lembrança e da memória.

Em um dos mapas, o autor representou três lugares da cidade, Rua Halfeld, bairro Santo Antônio e sua casa, onde ele escreveu um pouco sobre a história dos dois primeiros lugares. Sobre o bairro Santo Antônio, representou-se uma capela, a capela de Santo Antônio da Boiada, lugar das primeiras povoações da cidade. Já na representação da Halfeld, o mapa conta, de alguma maneira, a história da rua, que hoje leva o nome de uma figura importante para a história geográfica da cidade. A seguir, na Figura 39, podemos observar tais fatos:

Figura 39 - Mapa Mental 1 representando dois lugares importantes para a história da cidade



Fonte: Digitalização do próprio autor (2023).

Com quase todas as perguntas feitas no questionário, em que muitas, ou quase todas, trataram sobre Juiz de Fora, tivemos a curiosidade de saber qual a primeira imagem que vem à cabeça dos participantes, quando eles pensam na cidade. Chegamos nas seguintes respostas (Tabela 8):

Tabela 8 - Imagem que vem à cabeça dos participantes quando se pensa na cidade de Juiz de Fora

Imagens que vem à cabeça	Vezes citadas
Rio Paraibuna com capivaras ao redor	18
Calçadão da rua Halfeld	7
Atentado contra o ex-presidente Jair M. Bolsonaro (Facada)	6
Centro da cidade	4
Parque Halfeld	3

Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2023).

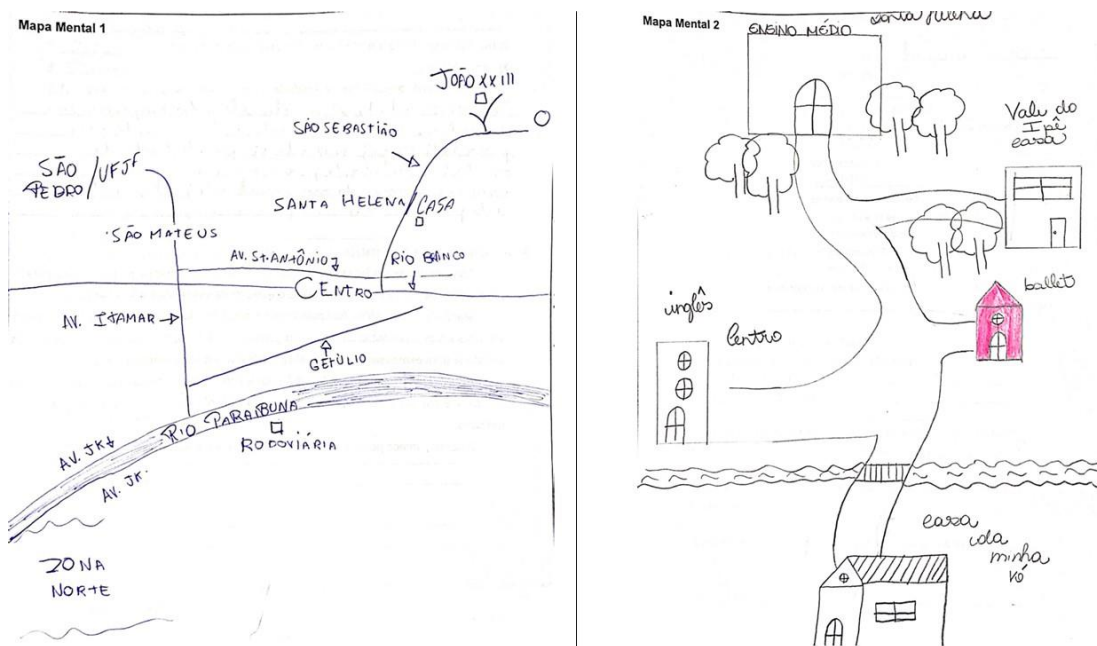
A presença de capivaras pelas margens, ou como diz alguns juizforanos, a “orla do Paraibuna”, são fatos corriqueiros na vida de quem frequenta as avenidas que ladeiam o rio. Certamente, quem mora na cidade já viu uma capivara na beira do rio, ou até já passou por alguma situação que a envolva. E desassociá-la do Rio Paraibuna, não é algo comum, pois este percorre quase toda a cidade.

Este rio faz parte da paisagem e da história juizforana, pois quando Henrique Halfeld — engenheiro que dá nome a tão citada Rua Halfeld — construiu a Estrada do Paraibuna, ele teve contato com a área que, pouco tempo depois, tornaria a cidade de Juiz de Fora. Essa área que viria a ser uma cidade, fazia parte da margem direita do Rio Paraibuna, “no lado direito, percebia uma outra situação, não só relativamente a uma moderna estrada de rodagem, como, também, dar origem a um povoado capaz de projeções para o futuro” (BASTOS, 2004, p.151).

A margem direita, com o tempo, desenvolveu-se com a criação de inúmeros bairros, e a margem esquerda, não diferente, foi ampliando seus núcleos de povoamento até concretizar a cidade como um todo. E, entre elas, passa um solene curso d’água, que já foi homenageado como nome do vilarejo, Santo Antônio do Paraibuna.

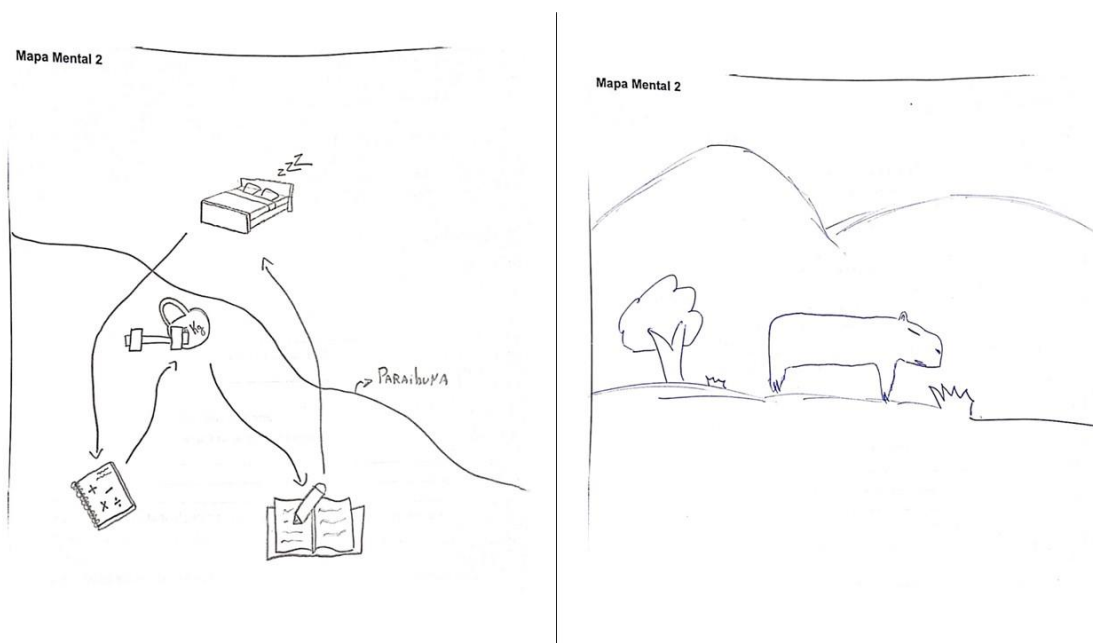
Em alguns mapas, notamos a representação deste rio (Figura 40 e 41):

Figura 40 - Mapa Mental 1 e Mapa Mental 2 com representações do Rio Paraíba.



Fonte: Digitalização do próprio autor (2023).

Figura 41 - Mapas Mentais 2 com representações do Rio Paraíba



Fonte: Digitalização do próprio autor (2023).

Por fim, aos participantes, foi perguntado o que era “viver a cidade”. Assim, selecionamos algumas respostas para serem apresentadas aqui no texto:

- “Viver a cidade é viver em um espaço, em que todos tenham acesso aos espaços de lazer e de trabalho/estudo de forma

igualitária, e que tenham seus direitos contemplados (como acesso à moradia, trabalho, transporte público, saúde e educação de forma digna), em suma, que todos os cidadãos possam usufruir do que a cidade tem a oferecer”;

- “Viver a cidade significa aproveitar os espaços fornecidos pela cidade e participar da dinâmica presente. O indivíduo usufrui desses aspectos ao mesmo tempo que busca sua sobrevivência”
- “Para mim, viver a cidade é desfrutar do que a cidade tem a oferecer e conviver diariamente com as pessoas que vivem na cidade”;
- “Para mim, é desfrutar do espaço urbano, espaços públicos e as relações sociais. Estar longe e perto, ao mesmo tempo, das pessoas por conta da correria diária e da falta de tempo”;
- “Para mim, viver a cidade é conhecê-la e aproveitar desse conhecimento. É passear pela cidade, pelos seus pontos turísticos e viver suas histórias”;
- “Viver a cidade para mim é conhecer cada canto e ao longo dos tempos ver a mudança positiva ou negativa ocorrendo”;
- “Para mim, viver a cidade é estar em constante mudança e experienciar coisas novas todos os dias, sejam elas boas ou ruins. Estar descobrindo todo dia lugares novos e pessoas novas”.

Podemos notar, através das respostas que apareceram no questionário, que os jovens relacionam a vida na cidade com a utilização, ocupação e aproveitamento dos espaços urbanos. Além de desfrutar, alguns falam da necessidade de conhecer cada um desses lugares, como se isso fosse uma forma deles se sentirem parte da cidade, de saber que estão vivendo a cidade. Viver a cidade vai além de viver na cidade. Não se restringe apenas em viver num determinado local, estamos falando de viver o local como um todo, de ter oportunidades e ocasiões com os espaços, com as pessoas, com as histórias e, assim, acabar fazendo parte da memória.

Nas respostas, conseguimos perceber a consciência que os jovens têm sobre a importância de estar frequente nos espaços da cidade, de ter direito

àquilo que é público. Essa consciência contribui para a compreensão urbana, pois o fato de entender a importância de usufruir tudo o que a cidade lhe dispõe, faz com que as experiências e as percepções sejam adquiridas de forma lúcida, honesta e crítica. Com tudo que foi levantado, representado e analisado, fomos capazes de conhecer a rotina urbana desses jovens escolares, assim como suas percepções, através de seus espaços vividos e de suas experiências com a cidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao findar, a pesquisa nos direcionou para algumas últimas considerações sobre a cidade, sobre os jovens e, principalmente, sobre suas percepções. Destacamos que esses direcionamentos apontam caminhos que poderão ser percorridos por futuras pesquisas que envolvam essa temática.

Antes das últimas considerações, é importante comentar sobre algumas dificuldades no decorrer da pesquisa. Podemos iniciar falando sobre o confinamento devido a pandemia de Covid-19, o que distanciou os pesquisadores de seus espaços de estudo, fazendo necessário um esforço maior e um companheirismo para manter as pesquisas em dia. Durante o trabalho de campo, percebemos a falta de interesse de alguns participantes em produzir os mapas mentais, alegando não terem técnicas de desenho, assim, alguns não o fizeram ou preferiram fazer esquemas escritos. Contudo, apesar de algumas poucas adversidades, foi possível dar sequência e finalizar a pesquisa.

Um dos pontos a se destacar diz respeito a experiência urbana dos jovens, que está sendo praticada dia após dia, através de tudo que eles “sofrem” na/com a cidade — aqui o verbo sofrer significa sentir, passar. Do momento em que saem de casa até sua volta, todos os participantes colocam seu corpo em dinâmica com a cidade de Juiz de Fora. Com isso, podemos dizer que as experiências vão se acumulando, o que pode fazer gerar novas percepções.

A cidade de Juiz de Fora, devido suas características de cidade média, ainda concentra muitas atividades, seja no comércio, no serviço, no lazer e até na saúde. Essa concentração, como o próprio significado da palavra diz, converge essas atividades para um certo ponto, o centro da cidade, logo, ao convergir tais atividades, concentra-se também os habitantes de Juiz de Fora. Assim, a frequência dos jovens escolares, como todos outros habitantes da cidade, é alta na região central de Juiz de Fora.

Notamos também, que o deslocamento pela cidade por meio de transporte público, acaba direcionando muitos jovens para o centro da cidade, fazendo deste espaço, em alguns casos, um lugar de passagem. A grande maioria das linhas de ônibus passam pelo centro, assim, aos que utilizam esse transporte, fica inevitável percorrer por essa parte da cidade.

A proximidade do bairro Santa Helena, local onde se encontra o colégio, com o bairro Centro, é um fator determinante para a rotina do jovem. Devido sua idade avançada, em relação aos outros estudantes, eles se deslocam a pé com mais liberdade e segurança entre os bairros próximos, seja para voltar para casa, ir até ao encontro do ônibus, fazer alguma coisa no centro, entre outras coisas. Isso mostra e recorta um pouco dos percursos diários feitos pelos sujeitos da pesquisa.

Uma das coisas mais importantes observadas durante a pesquisa se relaciona às experiências dos jovens escolares, que citamos previamente em alguns parágrafos. O cotidiano dos jovens acaba criando experiências coletivas entre eles, portanto, podemos perceber similaridades nas vivências espaciais, nos lugares frequentados e, em alguns casos, nos trajetos percorridos pela cidade. Isso é notado, principalmente, no cotidiano dos dias de semana, que se resume, em essência, ao colégio. Já para os dias que não têm aula, nos finais de semana, conseguimos perceber particularidades nas rotinas, o que demonstra experiências individuais dos participantes.

As experiências com características comuns e as experiências com suas especificidades aparecem na pesquisa de forma clara e objetiva — apesar de todo caráter subjetivo já elucidado anteriormente. Quando elegemos a cidade, como um dos lugares de estudo e análise, sabíamos que ela é um todo, um conjunto, uma entre tantas outras cidades, porém, ela não é vista, apreendida e experienciada da mesma forma. Esta afirmação é sustentada pelas diferentes percepções e representações que apareceram nos mapas mentais, mostrando não o todo da cidade, mas suas partes.

A percepção da cidade pelos jovens está relacionada a essas experiências discutidas, que são adquiridas durante seus dias vividos no espaço urbano. Por meio dos mapas mentais, pudemos conhecer e fazer algumas análises dos lugares frequentados, dos caminhos percorridos, dos espaços vividos e das representações afetivas sobre a cidade de Juiz de Fora.

As representações e percepções não se limitam. Como perspectivas futuras, poderíamos pensar em estudos que direcionassem a fundo uma análise da percepção urbana do centro da cidade, focando no conhecimento urbano que os jovens têm dessa área. Há possibilidade de esclarecer, por meio dos mapas mentais reproduzidos pelos jovens, a história geográfica da cidade de Juiz de

Fora. Além disso, poderíamos explorar como essas percepções ajudariam nas aulas de geografia, ou como os mapas seriam fundamentais para conversar e colaborar com outras temáticas geográficas presentes no ensino escolar. E se pensássemos para além do que foi representado? Quais são os vazios da cidade? O que os jovens não representam em seus mapas? São perguntas que dialogam com a pesquisa e podem inquietar os futuros leitores ou pesquisadores interessados nas temáticas estudadas neste trabalho.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, S. L. **Espaço público: do urbano ao político**. São Paulo: Annablume Fapesp, 2008.
- ABREU, M. DE A. Sobre a memória das cidades. **Revista Território**, v. ano III, n. nº 4, p. 26, 1998.
- ALBERTO, K. C. et al. **Arquitetura e urbanismo em Juiz de Fora**. Juiz de Fora, MG: FUNALFA: Ed. UFJF, 2016.
- _____. **Praças de Juiz de Fora: catálogo de espaços públicos**, 2020. Juiz de Fora, MG: Editora UFJF/PROAC Publicações, 2021.
- ARRAIS, T. A. **Seis Modos de Ver a Cidade**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2017.
- BEIGUELMAN, G. **Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana**. São Paulo: ECidade, 2020.
- BENJAMIN, W. **Baudelaire e a modernidade**. 1 ed. 3. r ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- BESSE, J. O gosto do mundo: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014)
- CARDIM, L. N. **A ambiguidade na Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty**. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 1999, 2007.
- CARERI, F. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. 1ª ed. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.
- CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São PauLo: FFLCH, 2007.
- _____. **A Cidade**. 9. ed. São PauLo: Contexto, 2019.
- CARMO, P. S. DO. **Merleau-Ponty: uma introdução**. São Paulo: EDUC- Editora da PUC-SP, 2000.
- CAVALCANTI, L. DE S. A cidadania, o direito à cidade e a geografia escolar: elementos de geografia para o estudo do espaço urbano. **Revista GEOUSP**, v. 3, n. 1, 1999.
- CAVALCANTI, L. DE S. Jovens escolares e a cidade: Concepções e práticas espaciais urbanas cotidianas. **Caderno Prudentino de geografia**, v. Especial, n. 35, 2013.
- DANTAS, M. Portinari para Todos. **MIS Experience**, São Paulo, 2022.
- DARDEL, E. **O homem e a Terra**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DIAS, F. **As galerias comerciais em Juiz de Fora após os anos 2000: demandas, agentes e projetos**. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído). Faculdade de Engenharia. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, p.193, 2017
- DO RIO, J. **A Alma Encantadora das Ruas**. 2ª ed. São PauLo: Martin Claret, 2013.

ESSÊNCIA. **DICIO, Dicionário Online de Português**, 2021.

FAZOLATTO, D. **Juiz de Fora: imagens do passado**. FUNALFA, Juiz de Fora, 2001.

FERRAZ, I. G. **A cidade**. Youtube. 01/04/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IAWk-qfo7s>. Acesso em: 05/09/2021.

FONSECA, FÁBIO; FILHO, A. C. **A supremacia do pedestre: os calçados e a qualidade urbana na área central de Juiz de Fora**. Juiz de Fora, MG: FUNALFA: Ed. UFJF, 2016.

FREIRE, C. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: SESC: Annablume, 1997.

GASPAR, J.; MARIN, A. A percepção do espaço. *Finisterra*, v. 10, n. 20, 1975.

GEHL, J. **Cidades para pessoas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GIBSON, J. J. **The perception of the visual world**. [s.l.] Greenwood Press, 1950.

GIRARDI, G. et al. Cartografias alternativas no âmbito da educação geográfica. *Revista Geográfica de América Central*, v. 2, n. 47E, 2011.

GOMES, R. C. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GOULD, P.; WHITE, R. **Mental maps**. Routledge, 1986.

GUEDES, G. **Juiz de Fora - Vide Urbe**. Juiz de Fora, MG: Gerson Guedes, 2012.

HARLEY, J. B. A nova história da cartografia. *O correio da UNESCO*, v. 19, n. 8, p. 4-9, 1991.

HOLZER, W. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: A crônica dos viajantes no Brasil do século XVI**. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

_____. Mundo e Lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: **Qual o espaço do lugar? :geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

KOZEL, S. Comunicando e representando: mapas como construções socioculturais. *Geograficidade*, v. 3, n. 1, p. 58-70, 2013.

_____, S. **Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba, a "capital ecológica"**. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

_____.; GALVÃO, W. Representação e ensino de geografia: contribuições teórico-metodológicas. *Ateliê Geográfico*, v. 2, n. 3, p. 33-48, 2008.

LEFEBVRE, H. **De lo rural a lo urbano (Antologia preparada por Mario Gaviria)**. 4ª ed. Barcelona: Ediciones Península, 1978.

LIMA, A. M. L.; KOZEL, S.. Lugar e mapa mental: uma análise possível. *Geografia*, v. 18, n. 1, p. 207-231, 2009.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. [2.ed].-[Reimpr.]. Rio de Janeiro: E.P.U.,2018.

LUNARDON, K. A. FONSECA. Pandemia e Espaço Público: um destino distópico? I **Seminário Nacional –Urbanismo, Espaço e Tempo**, v. 1, p. 1–5, 2020.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. 3ª edição. WMF Martins Fontes. São Paulo, 2011.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 5ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

NOGUEIRA, A. R. B. **Mapa mental: recurso didático no ensino de geografia no 1º grau**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo. São Paulo, p.208, 1994.

_____. **Percepção e representação gráfica: A "Geograficidade" nos Mapas Mentais dos Comandantes de Embarcações no Amazonas**. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 181, 2001.

OLIVEIRA, L. DE. **Percepção do meio ambiente e geografia: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

PAULINO DE OLIVEIRA. **Efemérides Juizforanas**. Juiz de Fora, MG: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1975.

RICHTER, D. **Raciocínio geográfico e mapas mentais: a leitura espacial do cotidiano por alunos do Ensino Médio**. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, p. 320, 2010.

_____; DE FARIA, G. G. Conhecimento geográfico e cartografia: produção e análise de mapas mentais. **Ateliê Geográfico**, v. 5, n. 1, p. 250-268, 2011.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROSSI, A. **A arquitetura da cidade**. Disponível em: Minha Biblioteca, Grupo Almedina (Portugal), 2016.

SAHB, R. A. Da melancolia ao erotismo na poesia de Manuel Bandeira. 2013.

SÃO PAULO SECRETO. **São Paulo secreto**, 2021. Sampa: o hino de amor de Caetano Veloso por São Paulo. Disponível em: <https://saopaulosecreto.com/sampa-musica-sao-paulo/>. Acesso em: 05/09/2021.

SEEMANN, J. Mapas, mapeamentos e a cartografia da realidade. In: **Geografares**, n. 4, 2003.

SPECK, J. **Cidade Caminhável**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

TEIXEIRA, S. K.; NOGUEIRA, A. R. B. A Geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 13, p. 239-257, 1999.

TUAN, Y.-F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Y. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. 1980

VIANA, M. F. **Á cidade**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017

XAVIER, L. **As galerias comerciais de Juiz de Fora-MG: breve análise do passado aos dias atuais**. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2021.

APÊNDICES

Apêndice A – Questionário Investigativo

Atividade — Questionário de Investigação

1. Informações iniciais.

1.1. Idade: _____

1.2. Sexo: () Feminino () Masculino () Prefiro não dizer () Outro

1.3. Endereço residencial:

Bairro: _____ Cidade: _____

1.4. Você nasceu na cidade de Juiz de Fora?

() Sim () Não, nasci em: _____

1.5. Você mora há quanto tempo em Juiz de Fora?

() sempre morei em Juiz de Fora () de 11 a 16 anos () de 6 a 11 anos

() de 1 a 6 anos () Menos de 1 ano () Não moro aqui

1.6. Você já morou em outra(s) cidade(s)?

() Sim. Quais? _____ () Não

1.7. Você mora há quanto tempo no seu bairro?

() sempre morei no meu bairro () de 11 a 16 anos () de 6 a 11 anos

() de 1 a 6 anos () Menos de 1 ano

1.8. Você já morou em outro(s) bairro(s)?

() Sim. Quais? _____ () Não

1.9. Se você pudesse, moraria em outro bairro?

() Sim. Qual? _____ () Não

2. Outras informações sobre Juiz de Fora.

2.1. Você consegue listar 3 ruas do seu bairro?

1: _____

2: _____

3: _____

2.2. Seu bairro tem alguma praça/parque/ ou outro espaço público?

() Sim. Qual nome (ou como é conhecido)? _____

() Não.

2.3. Você sabe dizer se seu bairro tem alguma construção histórica?

() Sim. Qual/O quê? _____

() Não.

2.4. Você consegue listar 3 bairros que mais frequenta na cidade?

1: _____

2: _____

3: _____

2.5. Com qual frequência você vai ao centro da cidade?

- 3x por semana ou mais 2x por semana 1x por semana
 3x por mês 2x por mês 1x por mês ou menos

2.6. Você consegue listar 3 ruas do centro da cidade?

- 1: _____
2: _____
3: _____

2.7. Você consegue listar 3 praças/parques/outro espaço público do centro da cidade?

- 1: _____
2: _____
3: _____

2.8. Como você se desloca pela cidade? (pode marcar mais de uma opção)

- a pé transporte público carro moto bicicleta
 outro: _____

2.9. Com qual frequência você se desloca a pé pela cidade?

- sempre quase sempre normalmente
 às vezes raramente nunca

2.10. Você consegue listar 3 lugares que mais frequenta na cidade?

- 1: _____
2: _____
3: _____

2.11. Você consegue citar 2 pontos positivos da cidade de Juiz de Fora? E 2 negativos?

Positivos:

- 1 _____
2 _____

Negativos:

- 1 _____
2 _____

2.12. Se você recebesse um turista, em quais lugares você o levaria para conhecer Juiz de Fora?

- 1: _____
2: _____
3: _____

2.13. Quando você pensa na cidade de Juiz de Fora, qual é a primeira imagem que vem à cabeça?

2.14. Você conhece a história da cidade de Juiz de Fora?

() Sim () Não

2.15. Para você, o que é “viver a cidade”?

3. Atividade de Mapa mental.

Após as perguntas feitas nos itens anteriores, vamos entrar na parte que é destinada para a elaboração de Mapas Mentais. E o que seriam esses Mapas Mentais?

Mapas Mentais são representações do espaço, que levam em conta a percepção e a vivência do próprio autor. Eles serão produzidos à mão, e cada indivíduo terá toda liberdade para expressar aquilo que ele percebe, vive e compreende do espaço.

Vale destacar, que o mapa é uma forma de comunicação, portanto se utiliza de alguns recursos e símbolos na sua elaboração, para que o mesmo possa ser lido por outras pessoas.

A seguir, vamos pedir duas atividades de Mapa Mental.

- 3.1. Produza um mapa mental da cidade de Juiz de Fora, tendo como destaque lugares que você frequenta.

Mapa Mental 1



- 3.2. De acordo com suas rotinas, experiências e costumes, produza um mapa mental dos trajetos que você percorre pela cidade.

Mapa Mental 2



Apêndice B – Termo de Autorização de pais ou responsáveis

PROGRAMAS DE
PÓS-GRADUAÇÃO INSTITUTO
DE CIÊNCIAS HUMANAS



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PAIS OU RESPONSÁVEIS

Solicitamos autorização dos pais ou responsáveis para realização de uma pesquisa de mestrado, do acadêmico: Gustavo Amaral Barbosa, orientado pelo Professor Doutor Wagner Barbosa Batella, tendo como título preliminar “Percepções sobre a cidade de Juiz de Fora (MG) e suas representações por meio de mapas mentais”.

O Objetivo Geral da pesquisa é: conhecer e analisar as percepções que os jovens escolares têm sobre Juiz de Fora e como eles a representam por meio de mapas mentais. Os objetivos específicos são: discutir a relação cotidiana dos jovens com a cidade e entender a cidade através das percepções de quem a frequenta.

A coleta de dados será feita através de um questionário investigativo, que será aplicado durante uma aula de Geografia. A presente atividade é fundamental para a conclusão do Mestrado em Geografia, do Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Eu _____, responsável legal, na qualidade de _____ (pai, mãe ou tutor), do aluno _____, AUTORIZO sua participação na pesquisa.

Juiz de Fora, 3 de maio de 2023

Gustavo Amaral Barbosa

Wagner Barbosa Batella

Representante concedente da pesquisa

Apêndice C – Termo de Assentimento livre e esclarecido

PROGRAMAS DE
PÓS-GRADUAÇÃO INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS

**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Gostaríamos de convidar você a participar da pesquisa de mestrado, do acadêmico: Gustavo Amaral Barbosa, orientado pelo Professor Doutor Wagner Barbosa Batella, tendo como título preliminar “Percepções sobre a cidade de Juiz de Fora (MG) e suas representações por meio de mapas mentais”. O Objetivo Geral da pesquisa é: conhecer e analisar as percepções que os jovens escolares têm sobre Juiz de Fora e como eles a representam por meio de mapas mentais. Os objetivos específicos são: discutir a relação cotidiana dos jovens com a cidade e entender a cidade através das percepções de quem a frequenta.

A coleta de dados será feita através de um questionário investigativo, que será aplicado durante uma aula de Geografia. Neste questionário, você responderá algumas perguntas e produzirá dois mapas mentais sobre Juiz de Fora.

A sua participação na pesquisa é voluntária, caso queira participar deixamos este termo de assentimento para que você assine, e um termo de autorização para seus pais ou responsáveis. O pesquisador não vai identificar nenhum aluno pelo nome, o questionário não pede esse tipo de identificação. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Juiz de Fora, 8 de maio de 2023

Gustavo Amaral Barbosa

Wagner Barbosa Batella

Assinatura do Aluno